



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Objetivos de
Desenvolvimento
Sustentável



Violência escolar e *bullying*:

relatório sobre a situação mundial

Publicado em 2019 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 7, place de Fontenoy, 75352 Paris 07 SP, França, e Representação da UNESCO no Brasil.

© UNESCO 2019



Esta publicação está disponível em acesso livre ao abrigo da licença Atribuição-Partilha 3.0 IGO (CC-BY-SA 3.0 IGO) (<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/igo/>). Ao utilizar o conteúdo da presente publicação, os usuários aceitam os termos de uso do Repositório UNESCO de acesso livre (<http://unesco.org/open-access/terms-use-ccbysa-en>).

Título original: School Violence and Bullying: Global Status Report, publicado em 2017 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

As ideias e opiniões expressas nesta publicação são as dos autores e não refletem obrigatoriamente as da UNESCO nem comprometem a Organização.

Créditos da versão original:

Foto da capa: GagliardiImages/Shutterstock.com

Infográfico: Ben Stanford p. 14; p. 15; p. 16; p. 19; p. 21; p. 24; p. 27; p. 31; p. 33; p. 51 e figura 1. na p. 29

Projeto gráfico: UNESCO

Créditos da versão em português:

Coordenação técnica da Representação da UNESCO no Brasil:

Marlova Jovchelovitch Noleto, Diretora e Representante

Maria Rebeca Otero Gomes, Coordenadora do Setor de Educação

Tradução: Evelyn Petersen

Revisão técnica: Mariana Braga, Setor de Educação da UNESCO no Brasil

Revisões gramatical, ortográfica, bibliográfica, editorial e diagramação: Unidade de Comunicação, Informação Pública e Publicações da Representação da UNESCO no Brasil

Violência escolar e *bullying*: relatório sobre a situação mundial. –
Brasília : UNESCO, 2019.

54 p., il.

Título original: School violence and bullying: global status report

ISBN: 978-85-7652-227-0

1. Bullying 2. Violência 3. Violência em escolas 4. Estudantes
5. Crianças 6. Adolescentes 7. Estatísticas educacionais I. UNESCO

CDD 371.58

Violência escolar e *bullying*:

relatório sobre a situação mundial

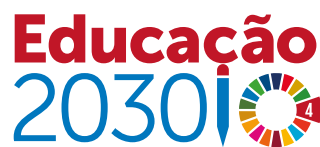
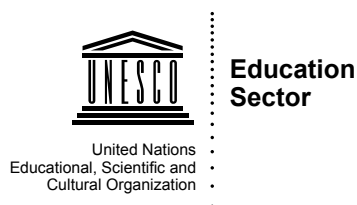
Relatório apresentado no Simpósio Internacional sobre Violência Escolar e *Bullying*: das Evidências à Ação, Seul, República da Coreia, de 17 a 19 de janeiro de 2017

Setor de Educação da UNESCO

A educação é uma das prioridades da UNESCO, pois é um direito humano fundamental e a base para a construção da paz e a promoção do desenvolvimento sustentável. A UNESCO é a agência das Nações Unidas especializada em educação, e seu Setor de Educação oferece liderança global e regional nessa área, fortalece os sistemas educacionais nacionais e responde aos atuais desafios globais por meio da educação, com foco especial em igualdade de gênero e África.

Agenda Global Educação 2030

Por ser a agência da ONU especializada em educação, a UNESCO ficou encarregada de liderar e coordenar a Agenda de Educação 2030, que faz parte de um movimento global para erradicar a pobreza por meio de 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), até 2030. Dedicado à educação – essencial para atingir essas metas –, o ODS 4 tem a finalidade de “assegurar a educação inclusiva e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”. O Marco de Ação da Educação 2030 fornece orientação para a implementação desses ambiciosos compromissos e objetivo.



Sumário

Prefácio	5
Agradecimentos.....	6
Lista de siglas	7
Resumo.....	8
1. Introdução.....	12
1.1 Contexto e justificativa	12
1.2 Objetivo e estrutura.....	13
2. O problema.....	14
2.1 Definição de violência escolar e de <i>bullying</i>	14
2.2 Abrangência da violência escolar e do <i>bullying</i>	21
2.3 Impacto da violência escolar e do <i>bullying</i>	27
3. A resposta	31
3.1 Liderança.....	33
3.2 Ambiente escolar	37
3.3 Capacitação	38
3.4 Parcerias	41
3.5 Serviços e apoio.....	45
3.6 Dados, monitoramento e avaliação.....	48
3.7 Exemplos de programas.....	48
4. Ações prioritárias.....	51
Bibliografia.....	54

Prefácio

Todas as formas de violência escolar e *bullying* violam o direito fundamental à educação e, da mesma forma, ambientes de aprendizagem não seguros reduzem a qualidade da educação para todos os estudantes. Nenhum país será capaz de atingir uma educação inclusiva e de qualidade se os estudantes estiverem expostos à violência na escola. A violência escolar e o *bullying* também podem afetar seriamente a saúde e o bem-estar de crianças e adolescentes, com consequências negativas que persistem até a idade adulta.

O presente relatório foi elaborado pela UNESCO e pelo Instituto de Prevenção à Violência Escolar da Universidade de Mulheres Ewha, para o Simpósio Internacional sobre Violência Escolar e *Bullying: Das Evidências à Ação*, realizado de 17 a 19 de janeiro de 2017, em Seul (República da Coreia). Seu objetivo consiste em fornecer um panorama dos dados mais recentes disponíveis sobre a natureza, a abrangência e o impacto da violência escolar e do *bullying*, bem como sobre as iniciativas que abordam o problema.

O simpósio faz parte de uma série de encontros internacionais organizados pela UNESCO para tratar da violência escolar e do *bullying*, tendo como finalidade encorajar educadores, formuladores de políticas, profissionais e praticantes nas áreas da educação, saúde e outros setores a fundamentarem suas ações em evidências. O relatório visa, portanto, apresentar às partes interessadas do setor da educação um marco de ação para o planejamento e a implementação de programas efetivos de prevenção e combate à violência escolar e *bullying*, no contexto mais amplo de esforços direcionados ao combate à violência contra crianças.

O simpósio representa uma importante oportunidade para a comunidade internacional determinar de que forma irá implementar e seguir as recomendações do secretário-geral da ONU e de seu representante especial sobre Violência contra Crianças, sobre a proteção de crianças e jovens contra violência e *bullying*. Também é uma oportunidade para se considerar a utilização dos dados e evidências existentes para monitorar a violência escolar e o *bullying*, bem como a eficácia das respostas a esse problema. A UNESCO e o Instituto de Prevenção à Violência Escolar da Universidade de Mulheres Ewha esperam que este relatório realize uma contribuição essencial, ao promover a conscientização sobre a questão e ao mobilizar ações para eliminar a violência escolar e o *bullying*.



Qian Tang
Ex-diretor-geral adjunto para Educação
UNESCO (2009-2017)

Agradecimentos

A UNESCO e o Instituto de Prevenção à Violência Escolar da Universidade de Mulheres Ewha agradecem pela contribuição financeira da UNESCO e do Ministério da Educação da República da Coreia, por meio do Fundo da Fundação Nacional de Pesquisa da Coreia, a qual possibilitou este trabalho sobre prevenção e combate à violência escolar e ao *bullying*.

Este “Relatório sobre a situação global da violência escolar e *bullying*” é fruto de um esforço conjunto, possibilitado pelo apoio e pelos conselhos recebidos de muitas pessoas e organizações. Ele foi elaborado sob a supervisão geral de Soo-Hyang Choi, diretor do Departamento de Inclusão, Paz e Desenvolvimento Sustentável da UNESCO, com o apoio de Christopher Castle, chefe do Setor de Saúde e Educação da UNESCO, e desenvolvido pela consultora Kathy Attawell.

O relatório se beneficia de dados importantes extraídos de inúmeras fontes, em particular do relatório “Protecting children from bullying”, do secretário-geral da ONU (2016). Outras contribuições valiosas foram fornecidas por Jae Young Chung (Universidade de Mulheres Ewha), You Kyung Han (Universidade de Mulheres Ewha), Taehoon Kang (Universidade Sungshin), Juhyoung Park (Universidade Nacional de Educação de Gyeongin), Joshua Ryoo (Universidade Kookmin) e Tae Seob Shin (Universidade de Mulheres Ewha).

A UNESCO e a Universidade de Mulheres Ewha dedicam um agradecimento especial à sua equipe de consultores externos, que inclui Susan Bissell (Parceria Global para Acabar com a Violência contra as Crianças), Willington Ssekadde (*Raising Voices*), Yuichi Toda (Universidade de Educação de Osaka), Catherine Jere (Universidade de East Anglia), Eliza Byard (*Gay, Lesbian and Straight Education Network* – GLSEN) e Marta Santos Pais (Escritório do Representante Especial do Secretário-geral da ONU sobre Violência contra Crianças).

Finalmente, agradecemos aos seguintes colegas pelo comprometimento, tempo e energia dispensados ao nos fornecer informações e sugestões, além de nos terem auxiliado de várias outras maneiras: Christophe Cornu, Joanna Herat, Jenelle Babb e Cara Delmas, da UNESCO; e Seung-Yeon Lee e Insoo Oh, da Universidade de Mulheres Ewha.

Lista de siglas

CDC	Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA <i>US Centers for Disease Control and Prevention</i>
DHS	Pesquisa de Demografia e Saúde <i>Demographic and Health Survey</i>
GSHS	Pesquisa Global de Saúde dos Estudantes <i>Global School-based Student Health Survey</i>
LGBT	Lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros <i>lesbian, gay, bisexual, transgender</i>
MICS	Pesquisa por Agrupamento de Indicadores Múltiplos <i>Multiple Indicator Cluster Survey</i>
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável <i>Sustainable Development Goals</i>
OMS	Organização Mundial da Saúde <i>World Health Organization – WHO</i>
ONU	Organização das Nações Unidas <i>United Nations</i>
SACMEQ	Consórcio para o Monitoramento da Qualidade da Educação da África Meridional e Oriental <i>Southern and Eastern Africa Consortium for Monitoring Educational Quality</i>
SRS	Representante especial do secretário-geral <i>Special Representative of the Secretary-General</i>
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação <i>Information and Communication Technologies – ICT</i>
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura <i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i>
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância <i>United Nations Children's Fund</i>

Resumo

Um relatório de 2012 do representante especial do secretário-geral da ONU sobre Violência contra Crianças (*Office of the Special Representative of the Secretary-General on Violence Against Children*)¹ observa que “mais de 1 bilhão de crianças em todo o mundo frequentam a escola. Muitas dessas crianças desfrutam do seu direito de serem ensinadas em um ambiente seguro e estimulante. Para muitas outras, entretanto, a escola não garante tal oportunidade. Essas meninas e esses meninos estão expostos ao *bullying*, à violência sexual e baseada em gênero, a castigos físicos e a outras formas de violência... Muitas também estão expostas a brigas nos pátios escolares, à violência das gangues, a ataques com armas e à violência sexual e baseada em gênero cometida por seus próprios colegas. Novas manifestações de violência também afetam a vida destas crianças, especialmente o fenômeno do *bullying* virtual (*cyberbullying*) por meio de celulares, computadores, sites e redes sociais”.

A definição de violência escolar e *bullying*

- A *violência escolar* envolve: a violência física, que inclui os castigos físicos; a violência psicológica, que inclui o abuso verbal; a violência sexual, que inclui o estupro e o assédio; e o *bullying*, que inclui *cyberbullying*.
- O *bullying*, considerado um tipo de violência, é definido antes como um padrão de comportamento do que um evento isolado, e exerce um impacto negativo na vítima, no agressor e nas testemunhas. O *bullying* foi definido como “um comportamento indesejado e agressivo entre crianças em idade escolar que envolve um real ou percebido desequilíbrio de poder. O comportamento é repetido ou tem o potencial para ser repetido ao longo do tempo”.² O *bullying* ou o *cyberbullying* constituem preocupações cruciais para crianças e adolescentes.³
- A violência escolar e o *bullying* são praticados por outros estudantes, professores e outros funcionários da escola; a violência que ocorre no caminho e na volta da escola também pode ser praticada por membros da comunidade em geral. É importante diferenciar a violência praticada por colegas daquela exercida pelas instituições educacionais e seus representantes, visto que tal distinção influencia tanto o impacto quanto a resposta à violência.
- Algumas evidências sugerem que as meninas são mais propensas a sofrer violência sexual, enquanto os meninos são mais propensos a sofrer castigos físicos ou outras formas mais severas de punição na escola, embora as meninas também possam sofrer este tipo de violência.
- As causas subjacentes da violência escolar e do *bullying* incluem normas sociais e de gênero, bem como fatores contextuais e estruturais mais amplos. Grande parte da violência escolar e do *bullying* está relacionada ao gênero. A violência baseada em gênero é a aquela que resulta em agressão ou dano físico, sexual ou psicológico contra alguém e que se baseia na discriminação de gênero e em expectativas sobre os papéis, estereótipos e diferenças de poder associados ao *status* de cada gênero.
- As crianças e os adolescentes mais vulneráveis, incluindo os mais pobres ou provenientes de minorias étnicas, linguísticas ou culturais, migrantes ou pertencentes a comunidades de refugiados ou pessoas com deficiências físicas, apresentam maiores riscos de sofrer violência escolar e *bullying*. Crianças e adolescentes cuja orientação sexual, identidade ou expressão de gênero não se conforma às normas sociais ou de gênero tradicionais são afetados de modo desproporcional.

1 OFFICE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Tackling violence in schools: a global perspective bridging the gap between standards and practice*. New York, 2012.

2 Ver StopBullying.gov.

3 Seguindo a definição utilizada pelas Nações Unidas, este relatório considera criança a pessoa com menos de 18 anos de idade, e adolescente aquela situada na faixa de 10 a 19 anos.

- A violência escolar e o *bullying* podem ocorrer dentro e fora das salas de aula, no entorno das escolas, no caminho e na volta da escola, assim como em ambientes virtuais (*online*). Nas escolas, o *bullying* ocorre com frequência em locais como banheiros, vestiários, corredores e áreas recreativas, onde crianças e adolescentes são vistos ou supervisionados com menos frequência por professores e outros funcionários da escola.
- Os diferentes tipos de violência e *bullying* com frequência se sobrepõem. Crianças e adolescentes podem sofrer violência e *bullying* em casa e na escola, no mundo real e no mundo virtual, sejam como vítimas ou como agressores. Por exemplo, não raro, os que declaram praticar *cyberbullying* também declaram sofrer *cyberbullying*, e as vítimas *online* geralmente também sofrem *bullying* pessoalmente.
- Muitas vítimas da violência escolar e *bullying* não contam a ninguém sobre suas experiências. Entre os motivos disso estão a falta de confiança nos adultos, incluindo os professores, o medo da repercussão ou de retaliações, o sentimento de culpa, vergonha ou confusão, o receio de não serem levados a sério ou de não saber onde procurar ajuda.
- A violência escolar e o *bullying* com frequência passam despercebidos ou são ignorados pelos pais e professores. Em alguns contextos, os adultos veem os castigos físicos, as brigas e o *bullying* como uma parte normal da disciplina ou do crescimento, ignorando seu impacto negativo na educação, na saúde e no bem-estar das crianças e dos adolescentes.

A prevalência da violência escolar e do *bullying*

- A violência escolar e o *bullying* ocorrem em todo o mundo e afetam uma proporção significativa de crianças e adolescentes. Estima-se que, todos os anos, 246 milhões de crianças e adolescentes sofrem algum tipo de violência escolar e *bullying*.⁴ As estimativas do número de crianças e jovens afetados pelo *bullying* escolar variam de acordo com os países e o tipo de estudo⁵, em uma escala que varia de menos de 10% até mais de 65%. Em uma pesquisa de opinião realizada em 2016 pelo U-Report do UNICEF e pelo representante especial do secretário-geral da ONU sobre Violência contra Crianças (SRSG-VAC), à qual responderam 100 mil jovens de 18 países, dois terços deles relataram ter sido vítimas de *bullying*.
- Uma revisão de evidências feita pela UNESCO observa que a proporção de estudantes lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT) a sofrer a violência escolar e *bullying* varia de 16% a 85%, sendo a prevalência da violência de três a cinco vezes maior entre estudantes LGBT do que entre outros estudantes.
- O *cyberbullying* é um problema crescente. A maior parte dos dados disponíveis sobre a prevalência do *cyberbullying* provém de pesquisas conduzidas em países industrializados e sugerem que a proporção de crianças e adolescentes afetados pelo *cyberbullying* varia de 5% a 21%, sendo as meninas mais propensas a sofrer essa forma de *bullying* do que os meninos.
- Os dados disponíveis sugerem que a violência física é menos comum nas escolas do que o *bullying*, embora a maior parte das informações disponíveis provenham de países industrializados; evidência anedótica sugere que a violência física é um problema sério nas escolas em outras regiões.
- Dados específicos sobre a violência sexual nas escolas e no entorno das escolas são limitados, visto que a maior parte das vítimas hesita em relatar atos de violência sexual por medo de ser humilhada ou estigmatizada, ou pelo receio de não ser levada a sério ou em enfrentar retaliação de seu agressor ou agressores. Entretanto, há dados que sugerem que a violência e o abuso sexual nas escolas praticados por funcionários e outros estudantes é uma realidade para muitos estudantes, particularmente as meninas.

4 A ONG *Plan International* estima que ao menos 246 milhões de meninas e meninos sofrem violência escolar todos os anos. Esse número foi obtido a partir do seguinte cálculo: o estudo realizado pela ONU em 2006 sobre violência contra crianças (*UN Study on Violence against Children*) divulgou que de 20% a 65% das crianças em idade escolar são afetadas pelo *bullying* verbal, o tipo de violência mais prevalente nas escolas. De acordo com o *Global Education Digest* da UNESCO, de 2011, em qualquer dia, há 1,23 bilhão de crianças nos ensinos fundamental e médio e, portanto 20% da população mundial de estudantes equivale a 246 milhões de crianças. (Fonte: UNESCO-UIS. *Global education digest 2011: comparing education statistics across the world*. Montreal, 2011).

5 Observe-se que cada estudo realiza a coleta dos dados usando diferentes períodos, como, por exemplo, os últimos 30 dias ou 12 meses.

O impacto da violência escolar e do *bullying*

- A violência escolar e o *bullying* prejudicam a saúde física e o bem-estar emocional de crianças e adolescentes. A violência física, incluindo o castigo físico, pode causar ferimentos fatais ou não fatais, ou algum outro dano corporal. A violência sexual aumenta o risco de gravidez não planejada, HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis. Algumas reações físicas comprovadas do *bullying* incluem dores de estômago e de cabeça e dificuldade para comer e dormir. Os que sofrem *bullying* estão mais propensos a terem dificuldades interpessoais, depressão, solidão ou ansiedade, autoestima baixa, pensamentos suicidas ou a tentarem o suicídio.
- O impacto educacional sobre as vítimas da violência escolar e do *bullying* também é significativo. A violência e o *bullying* exercidos por professores e colegas podem deixar as crianças e adolescentes, bem como as testemunhas, com medo de ir à escola, interferindo em sua capacidade de concentração em sala de aula e na participação das atividades escolares. Eles correm o risco de faltar aulas, evitar atividades escolares ou abandonar de vez a escola, o que produz um impacto negativo no desempenho e resultado acadêmico, educação futura e possibilidades de emprego. Pesquisas internacionais mostram claramente que o *bullying* reduz o desempenho dos estudantes em disciplinas essenciais, como a matemática.
- A violência e o *bullying* afetam o ambiente escolar como um todo. Ambientes de aprendizagem não seguros criam um clima de medo e insegurança e a percepção de que os professores não estão no controle da situação ou não se preocupam com o bem-estar dos estudantes, o que reduz a qualidade da educação para todos os estudantes.
- A violência e o *bullying* praticados na escola e em seu entorno também acarretam custos sociais e econômicos significativos. Como parte das consequências a longo prazo, tanto as vítimas quanto os agressores apresentam maior risco de desenvolverem problemas sociais e de relacionamento, comportamento antissocial e criminal, piores qualificações, além de uma maior probabilidade de não receberem apoio social adequado. O impacto econômico também é substancial, incluindo as relacionadas a evasão escolar e a sub-representação das meninas na educação.

Respostas à violência escolar e ao *bullying*

- Evidências disponíveis mostram que as respostas eficientes, que optam por uma abordagem ampla e incluem intervenções para prevenir e combater a violência escolar e o *bullying*, podem ajudar a reduzir o problema.
- Baseando-se na experiência e nas boas práticas, as respostas de amplo alcance envolvem: uma forte liderança; um ambiente escolar seguro e inclusivo; o desenvolvimento do conhecimento, atitudes e habilidades; parcerias eficazes; implementação de mecanismos para informar e fornecer suporte e serviços apropriados; e a coleta e uso de evidências.
- Mais especificamente, tais respostas incluem: a adoção e aplicação de leis e políticas nacionais e políticas e códigos de conduta escolares; o compromisso em criar ambientes de aprendizagem seguros, inclusivos e que forneçam apoio para todos os estudantes; treinamento e suporte para professores e outros funcionários da escola para que aprendam sobre as formas positivas de disciplinamento existentes e sobre como desenvolver e entregar programas e materiais educativos relevantes; a colaboração de diversos setores interessados e a participação ativa das crianças e adolescentes; o acesso a serviços de apoio e a mecanismos de denúncia e reclamação seguros, confidenciais e amigáveis às crianças; e pesquisa, monitoramento e avaliação.
- As intervenções focadas na transformação da cultura das escolas, que se opõem fortemente à violência e incentivam os professores a utilizarem métodos alternativos para disciplinar as crianças e gerir a sala de aula, têm se mostrado particularmente efetivas.
- Embora muitos países estejam implementando uma série de iniciativas para enfrentar a violência escolar e o *bullying*, são poucos os que estão adotando uma abordagem ampla, o que se faz refletir nos principais desafios listados a seguir.

Principais desafios

- Ausência ou aplicação insuficiente da legislação e política existentes para proteger as crianças e adolescentes da violência e reforçar a responsabilização.
- Ausência de liderança e gestão escolar sólidas e da implementação de políticas e códigos de conduta escolares para prevenir e combater a violência escolar e o *bullying*.

- Capacidade e recursos limitados dos sistemas educativos, escolas e professores.
- Treinamento e apoio limitados para diretores, professores e outros funcionários de escola, capaz de torná-los aptos a impedir a violência escolar e o *bullying*, a identificar e responder a tais incidentes e a utilizar métodos não violentos no disciplinamento e na gestão da sala de aula.
- Ausência de programas e materiais educativos apropriados que abordem as causas subjacentes da violência escolar e o *bullying*, e que ajudem a desenvolver o conhecimento, as atitudes e as habilidades necessárias à não violência.
- A falta de conscientização da parte de planejadores, profissionais e formuladores de políticas educacionais, famílias, comunidades e outros segmentos da sociedade em geral sobre os efeitos prejudiciais da violência escolar e do *bullying* na educação, saúde e bem-estar das crianças e adolescentes, e dos efeitos benéficos da eliminação da violência nas escolas.
- Normas sociais, culturais e de gênero que apoiam algumas formas de violência escolar e de *bullying* que toleram ou ignoram o problema, e que dificultam a discussão e denúncia da violência e do *bullying* nas escolas.
- Fraca coordenação entre o setor de educação e setores de outros ministérios, como o da saúde, serviços sociais e proteção à criança, e fracas parcerias com outros atores fundamentais, incluindo a sociedade civil, sindicatos, pais e comunidades.
- Envolvimento limitado de crianças e adolescentes no planejamento e implementação de intervenções para prevenir a violência escolar e o *bullying* e tornar a escola mais segura.
- Ausência de mecanismos de denúncia e reclamação seguros, que sejam acessíveis às crianças e adolescentes, e que levem em consideração os obstáculos que alguns têm que enfrentar ao denunciar a violência escolar e o *bullying*.
- Ausência de orientação e outros tipos de apoio e mecanismos insuficientes de encaminhamento à assistência médica e a outros serviços de apoio às vítimas, agressores, testemunhas do *bullying* e famílias afetadas pelo problema.
- Limitação de evidências e relativamente poucos exemplos de boas práticas, poucas avaliações de intervenções e programas para prevenir e combater a violência escolar e o *bullying*, e a ausência de evidências sobre estratégias efetivas em contextos diversos.
- Informações limitadas sobre as causas, natureza, escala e impacto da violência escolar e do *bullying*, o que reflete a ausência de um padrão de definições e indicadores, de uma ampla coleta de dados e relatos insuficientes de casos de violência escolar e de *bullying*.



Famílias e comunidades devem se conscientizar dos efeitos da violência escolar e do *bullying* na saúde e no bem-estar das crianças. Foto: michaeljung/Shutterstock.com

Ações prioritárias

Para enfrentar esses desafios e contribuir para a realização da Agenda 2030, as ações prioritárias a serem implementadas são:

- Fortalecer a liderança e o compromisso para eliminar a violência escolar e o *bullying*.
- Promover a conscientização sobre a violência contra as crianças, o impacto prejudicial da violência escolar e do *bullying*, e os benefícios das escolas sem violência.
- Estabelecer parcerias, incluindo a participação ativa das crianças e adolescentes para ajudar a combater a violência escolar e o *bullying*.
- Capacitar a equipe de educadores para que sejam capazes de prevenir e responder à violência escolar e ao *bullying*.
- Estabelecer mecanismos para a denúncia da violência escolar e do *bullying* e fornecer suporte e serviços.
- Complementar os dados e evidências sobre as causas, natureza, amplitude e impacto da violência escolar e do *bullying*, bem como as respostas efetivas para o problema.

1. Introdução

1.1 Contexto e justificativa

A violência escolar, que inclui a violência física, psicológica e sexual e o *bullying*, ocorre em todos os países. Entre as causas de origem estão as normas sociais e de gênero, bem como fatores estruturais e contextuais mais amplos, tais como a desigualdade de renda, exclusão social, marginalização e conflito. Estima-se que, por ano, 246 milhões de crianças e adolescentes sofrem algum tipo de violência.⁶ Dados provenientes da Europa, Estados Unidos e Australásia sugerem que o *bullying* é a forma mais comum de violência escolar, razão pela qual é tratado separadamente no presente relatório. Entretanto, a violência física, incluindo o castigo físico infligido por professores, é comum em muitos países de outras regiões.

A violência e o *bullying* nas escolas viola os direitos das crianças e adolescentes, incluindo seu direito à educação e saúde. É notório o impacto negativo da violência escolar e do *bullying* no desempenho acadêmico, na saúde física, mental e bem-estar emocional das vítimas. Seu efeito deletério também se estende aos agressores e testemunhas. Ao criar uma atmosfera de ansiedade, medo e insegurança incompatíveis com a aprendizagem, ambiente escolar é negativamente afetado em sua totalidade. Com frequência, as escolas falham ao lidarem com a violência e com o *bullying*. Medidas paliativas, como a expulsão dos agressores, apenas transferem o problema para outro lugar.

A violência escolar e o *bullying* também acarretam altos custos sociais e econômicos, e seus efeitos exercem um impacto a longo prazo que persistem até a vida adulta. Praticar o *bullying* na escola pode ser um fator de predição de futuro comportamento antissocial e criminoso, bem como de problemas de relacionamento. Além disso, a violência escolar é um fator que contribui significativamente para a sub-representação das meninas na educação.

Uma ação urgente se faz necessária para combater o problema global da violência escolar e o *bullying*, a fim de garantir que todas as crianças e adolescentes tenham acesso a ambientes de aprendizagem seguros e não violentos. Uma ação neste sentido também será crucial para se atingir os objetivos propostos na Agenda 2030, relativos à educação de qualidade, saúde adequada e bem-estar para os jovens, em particular: Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável para a Educação de Qualidade (ODS 4: Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos), Igualdade de Gênero (ODS 5: Alcançar a igualdade de Gênero e empoderar todas as mulheres e meninas) e Saúde Adequada (ODS 3: Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar de todos, em todas as idades).

A Agenda 2030 considera a violência contra as crianças uma preocupação transversal, e contém compromissos concretos para uma série de objetivos e metas. No ODS 4, em particular, a agenda enfatiza a importância do conhecimento e habilidades para promover os direitos humanos e uma cultura de paz e não violência (meta 4.7), assim como a construção de instalações físicas apropriadas para crianças e sensíveis ao gênero e deficiências, bem como ambientes seguros, não violentos, inclusivos e eficientes de aprendizagem para todos (meta 4.a). Quanto à promoção de sociedades pacíficas e inclusivas (ODS 16), a Agenda 2030 inclui ainda uma meta específica para acabar com o abuso, exploração, tráfico e todas as formas de violência e tortura contra as crianças (alvo 16.2). Ações para combater a violência escolar e *bullying* também são

6 A ONG *Plan International* estima que ao menos 246 milhões de meninos e meninas sofrem violência escolar todos os anos. Esse número foi obtido a partir do seguinte cálculo: o estudo realizado pela ONU em 2006 sobre violência contra crianças (*UN Study on Violence against Children*) divulgou que de 20% a 65% das crianças em idade escolar são afetadas pelo *bullying* verbal, o tipo de violência mais prevalente nas escolas. De acordo com o *Global Education Digest* da UNESCO, de 2011, em qualquer dia, há 1,23 bilhão de crianças nos ensinos fundamental e médio e, portanto 20% da população mundial de estudantes equivale a 246 milhões de crianças. (Fonte: UNESCO-UIS. *Global education digest 2011: comparing education statistics across the world*. Montreal, 2011).

componentes essenciais de outras convenções e compromissos internacionais, incluindo a Convenção sobre os Direitos da Criança, que obriga os estados a garantirem a proteção das crianças contra a violência.

O setor de educação, ao trabalhar em parceria com outros setores e partes interessadas, incluindo os pais e a comunidade em geral, tem a responsabilidade de proteger as crianças e jovens da violência escolar e do *bullying* por meio de ambientes de aprendizagem seguros e inclusivos para todos os estudantes e iniciativas que ajudem a prevenir e combater a violência e o *bullying* nas escolas.

As escolas também têm o potencial de criar um ambiente propício à modificação de atitudes relacionadas à violência e ao gênero, bem como ao aprendizado de comportamentos não violentos. Além disso, a educação tem um papel essencial na formação e transformação das normas relativas ao gênero e relações de poder, as quais muitas vezes são a causa da violência. Tanto o ambiente quanto o conteúdo educacional que é aprendido e ensinado podem fazer a diferença. As escolas também são capazes de fornecer às crianças e adolescentes as habilidades necessárias para que se comuniquem, negociem e resolvam os problemas de forma pacífica, bem como promover valores de tolerância, respeito e solidariedade e promover a não violência na comunidade em geral.

■ 1.2 Objetivo e estrutura

Este relatório foi elaborado para informar o Simpósio Internacional sobre a Violência Escolar e *Bullying* realizado em Seul, República da Coreia, em janeiro de 2017, e coorganizado pela UNESCO e o Instituto de Prevenção à Violência Escolar da Universidade de Mulheres Ewha. O objetivo do simpósio é incentivar a ação baseada em evidências entre educadores, formuladores de políticas, profissionais e atuantes do ramo da educação e de outros setores, para que desenvolvam ambientes de aprendizagem seguros e não violentos. O simpósio também visa estabelecer uma base de informações para o desenvolvimento de indicadores globais a fim de aperfeiçoar a medição e o monitoramento da violência escolar e do *bullying*.

O relatório se concentra na prática da violência e do *bullying* nos ambientes educacionais formais, em particular a violência e o *bullying* que ocorre entre os estudantes, e nas ações que o setor educacional e as escolas podem executar para prevenir e combater o problema. Os objetivos são:

- Apresentar um panorama sobre a natureza, amplitude e impacto da violência escolar e do *bullying*, consolidando os dados provenientes dos principais relatórios e literatura sobre o assunto.
- Sintetizar as evidências disponíveis de medidas eficientes, enfatizando iniciativas e ações existentes e exemplos de boas práticas e políticas.
- Fornecer orientação quanto a ações prioritárias.

O presente relatório se baseia no trabalho realizado pela UNESCO e pelo Instituto de Prevenção à Violência Escolar da Universidade de Mulheres Ewha, entre outros, sobre a violência escolar e o *bullying*, incluindo a violência relacionada à escola e baseada em gênero e a violência baseada na orientação sexual, identidade e expressão de gênero. Sua principal fonte são os relatórios publicados pelo Gabinete do Representante Especial do Secretário-Geral da ONU sobre a Violência contra Crianças, e revisões de dados disponíveis produzidos pela UNESCO, UNICEF, OMS e outros (as principais fontes dos dados constam na bibliografia).

Embora este relatório seja destinado especialmente aos ministérios da educação e a outros setores relevantes, como o da saúde, bem-estar social e justiça, bem como aos formuladores de políticas da área da educação, planejadores e profissionais, sindicatos de professores, gestores escolares, esperamos que ele também seja útil a todos que tenham interesse em prevenir e combater a violência escolar e o *bullying*, tais como as organizações da sociedade civil, associação de pais, redes e organizações juvenis e organizações do setor privado, especialmente as que atuam no setor da tecnologia da informação.

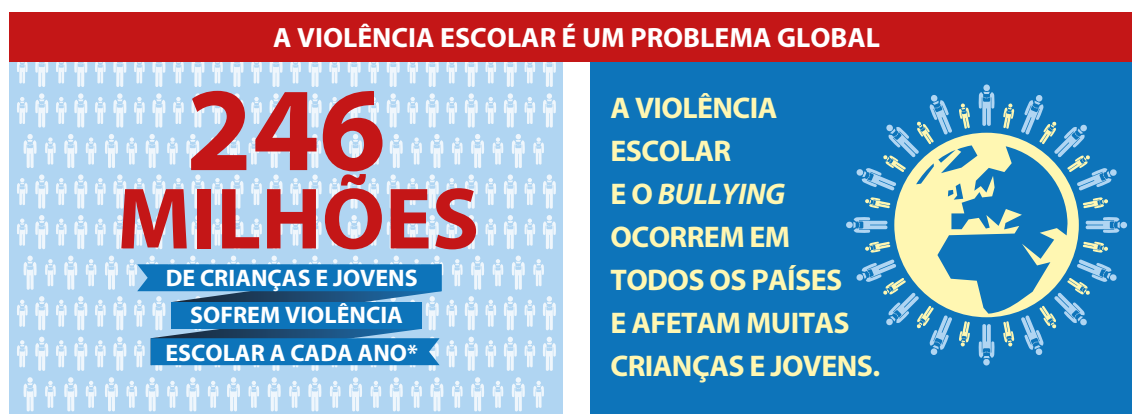
2. O problema

Esta seção reúne as evidências disponíveis sobre a abrangência, amplitude e impacto da violência escolar e do bullying. Ela descreve como eles se manifestam, suas causas subjacentes e quais são os grupos mais vulneráveis a este fenômeno. Também analisa a prevalência da violência escolar e do bullying, incluindo o cyberbullying e seus efeitos na educação, saúde e bem-estar de crianças e adolescentes.

■ 2.1 Definição de violência escolar e de *bullying*

2.1.1 O que é a violência escolar?

A violência escolar inclui a violência física, psicológica, violência sexual e o *bullying*; é praticada e vivenciada por estudantes, professores e outros funcionários da escola.⁷



Dados da Plan International

Considera-se violência física qualquer forma de agressão física com a intenção de machucar, e ela inclui o castigo físico e o *bullying* corporal praticados por adultos e outras crianças. No castigo físico, a força física é usada com a intenção de causar algum grau de dor ou desconforto, e é frequentemente usada para punir o fraco desempenho acadêmico ou corrigir mau comportamento.⁸

A violência física inclui a agressão verbal e o abuso emocional, que se manifestam nos atos de isolar, rejeitar, ignorar, insultar, difamar, contar mentiras, xingar, ridicularizar, humilhar e ameaçar e também na forma do castigo psicológico. Este último, envolve tipos de castigo que não são físicos, mas que humilham, difamam, elegem um bode expiatório, ameaçam, assustam ou ridicularizam a criança ou o adolescente.⁹

7 Observe que cada organização utiliza categorias diferentes, e.g. algumas distinguem a violência com uma dimensão externa, como aquela associada às gangues, mas estas quatro categorias refletem um consenso geral sobre os principais tipos de violência escolar. Além disso, é importante observar que outros membros da comunidade podem ser praticantes da violência contra as crianças a caminho e na volta da escola.

8 OFFICE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Tackling violence in schools: a global perspective bridging the gap between standards and practice*. New York, 2012.

9 OFFICE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Tackling violence in schools: a global perspective bridging the gap between standards and practice*. New York, 2012.

A violência sexual inclui intimidação de natureza sexual, assédio sexual, contato corporal indesejado, coerção sexual e estupro, e afeta meninas e meninos.

O *bullying* caracteriza antes um padrão de comportamento do que incidentes isolados, e com frequência se agrava caso não seja controlado. Pode ser definido como o comportamento intencional e agressivo recorrente contra uma vítima, em uma situação em que há um desequilíbrio real ou percebido de poder e as vítimas se sentem vulneráveis e impotentes para se defenderem. Comportamentos de *bullying* podem ser físicos (golpes, chutes e a destruição de bens), verbais (provocação, insulto e ameaça), ou relacionais (difamação e exclusão de um grupo).¹⁰

- Segundo um estudo com base em dados fornecidos por três pesquisas nacionais nos EUA¹¹, as formas mais comuns de *bullying* são: os insultos, xingamentos e apelidos; golpes, agressão direta e roubo; e ameaças, difamação, exclusão social e isolamento.
- No projeto *Young Lives*¹² sobre pobreza infantil, que acompanhou 12.000 crianças na Etiópia, Índia, Peru e Vietnã durante 15 anos, crianças com 15 anos de idade foram questionadas sobre sua experiência com o *bullying*. Dentre os tipos de *bullying* relatados com mais frequência estavam o *bullying* indireto e relacional, tais como a humilhação e a exclusão social. O *bullying* verbal também foi bastante mencionado, seguido do *bullying* físico, menos citado que os outros.

O *bullying* também inclui o *cyberbullying*, que representa uma dimensão a mais de risco e dor. O *cyberbullying* envolve a postagem e envio de mensagens eletrônicas, incluindo textos, fotos ou vídeos, com o objetivo de assediar, ameaçar ou atingir outra pessoa por meio de uma variedade de mídias e plataformas sociais, como redes sociais, salas de bate-papo, *blogs*, mensagens instantâneas e mensagens de texto. O *cyberbullying* pode incluir a difamação, postagens contendo informações falsas, mensagens ofensivas, comentários ou fotos constrangedoras, ou a exclusão de alguém das redes sociais ou outro sistema de comunicação. O *cyberbullying* permite que os agressores permaneçam anônimos, podendo atingir a vítima a qualquer hora e em qualquer dia com mensagens e imagens que podem ser rapidamente visualizadas por uma vasta audiência.¹³

Seja exercido pessoalmente ou *online*, o *bullying* é uma preocupação séria para muitas crianças.¹⁴ Isso foi confirmado por um relatório de 2014 da *Child Helpline Internacional*, que ressalta que o *bullying* é a razão mais frequente pela qual crianças e adolescentes entram em contato com a linha de apoio.¹⁵



10 OLWEUS, D. *Bullying at school: what we know and what we can do* (understanding children's worlds). Wiley-Blackwell, 1993.

11 Ver NATIONAL CENTER FOR INJURY PREVENTION AND CONTROL; CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION; UNITED STATES DEPARTMENT OF EDUCATION. *Bullying surveillance among youths: uniform definitions for public health and recommended data elements*, version 1.0, 2014. Disponível em: <<http://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/bullying-definitions-final-a.pdf>>.

12 UNITED NATIONS. *Protecting children from bullying: report of the Secretary-General*. New York, 2016.

13 Ver UNITED NATIONS. *Annual report of the Special Representative of the Secretary-General on Violence against Children*. New York, 2016. Disponível em: <http://srsg.violenceagainstchildren.org/sites/default/files/documents/docs/A_HRC_31_20_EN.pdf>.

14 UNITED NATIONS. *Protecting children from bullying: report of the Secretary-General*. New York, 2016.

15 Ver CHILD HELPLINE INTERNATIONAL. Disponível em: <<http://www.childhelplineinternational.org>>.

2. O problema

2.1 Definição de violência escolar e de bullying

2.1.2 As causas subjacentes da violência escolar e do bullying

As causas subjacentes da violência escolar e do *bullying* incluem normas sociais e de gênero e fatores estruturais e contextuais mais amplos.

As normas com base na discriminação de gênero que determinam a dominação do homem e a submissão das mulheres, bem como a perpetuação dessas normas por meio da violência, estão presentes, de uma forma ou de outra, em todas as culturas. A desigualdade de gênero e a prevalência da violência contra a mulher na sociedade exacerba o problema. Do mesmo modo, normas sociais que apoiam a autonomia de professores sobre as crianças podem resultar na legitimação do uso da violência para manter a disciplina e o controle.

A pressão para se conformar às normas dominantes de gênero também é grande. Jovens que não podem ou escolheram não se conformar a estas normas frequentemente são punidos com violência e *bullying* nas escolas.

As próprias escolas podem 'ensinar' as crianças a serem violentas por meio de atitudes, programas e cartilhas discriminatórias. Caso não controlados, a discriminação de gênero e desequilíbrio nas relações de poder podem encorajar atitudes e práticas que subjagam as crianças, apoiam normas que promovem a desigualdade de gênero e toleram a violência, incluindo o castigo físico.

O sistema escolar e educacional também atua dentro do contexto de fatores sociais e estruturais mais amplos, e podem refletir e reproduzir ambientes que não protegem as crianças e adolescentes da violência e *bullying*. A violência física e sexual pode, por exemplo, ser mais predominante nas escolas inseridas em um contexto em que esse tipo de violência é prevalente na sociedade em geral. Estudos sugerem que a violência sexual e assédio contra as meninas é mais intenso em escolas onde predominam outras formas de violência e em situações de conflitos e emergências.¹⁶ Também indicam que a violência de gangues é mais comum em escolas onde gangues, armas e drogas fazem parte da cultura local.

2.1.3 Crianças e adolescentes vulneráveis à violência escolar e ao bullying

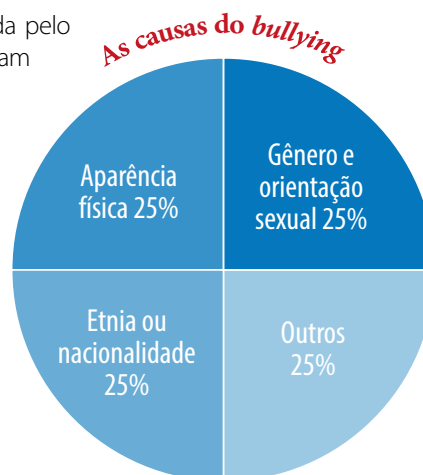
Crianças e adolescentes vulneráveis por outros motivos correm maior risco de sofrer violência escolar e *bullying*.



16 Ver UNESCO. *School-related gender-based violence is preventing the achievement of quality education for all*. Paris: UNESCO-GMR, UNGEI, 2015. (Policy paper, 17). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002321/232107E.pdf>>; e LIBERIA; UNITED NATIONS. *Joint Programme on Sexual and Gender Based Violence. In-depth study on reasons for high incidence of sexual and gender based violence in Liberia: recommendations on prevention and response*. Government of Liberia, UN, Oct. 2011. Disponível em: <https://doj19z5hov92o.cloudfront.net/sites/default/files/resource/2012/11/5876-final_high_incidence_of_sgbv_15_may.pdf>.

Todas as crianças e adolescentes estão sujeitos a sofrer violência escolar e *bullying*, no entanto, as que se encontram em situação de vulnerabilidade são mais propensas a se tornarem alvos devido a fatores como a pobreza, *status* social associado a etnia, deficiências, diferenças linguísticas ou culturais, migração ou deslocamento¹⁷, ou por serem órfãs ou provenientes de famílias afetadas pelo HIV. Evidências (que incluem o estudo abaixo realizado pelo UNICEF, em 2016) sugerem que a aparência física, como a obesidade ou magreza excessiva, também é um desencadeador do *bullying*.

- Segundo a pesquisa de opinião do U-Report/SRSG-VAC realizada pelo UNICEF em 2016 sobre a experiência do *bullying*, e à qual responderam 100.000 jovens de 18 países,¹⁸ entre aqueles que vivenciaram o *bullying*, 25% relataram ter sofrido esta forma de violência devido à sua aparência física, 25% devido à sua orientação sexual e gênero e 25% devido à sua etnia e nacionalidade.¹⁹
- De acordo com o relatório da ONU de 2016²⁰, crianças em situação de vulnerabilidade que são vítimas de estigmatização, discriminação ou exclusão correm maior risco de sofrerem *bullying*, pessoalmente e *online*.
- Crianças com deficiências, crianças excluídas socialmente, que estão fora da escola, pertencem a minorias ou são afetadas pela migração são mais propensas a não terem acesso à internet, ficando impossibilitadas de aprender sobre segurança *online*. De modo que, ao terem acesso, correm maior risco de sofrer *cyberbullying*.^{21 22}
- Crianças e adolescentes de populações estigmatizadas e marginalizadas estão mais sujeitas à serem punidas pelos professores. Crianças refugiadas e migrantes, por exemplo, correm o risco de serem punidas por não falarem o idioma de instrução, e segundo o Estudo da ONU sobre a Violência contra Crianças, na Índia, os professores pertencentes às castas superiores tendem a rebaixar e humilhar crianças de castas inferiores.²³ Da mesma forma, um relatório de 2014 do *Human Rights Watch* menciona exemplos de discriminação e violência física por parte de autoridades escolares em quatro estados da Índia contra a crianças dalits, muçulmanas e tribais; as meninas, particularmente, correm o risco de serem afastadas da escola devido à preocupação dos pais com sua segurança.
- O *bullying* sofrido por crianças e adolescentes refugiados, afetados pela migração ou que buscam asilo está intimamente relacionado com os incidentes de preconceito, assédio e crimes de ódio nas escolas, os quais tipicamente envolvem a discriminação baseada na raça, cor, etnia, religião ou outros fatores identitários. “O *bullying* contra os imigrantes” foi definido como “o que faz do *status* dos imigrantes ou do histórico familiar de imigração alvo de insultos, xingamentos, referências depreciativas ao processo de imigração, agressão física, manipulação social ou exclusão devido ao *status* imigratório”.²⁴
- Crianças e adolescentes desfavorecidos social e economicamente com frequência enfrentam o estresse, discriminação e depreciação na escola. A pobreza pode contribuir para a falta de autoestima, e as vítimas de *bullying*, humilhação e abuso podem se sentir impotentes para falar sobre a violência sofrida por medo de serem responsabilizados ou de não serem levados a sério.²⁵ No projeto *Young Lives*, constatou-se



Dados do Representante Especial do Secretário-Geral da ONU sobre a Violência contra Crianças (2016). *Ending the torment: tackling bullying from the schoolyard to cyberspace*.

17 DEVRIES, K. M. et al. Violence against primary school children with disabilities in Uganda: a cross-sectional study. *BMC Public Health*, n. 14, p. 1017, 2014.

18 Jovens de Burkina Faso, Chile, Guiné, Indonésia, Irlanda, Libéria, Malásia, Mali, México, Moçambique, Nigéria, Paquistão, Senegal, Serra Leoa, Suazilândia, Uganda, Ucrânia e Zâmbia participaram da pesquisa.

19 OFFICE OF THE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Ending the torment: tackling bullying from the schoolyard to cyberspace*. New York, 2016.

20 UNITED NATIONS. *Protecting children from bullying: report of the Secretary-General*. New York, 2016.

21 OFFICE OF THE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Information and communications technologies: maximising children's potential protecting children from online violence, including sexual exploitation*. New York, 2016.

22 UNESCO. *School-related gender-based violence is preventing the achievement of quality education for all*. Paris: UNESCO-GMR, UNGEI, 2015. (Policy paper, 17). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002321/232107E.pdf>>.

23 UNICEF. *Hidden in plain sight: a statistical analysis of violence against children*. New York, 2014.

24 SCHERR, T. G.; LARSON, J. Bullying dynamics associated with race, ethnicity, and immigration status. In: JIMERSON, S. R.; SWEARER, S. M.; ESPELAGE, D. L. (Eds.). *Handbook of bullying in schools: an international perspective*. New York: Taylor and Francis, 2010.

25 Ver ATD FOURTH WORLD. *Making human rights work for people living in extreme poverty: a handbook for implementing the United Nations guiding principles on extreme poverty and human rights*. World Franciscan International, 2015.

2. O problema

2.1 Definição de violência escolar e de *bullying*

que crianças de famílias pobres sofrem *bullying* com mais frequência. Outros projetos, como o Violência Sexual contra Meninas, da *Action Aid*, constataram que a exploração sexual pode estar relacionada à pobreza, por exemplo, quando as meninas são coagidas a ter relações sexuais com os professores em troca de ajuda financeira com os custos escolares.

2.1.4 A dimensão do gênero na violência escolar e o *bullying*

A violência baseada em gênero é caracterizada por atos ou ameaça de violência sexual, física ou psicológica, exercidos como resultado das normas de gênero e atitudes tácitas ou inconscientes, que viabilizam os estereótipos e são reforçadas por dinâmicas desiguais de poder.



Alguns dados sugerem que os meninos são mais propensos a perpetrar e experimentar a violência física. Foto tirada em Accra, Gana. Sura Nualpradid/Shutterstock.com

A desigualdade de gênero, as relações desiguais de poder e a tolerância à violência contra as mulheres e meninas estão na base da violência sexual sofrida pelas meninas nas escolas, incluindo o assédio sexual, coerção e estupro.

Crianças e adolescentes cuja orientação sexual, identidade ou expressão de gênero não se conformam às normas tradicionais de gênero também são mais propensas a sofrerem violência escolar e *bullying*. Esse é um tipo específico de violência baseada em gênero que é praticada como resultado das normas de gênero e atitudes tácitas, inconscientes ou

dissimuladas, que viabilizam os estereótipos de gênero. Em algumas situações, por exemplo, os meninos podem ser provocados quanto a sua falta de masculinidade ou as meninas quanto a sua falta de feminilidade.

Há indícios de que há diferenças na forma como a violência e o *bullying* são exercidos e vivenciados por meninos e meninas, embora não sejam consistentes. Alguns dados sugerem que os meninos são mais propensos a exercer e vivenciar a violência física, e as meninas a exercer e vivenciar a violência psicológica.²⁶ Entretanto, os dois tipos de violência ocorrem entre todas as crianças e adolescentes, não se devendo ignorar a violência física entre meninas ou a psicológica entre meninos ao se monitorar a abrangência e prevalência da violência escolar e do *bullying*. Também há indícios de que as meninas são mais propensas a vivenciar a violência sexual.²⁷ De acordo com as evidências, os meninos parecem ser mais propensos a sofrer castigo físico ou formas mais severas de castigo na escola, embora as meninas não estejam imunes a sofrer este mesmo tipo de violência.

- Dados provenientes da Pesquisa Global de Saúde do Escolar (GSHS)²⁸ mostram que os meninos são mais propensos a relatar brigas do que as meninas, um padrão que geralmente se verifica em todas as regiões.
- Segundo uma pesquisa realizada nos EUA, os meninos são mais propensos do que meninas a sofrer violência física cometida por outros estudantes.²⁹
- Segundo o projeto *Young Lives*, os meninos são significativamente mais propensos a sofrer *bullying* físico e verbal, e as meninas, a sofrer *bullying* indireto ou relacional.
- De acordo com uma pesquisa nacional realizada em Malta, 61% dos meninos praticantes do *bullying* relataram usar a violência física, comparado com 30% das meninas; em contraste, 43% das meninas praticantes de *bullying* relataram isolar outros colegas, comparado com os 26% dos praticantes de *bullying* do sexo masculino.³⁰
- Segundo um estudo realizado na Austrália, os meninos sofrem *bullying* com mais frequência do que as meninas, especialmente durante o ensino médio. Embora meninos e meninas sejam submetidos a provocações e xingamentos de maneira quase igual, os meninos estão mais expostos ao *bullying* e ameaças do que as meninas. Estas são mais propensas a relatar terem sido excluídas de forma deliberada

26 UNICEF. *Hidden in plain sight: a statistical analysis of violence against children*. New York, 2014.

27 Ver UNESCO; UN-WOMEN. *Global guidance on addressing school-related gender-based violence*. Paris, 2016.

28 Ver WHO. *Global school-based student health survey (GSHS)*. Disponível em: <<http://www.who.int/chp/gshs/en>>.

29 CDC. *Youth risk behaviour surveillance: United States, 2015*. Atlanta, 2016.

30 UNICEF. *Hidden in plain sight: a statistical analysis of violence against children*. New York, 2014.

e indelicada por outros colegas. As reações também se mostraram distintas: os meninos são menos propensos a admitir que foram perseguidos e, quando admitem, dizem terem sentido raiva; já as meninas dizem se sentirem tristes e desoladas.³¹

2.1.5 Os tipos de violência escolar e o *bullying* variam de acordo com a idade

A incidência dos diferentes tipos de violência escolar e o *bullying* parecem variar com a idade.

Embora os dados sejam limitados, há evidências disponíveis que sugerem que a agressão física e o *bullying* cometidos pessoalmente tendem a diminuir, enquanto o *cyberbullying* a aumentar conforme as crianças ficam mais velhas.

- O GSHS,³² que coleta dados de estudantes com idade de 11, 13 e 15 anos, sugere que a prevalência do *bullying* diminui entre as idades de 11 e 15 anos em alguns países, enquanto em outros ocorre o oposto.
- Dados provenientes de três pesquisas nacionais realizadas nos EUA³³ mostram que as formas mais comuns de *bullying*, que incluem os insultos verbais, golpes, roubo, ameaça, difamação e exclusão social tendem a diminuir com a idade, sendo que o *bullying* cometido pessoalmente apresenta uma diminuição de cerca de 50% entre as idades de 14 e 18 anos, enquanto o *cyberbullying* diminui a um ritmo mais lento, de 17% a 13%.
- Outras pesquisas mostram³⁴ que a ocorrência do *bullying* na forma de agressão física é mais frequente durante o ensino fundamental, enquanto o *cyberbullying*, que ocorre mais durante o ensino médio, apresenta um aumento dentro da faixa etária correspondente.

2.1.6 Onde ocorrem a violência escolar e o *bullying*?

A violência escolar e *bullying* podem ocorrer dentro e fora da sala de aula, no entorno das escolas, a caminho ou na volta da escola, e também *online*.



A violência, especialmente a violência física praticada entre os estudantes e também praticada por professores e outros funcionários, pode acontecer na frente de outros estudantes, por exemplo, em áreas recreativas, salas de aula ou durante a prática de esportes.

31 OWENS, L et al. Sex and age differences in victimization and conflict resolution among adolescents in a South Australian school. *Aggressive Behaviour*, v. 31, n. 1, 2005.

32 WHO. *Global school-based student health survey (GSHS)*. Disponível em: <<http://www.who.int/chp/gshs/en>>.

33 NATIONAL CENTER FOR INJURY PREVENTION AND CONTROL; CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION; UNITED STATES DEPARTMENT OF EDUCATION. *Bullying surveillance among youths: uniform definitions for public health and recommended data elements*, version 1.0, 2014. Disponível em: <<http://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/bullying-definitions-final-a.pdf>>.

34 WHO. *Health behaviour in school aged children: a collaborative cross-national study*. Disponível em: <<http://www.hbsc.org/publications/factsheets/Bullying-and-fighting-english.pdf>>.

A ocorrência de *bullying* parece ser mais comum em locais como banheiros, vestiários, corredores e outros lugares onde crianças e adolescentes não podem ser vistos ou supervisionados tão facilmente por professores e funcionários. Também é possível que os professores não saibam como reconhecer o *bullying* ou os códigos, linguagens e práticas de assédio empregados por crianças e adolescentes, sendo difícil identificar o *bullying* quando este ocorre longe de sua presença.³⁵ Em alguns casos, os próprios professores permitem ou incorrem em comportamento violento e *bullying*.

As crianças e adolescentes podem sofrer a violência e *bullying* no entorno das escolas, a caminho e na volta da escola. De acordo com um relatório de 2015 do Ministério da Educação da República da Coreia³⁶, 75,5% da violência escolar e do *bullying* acontece dentro da escola, e 24,5% fora da escola.

2.1.7 Crianças e adolescentes podem ser tanto vítimas quanto agressores

Algumas crianças e adolescentes vivenciam a violência e o *bullying* em casa e na escola, e tanto no mundo real como no virtual. A fronteira entre o mundo real e o virtual torna-se cada vez mais indistinta, conforme as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) passam a integrar a vida diária de crianças e adolescentes. Os que relatam ter praticado *cyberbullying*, normalmente relatam também ter sofrido este tipo de *bullying*, e muitas vítimas *online* também sofrem *bullying* pessoalmente.

Os praticantes do *bullying* com frequência têm problemas subjacentes; aqueles que cometem o *bullying* o fazem devido à frustração, humilhação, raiva ou para obter *status* social.³⁷

- O Centro de Pesquisas em *Cyberbullying* nos EUA observa que muitas crianças e adolescentes que declaram serem vítimas do *cyberbullying* também vivenciam outros tipos de *bullying*. Da mesma forma, segundo a pesquisa da *Kids Online Survey* da União Europeia (EU) feita em 25 países europeus, cerca de metade das vítimas *online* também sofreram *bullying* pessoalmente, uma combinação considerada particularmente estressante.
- De acordo com os resultados da Pesquisa Nacional sobre a Exposição das Crianças à Violência conduzida em 2008 nos EUA,³⁸ “entre os que relataram ter sofrido qualquer tipo direto de violência, 64,5% relataram mais de um tipo. Um número significativo de crianças relatou ter sofrido altos níveis de exposição a diferentes tipos de violência no último ano: mais de 10% relataram ter sofrido exposição à cinco tipos ou mais de violência”.
- Outro estudo realizado em 2012 nos EUA, envolvendo 20.406 estudantes do ensino médio, revelou uma sobreposição substancial entre o *bullying* escolar e o *cyberbullying*, especialmente entre os grupos de estudantes vulneráveis. As meninas apresentaram maior propensão a relatar terem sido vítimas de *cyberbullying* combinado ao *bullying* escolar – 11% contra 8% dos meninos. Entre os jovens que se identificaram como não heterossexuais, 23% declararam terem sido vítimas tanto do *cyberbullying* quanto do *bullying* escolar, comparado aos 9% daqueles que se identificaram como heterossexuais.³⁹
- Um relatório da ONU⁴⁰ de 2016 mostra que meninas adolescentes correm maior risco de sofrer *cyberbullying* associado ao abuso sexual, que envolve o compartilhamento de mensagens ou imagens de natureza sexual (*sexting*) e intimidação e assédio *online* (*cyberbullying*), por vezes com o objetivo de coagir a vítima a praticar atos sexuais (extorsão sexual).

2.1.8 Algumas vítimas da violência escolar e do bullying não contam a ninguém sobre isso

Com frequência, as crianças e adolescentes mais vulneráveis e que mais precisam de apoio, são as menos propensas a denunciar os incidentes ou a procurar ajuda. Entre as razões para não contar a ninguém ou denunciar a violência e o *bullying* estão a falta de confiança nos adultos, em particular professores, o medo de repercussões ou represálias, o sentimento de culpa, a vergonha ou confusão, e o receio de não serem levadas a sério ou de não saberem onde procurar ajuda.

35 ROMAN, M.; MURILLO, F. J. Latin America: school bullying and academic achievement. *CEPAL Review*, Aug. 2011.

36 REPÚBLICA DA COREIA. Ministério da Educação. *Os resultados da segunda pesquisa sobre violência escolar*, 2015.

37 UNITED NATIONS. *Protecting children from bullying: report of the Secretary-General*. New York, 2016.

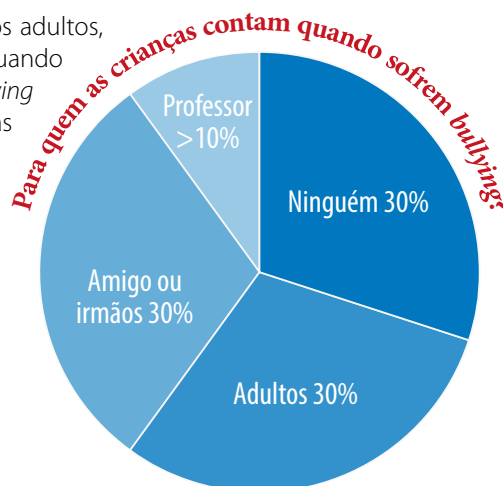
38 FINKELHOR, D et al. *Polyvictimization: children's exposure to multiple types of violence, crime, and abuse*, 2011.

39 SCHNEIDER et al., 2012.

40 UNITED NATIONS. *Protecting children from bullying: report of the Secretary-General*. New York, 2016.

As crianças e adolescentes normalmente acreditam que os adultos, incluindo os professores, não enxergam o *bullying*, mesmo quando ele acontece em sua frente, ou não consideram como *bullying* determinadas ações, embora estas sejam reconhecidas como tal pelas crianças. No caso de os agressores serem os professores ou outros funcionários, denunciar a violência ou abuso torna-se particularmente desafiador.

- Evidências sugerem que muitas vítimas da violência escolar e do *bullying* demoram para revelar o abuso a que foram submetidas.⁴¹ O abuso ou exploração também pode ser percebido como uma atitude normal, e o medo e a crença de que ninguém seja capaz de ajudar resulta em baixos índices de denúncia.⁴²
- Segundo a pesquisa de opinião do *U-Report/SRSG-VAC* do UNICEF realizada em 2016, 30% dos que sofreram *bullying* não contaram a ninguém, 30% contaram a um adulto e mais de 30% contaram a um irmão ou amigo; menos de 10% contaram ao professor. Razões para não contar a ninguém incluem o medo, a vergonha, não saber a quem contar e a percepção do *bullying* como uma atitude normal.
- Um relatório de 2016 da ONU⁴³ mostra que crianças e adolescentes vítimas do *bullying* nem sempre estão dispostos a denunciar o incidente aos pais, professores ou outros adultos, seja por medo de retaliação ou, no caso do *cyberbullying*, por medo de perder seu computador, celular ou acesso à internet.



Dados de OFFICE OF THE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Ending the torment: tackling bullying from the schoolyard to cyberspace*. New York, 2016.

2.2 A abrangência da violência escolar e do bullying

2.2.1 O bullying está se disseminando nas escolas em todo o mundo

As pesquisas nacionais sobre o *bullying* empregam diferentes definições, produzindo assim estimativas variadas. Porém, dados disponíveis indicam de forma consistente que o *bullying* é comum em diversos países e afeta um número considerável de crianças e adolescentes.^{44 45}



Dados provenientes de SPRC, *Suicide and bullying: issue brief*. Suicide Prevention Resource Centre, 2011.

- Na pesquisa de opinião do *U-Report/SRSG-VAC*, ao qual responderam 100.000 jovens de 18 países, dois terços declararam terem sido vítimas de *bullying*.⁴⁶

41 UNICEF. *Hidden in plain sight: a statistical analysis of violence against children*. New York, 2014.

42 WHO. *Inspire: seven strategies for ending violence against children*. Geneva, 2016.

43 UNITED NATIONS. *Protecting children from bullying: report of the Secretary-General*. New York, 2016. .

44 Ver WHO. *Global school-based student health survey (GSHS)*. Disponível em: <<http://www.who.int/chp/gshs/en>>.

45 SRABSTEIN, Jorge, C.; LEVENTHAL, Bennett, L. Prevention of bullying-related morbidity and mortality: a call for public health policies, *Bulletin of the World Health Organization*, Geneva, 2010.

46 OFFICE OF THE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Ending the torment: tackling bullying from the schoolyard to cyberspace*. New York, 2016.

2. O problema

2.2 A abrangência da violência escolar e do bullying

- De acordo com outro relatório do UNICEF, o *bullying* é um problema mundial.⁴⁷ Dados coletados de várias pesquisas realizadas em 106 países mostraram que a proporção de adolescentes de 13 a 15 anos que dizem ter sofrido *bullying* recentemente, varia de 7% no Tajiquistão a 74% em Samoa. Em 14 dos 67 países de baixa a média renda com dados disponíveis, mais da metade dos jovens desta faixa etária disseram ter sofrido *bullying* recentemente.
- Em um estudo realizado pela Pesquisa Global de Saúde do Escolar (GSHS) da OMS, que compilou bases de dados de 19 países de baixa e média renda entre os anos de 2003 a 2006, 34% dos estudantes com idade entre 11 a 13 anos relataram ter sofrido *bullying* no último mês e 8% relataram sofrer *bullying* diariamente.
- Uma pesquisa conduzida de 2003 a 2005 para a GSHS em diversos países em desenvolvimento revelou uma grande diversidade nas experiências nacionais: na China, 17% das meninas e 23% dos meninos com idade entre 13 a 15 anos relataram ter sofrido *bullying* nos últimos 30 dias, já na Zâmbia, esses números são de 67% para meninas e 63% para os meninos.⁴⁸
- Dados provenientes de países europeus sugerem uma diversidade semelhante: na Suécia, 15% das meninas e meninos com idade de 11, 13 e 15 anos relataram ter sofrido *bullying* nos últimos dois meses, na Lituânia, cerca de 65% das meninas e meninos reportaram o mesmo.⁴⁹
- Durante o ano letivo de 2007-2008 nos EUA, 32% dos estudantes com idades entre 12 e 18 anos relataram ter sofrido *bullying*. Destes, 21% disseram ter sofrido *bullying* uma ou duas vezes ao mês; 10%, uma ou duas vezes na semana; e 7% relataram sofrer o *bullying* diariamente. Quase 9% relataram ter sofrido danos físicos como resultado do *bullying*.⁵⁰
- Em um estudo da UNESCO de 2006 realizado na América Latina e países caribenhos, com base em dados fornecidos por 91.000 estudantes de 10 a 14 anos, 51% dos estudantes relataram ter sofrido algum tipo de *bullying* no mês anterior, com dados nacionais que variam de 13% em Cuba a 63% na Colômbia. O roubo foi a experiência relatada com mais frequência, seguida do insulto ou ameaça.⁵¹
- Em um estudo de 2011 realizado na França feito pelo Observatório Internacional de Violência nas Escolas, com base em uma pesquisa nacional feita com 12.326 crianças de 9 a 11 anos, cerca de 32% relataram sofrer o *bullying* verbal ocasionalmente e 35% relataram terem sido vítimas de violência física na escola. Nos dois casos, a maioria dos agravos foram cometidas por outros estudantes.⁵²
- Segundo uma pesquisa nacional sobre *bullying* oculto conduzida na Austrália (*Australian Covert Bullying Prevalence Survey*) em 2007 com estudantes de 9 a 15 anos, 27% relataram sofrer *bullying* com frequência, e 9% admitiram tê-lo praticado.⁵³
- Segundo a mesma pesquisa de 2015 mencionada acima⁵⁴, feita com jovens do ensino médio nos EUA, 20,2% relataram ter sofrido *bullying* na escola e 15,5% ter sofrido *cyberbullying* nos últimos 12 meses anteriores à pesquisa.
- O Relatório Mundial da ONU sobre Violência contra as Crianças, de 2006, observou que em uma pesquisa realizada em Laos foi divulgado que 98% das meninas e 100% dos meninos relataram ter testemunhado o *bullying* na escola, sendo que as vítimas eram em sua maioria meninas ou provenientes de minorias étnicas.



O *bullying* é comum em muitos países.
Foto: O Driscoll Imaging/Shutterstock.com

47 UNICEF. *Hidden in plain sight: a statistical analysis of violence against children*. New York, 2014.

48 Ver PINHEIRO, Paulo Sérgio. *UN Study on Violence against Children*. New York, 2006.

49 PINHEIRO, Paulo Sérgio. *UN Study on Violence against Children*. New York, 2006.

50 SPRC. *Suicide and bullying: issue brief*. Suicide Prevention Resource Centre, 2011.

51 UNESCO-OREAL. *Segundo Estudio Regional Comparativo e Explicativo (SERCE)*. Santiago, 2006.

52 DEBARBIEUX, Eric. *A l'école des enfants heureux... enfin presque* apud OFFICE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Tackling violence in schools*. New York, 2012.

53 UNICEF. *Hidden in plain sight: a statistical analysis of violence against children*. New York, 2014.

54 CDC. *Understanding school violence*, 2016. Disponível em: <www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/school_violence_fact_sheet-a.pdf>.

- Em uma pesquisa realizada nas escolas públicas de Nairóbi, no Quênia, entre 63% e 82% dos estudantes relataram ter sofrido vários tipos de *bullying*, ao passo que segundo uma pesquisa realizada na África do Sul, metade dos entrevistados havia sofrido o *bullying* uma ou duas vezes no mês anterior⁵⁵.

2.2.2 O Bullying no ambiente virtual é um problema crescente

Um fator crucial no aumento do *cyberbullying* é o crescimento rápido do acesso à internet e à novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) pelas crianças. Uma estimativa recente sugere que um terço dos usuários da internet em todo mundo têm menos de 18 anos.⁵⁶ As crianças têm ficado *online* cada vez mais cedo e em maior número, e a idade média para o início do uso da internet tem diminuído. Embora a maior parte dos dados disponíveis sobre a prevalência do *cyberbullying* seja proveniente de pesquisas conduzidas em países industrializados, o uso da internet tem crescido no mundo todo. Daí a importância de outros países serem proativos no monitoramento do problema e adotarem medidas para prevenir e combater essa forma específica de *bullying*.

- Entre 2009 e 2011, a *EU Kids Online Survey* coletou dados de 25.000 crianças e adolescentes de 9 a 16 anos de idade em 25 países europeus, dos quais 6% relataram sofrer *bullying online* e 3% admitiram ter praticado essa forma de *bullying*. A tendência maior, entretanto, foi a dos entrevistados relatarem ter sofrido *bullying* pessoalmente, dos quais 20% declararam ter sofrido *bullying offline*. Mais da metade dos que sofreram *bullying online* relataram que ficaram 'muito chateados' ou 'razoavelmente chateados', embora 15% tenha alegado não ter ficado chateado de nenhum modo. As meninas tenderam mais do que os meninos a declarar terem ficado muito chateadas.
- Na Europa, onde mais de 80% das crianças entre 5 a 14 anos usam celulares,⁵⁷ observou-se que, entre 2010 e 2014, a proporção de crianças e adolescentes entre 9 a 16 anos que foram expostos ao *cyberbullying* aumentou de 8% a 12%, especialmente entre meninas e crianças mais jovens, sendo que esta faixa etária se torna cada vez mais propensa a ficar exposta a mensagens de ódio, *sites* pró-anorexia ou de autoagressão e *cyberbullying*.⁵⁸
- Segundo a pesquisa feita na Austrália sobre o *bullying* (*Australian Covert Bullying Prevalence Study 2007*), cerca de 7% dos estudantes de 9 a 15 anos relataram ter sido expostos ao *cyberbullying*, sendo a proporção de meninas para meninos de 8% e 5%, respectivamente. A pesquisa também mostrou que a exposição ao *cyberbullying*, seja como vítima ou agressor, aumentou com a idade, e que o *bullying* por meio das redes sociais se tornou mais comum que o *bullying* por meio de celulares, conforme os estudantes ficavam mais velhos.
- Segundo a análise de dados canadense de uma pesquisa feita em 2006-2007 sobre a saúde de crianças em idade escolar (HBSC), dos 1.972 estudantes do ensino médio incluídos na pesquisa, cerca de 14% sofreu *cyberbullying* nos últimos dois meses. O percentual foi especialmente alto para as meninas, sendo que 18% declararam ter sofrido *cyberbullying*, contra 8% dos meninos. Cerca de 12% dos estudantes disseram ter praticado *bullying* com outro colega usando um computador, *e-mail* ou celular nos últimos dois meses, e tanto os meninos quanto as meninas mostraram-se igualmente propensos a cometê-lo.⁵⁹
- O Estudo Nacional sobre a Violência na Escola realizado em 2012, na África do Sul, coletou dados sobre a experiência do *cyberbullying* junto a uma amostra significativa de estudantes do ensino médio. Um a cada cinco declarou ter sofrido alguma forma de *cyberbullying* no último ano; as brigas virtuais foram a mais comum, e o *cyberbullying* sexual a menos comum. Os amigos são apontados como principais responsáveis pelas brigas *online*, compartilhamento de informações e envio de imagens ou mensagens sexualmente explícitas.
- Nos EUA, de acordo com a Pesquisa da *Youth Risk Behavior* realizada em 2013, 15% dos jovens do ensino médio sofreram *cyberbullying* por meio de *e-mails*, salas de bate-papo, mensagens instantâneas, *sites* ou mensagens de texto no último ano. A propensão das meninas a relatarem terem sido vítimas de *cyberbullying* foi duas vezes maior que a dos meninos (21% contra 9%, respectivamente).

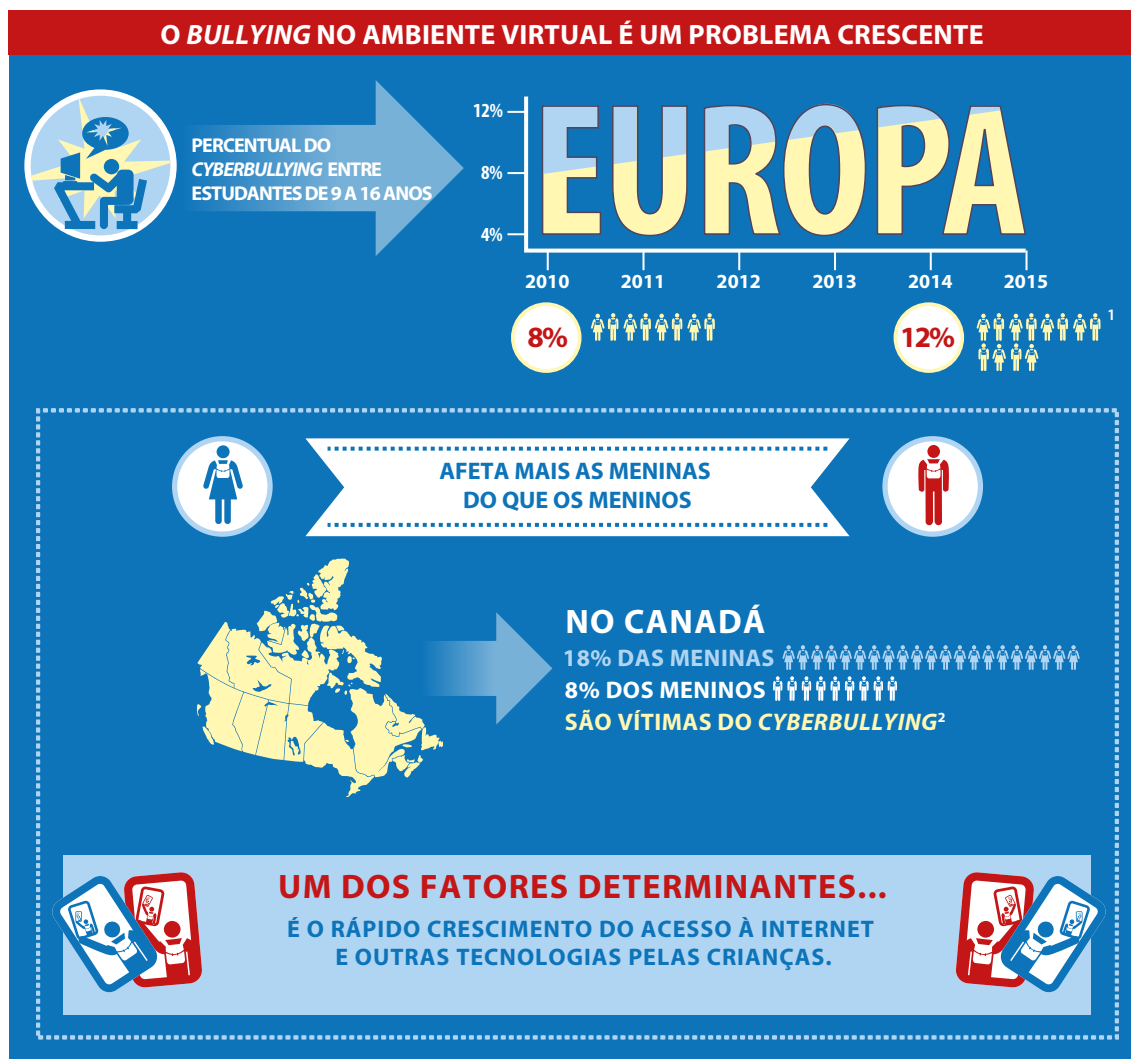
55 JONES, N. et al. *Painful lessons: the politics of preventing sexual violence and bullying at school*; working paper. PLAN/ODI, 2008.

56 LIVINGSTONE, S.; CARR, J.; BYRNE, J. One in three: internet governance and children's rights, *Global Commission on Internet Governance Paper Series*, n. 22, p. 7, Nov. 2015.

57 Ver ITU. *Use of information and communication technology by the world's children and youth*, Geneva, 2008. .

58 LIVINGSTONE, S. et al. *Children's online risks and opportunities: comparative findings from EU Kids Online and Net Children Go Mobile*. London School of Economics and Political Science, 2014.

59 CAPPADOCIA, M. C.; CRAIG, W. M.; PEPLER, D. Cyberbullying prevalence, stability, and risk factors during adolescence. *Canadian Journal of School Psychology*, v. 28, n. 2, p. 171-192, 2013.



Dados provenientes de:

1. LIVINGSTONE, S. et al. *Children's online risks and opportunities: comparative findings from EU Kids Online and Net Children Go Mobile*. London School of Economics and Political Science, 2014.
2. CAPPADOCIA, M. C.; CRAIG, W. M.; PEPLER, D. Cyberbullying prevalence, stability, and risk factors during adolescence. *Canadian Journal of School Psychology*, v. 28, n. 2, p. 171-192, 2013.

2.2.3 Crianças e adolescentes cuja orientação sexual, identidade ou expressão de gênero não se conformam às normas de gênero tradicionais

Crianças e adolescentes cuja orientação sexual, identidade e expressão de gênero não se conformam às normas de gênero tradicionais são afetadas de forma desproporcional pela violência escolar e pelo bullying.

O bullying homofóbico visa estudantes lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT) e também estudantes não LGBT que não se enquadram aos padrões tradicionais de gênero. Estudantes LGBT são mais propensos a sofrer bullying homofóbico na escola do que na comunidade, sendo a violência psicológica, que inclui a exclusão social e o bullying verbal, entre as mais relatadas pelos estudantes.⁶⁰

- Uma análise de dados da UNESCO⁶¹ observou que a proporção de estudantes LGBT a sofrer a violência escolar e o bullying varia de 16% no Nepal a 85% nos EUA, e que a prevalência da violência é maior entre estudantes LGBT do que entre seus pares não LGBT. Por exemplo, segundo um estudo realizado na Nova Zelândia, em 2014, estudantes lésbicas, gays e bissexuais eram três vezes mais propensos a sofrer bullying do que seus colegas heterossexuais, e estudantes transgêneros cinco vezes mais propensos. De acordo com dados coletados na Noruega, em 2015, entre 15% a 48% dos estudantes LGBT sofreram

60 UNESCO. *Jogo aberto: respostas do setor de educação a violência com base na orientação sexual e na identidade/expressão de gênero*. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002446/244652por.pdf>>.

61 UNESCO. *Jogo aberto: respostas do setor de educação a violência com base na orientação sexual e na identidade/expressão de gênero*. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002446/244652por.pdf>>.

bullying, comparado aos 7% dos estudantes heterossexuais. Na Ásia, estudos mostram que a proporção de estudantes LGBT que sofrem *bullying* na escola varia de 7% na Mongólia a 68% no Japão.

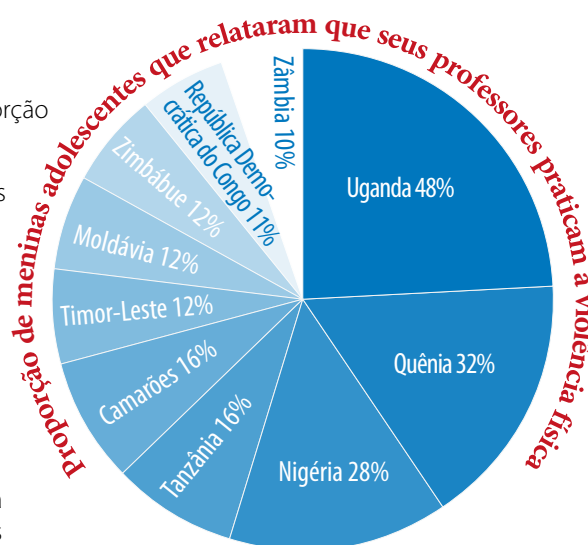
- Nos Estados Unidos, uma pesquisa revelou que 82% dos estudantes LGBT de 13 a 20 anos foram assediados verbalmente na escola no último ano devido à sua orientação sexual, e mais de 33% relataram que esse abuso ocorreu com frequência; 90% disseram que se sentiram deliberadamente excluídos ou deixados de fora por outros estudantes e 38% relataram ter sido empurrados e afastados.⁶²
- Em um estudo recente, 36% dos jovens LGBT relataram ter sofrido *cyberbullying* em algum momento de suas vidas, e 17% sofreu essa violência no último mês, uma proporção significativamente maior do que aquelas relatadas por seus colegas heterossexuais (20% e 7%, respectivamente).⁶³
- Estudantes não LGBT considerados atípicos segundo as normas de gênero, também são alvos de violência homofóbica. Na Tailândia, por exemplo, 24% dos estudantes heterossexuais sofreram violência porque sua expressão de gênero era percebida como atípica, e no Canadá 33% dos estudantes do sexo masculino sofreram violência verbal relacionada a sua orientação sexual real ou percebida, incluindo aqueles que não se identificavam como gays ou bissexuais.⁶⁴

2.2.4 Violência física e sexual

A violência física e sexual também afeta uma proporção significativa de crianças e jovens.

A maior parte dos dados disponíveis, provenientes de países industrializados, indicam que a violência física é menos comum nas escolas desses países do que o *bullying*, e tende a afetar e envolver mais os meninos do que as meninas. Entretanto, evidências anedóticas sugerem que a violência física, que inclui o castigo físico exercido por professores e outros funcionários, é um problema considerável nas escolas em alguns países e outras regiões.

Os dados específicos sobre violência sexual na escola e em seu entorno são limitados, visto que muitas vítimas hesitam relatar atos de violência sexual por medo de serem julgadas ou estigmatizadas, ou porque temem não serem levadas a sério ou enfrentar retaliação por parte de seu agressor ou agressores. Não obstante, os dados disponíveis sugerem que a violência sexual nas escolas é um problema sério em muitos países, especialmente para as meninas.



Dados do UNICEF. *Hidden in plain sight: a statistical analysis of violence against children*. New York, 2014.

- Em uma pesquisa com estudantes e professores de quatro países do sul da África⁶⁵ (Suazilândia, Namíbia, Botswana e Lesoto), entre 70% e 96% dos entrevistados (na Suazilândia e Botswana, respectivamente) disseram que a violência ocorre em sua escola, incluindo violência física e verbal e a violência baseada na expressão de gênero. A violência verbal é considerada a mais comum, seguida da violência física, na maioria das vezes praticada por meninos mais velhos contra meninos e meninas mais novos. A violência relacionada à diversidade sexual também foi relatada nos quatro países, de 18% de entrevistados na Suazilândia até 44% em Botswana.
- Em uma pesquisa nacional representativa com jovens do ensino médio feita nos EUA, em 2015⁶⁶, 7,8% relataram ter participado de uma briga na escola nos 12 meses anteriores à pesquisa, 5,6% relataram não ter ido à escola por um ou mais dias nos últimos 30 dias por se sentirem inseguros na escola ou a caminho da escola, 4,1% relataram ter levado uma arma (revolver, faca ou bastão) para o local da escola por um dia ou mais no último mês e 6% relataram ter sido ameaçados ou feridos com uma arma na escola uma ou mais vezes nos 12 meses anteriores à pesquisa.

62 GLSEN. The 2011 national school climate survey: the experiences of LGBT youth in our nation's schools. 2012. Disponível em: <www.glsen.org>.

63 HINDUJA, S.; PATCHIN, J. W. *Cyberbullying: identification, prevention and response*. Cyberbullying Research Center, 2014. Disponível em: <www.cyberbullying.us>.

64 UNESCO. *Jogo aberto: respostas do setor de educação a violência com base na orientação sexual e na identidade/expressão de gênero*. Brasília, 2017. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002446/244652por.pdf>.

65 UNESCO. *Jogo aberto: respostas do setor de educação a violência com base na orientação sexual e na identidade/expressão de gênero*. Brasília, 2017. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002446/244652por.pdf>.

66 CDC. *Understanding school violence*. 2016. Disponível em: <http://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/school_violence_fact_sheet-a.pdf>.

- Embora em muitos países os meninos sejam mais propensos do que as meninas a relatar casos de ataques físicos na escola, em uma pesquisa nacional representativa de estudantes do ensino médio na África do Sul, mencionada no relatório do UNICEF de 2014,⁶⁷ cerca de 6% dos estudantes, incluindo meninos e meninas, relataram ter sofrido ataques ou danos físicos na escola no último ano. Além disso, 22% relataram ter sido ameaçados, roubados ou atacados na escola.
- Estima-se que mais da metade das crianças no mundo vivem em países onde não há legislação que os proteja do castigo físico nas escolas. Até dezembro de 2014, 122 estados haviam proibido o castigo físico nas escolas, porém 76% dos países não contam com tais proibições.⁶⁸ O Estudo Global da ONU sobre a Violência contra as Crianças observa que o castigo físico com frequência é usado para punir o fraco desempenho acadêmico ou mau comportamento. Estudos realizados em países do Oriente Médio e norte da África, por exemplo, citam evidências de crianças que apanham com vara devido a resultados insuficientes em avaliações individuais ou coletivas.
- Uma análise dos dados da Pesquisa de Demografia e Saúde (DHS) e Pesquisa por Agrupamento de Indicadores Múltiplos (MICS) que consta em um relatório do UNICEF de 2014⁶⁹, mostra que, entre os meninos adolescentes, os maiores praticantes da violência física são os colegas e professores. Entre as meninas adolescentes, os pais e outros tutores são os praticantes mais frequentes da violência física, embora os professores tenham sido mencionados por um grande número de meninas em alguns países, por exemplo, 48% em Uganda, 42% no Quênia, 32% na Nigéria, 28% na Tanzânia, 16% nos Camarões, 12% no Timor-Leste, Moldávia e Zimbábue, 11% na República Democrática do Congo, e 10% na Zâmbia.
- Um documento de referência da UNESCO⁷⁰ cita uma série de estudos feitos na Índia que enfatizam a alta prevalência do castigo físico nas escolas. Por exemplo, segundo o primeiro estudo nacional sobre abuso infantil de 2007, mais de duas a cada três crianças reportaram ter sofrido abuso físico, incluindo castigo físico, sendo os professores seus principais agressores fora da família. Meninos e crianças de famílias mais pobres e castas inferiores estão submetidos a uma maior incidência de castigo físico. Embora em 2009 o castigo físico em crianças de 6 a 14 anos tenha sido proibido nas escolas da Índia, a prática ainda é vigente. Por exemplo, de acordo com um estudo realizado pela *Young Lives*⁷¹ em Andhra Pradesh, onde o castigo físico foi eliminado, 82% dos meninos e 72% das meninas de 7 e 8 anos foram submetidos à violência física na semana anterior.
- Cerca de 120 milhões de meninas (ou uma a cada dez) em todo o mundo com menos de 20 anos já foram vítimas da violência sexual. Embora esse dado não esteja dissociado do local em que a violência ocorreu, foram relatados altos índices de assédio sexual em muitos países.
- Um documento de política conjunta publicado pelo Relatório de Monitoramento Global (GMR), UNESCO e Iniciativa das Nações Unidas pela Educação de Meninas (UNGEI) em 2015⁷², cita uma análise que mostra que dois a cada cinco diretores de escolas da África Oriental e do Sul relatam a ocorrência de assédio sexual entre os estudantes durante o ensino fundamental, de acordo com dados do Consórcio para o Monitoramento da Qualidade Educacional da África Sul e Oriental (SACMEQ). Na África do Sul, segundo uma pesquisa nacional recente, 8% das meninas do ensino médio já sofreram algum ataque sexual grave ou estupro no último ano na escola.⁷³ De acordo com dados publicados em 2005, 6,2% dos estudantes na Alemanha e 1,1% na Bélgica sofreram abuso sexual. No Canadá, segundo uma pesquisa, uma a cada quatro meninas sofreram assédio sexual na escola.⁷⁴
- O documento de política conjunta da GMR, UNESCO e UNGEI também cita evidências de assédio sexual cometido por professores. Por exemplo, na América Latina e na África foram documentados casos de coerção e abuso sexual cometidos por professores em troca de melhores notas, e na África, casos de meninas que são coagidas por seus professores a praticar relações sexuais por não poderem pagar por despesas escolares.^{75 76}

67 UNICEF. *Hidden in plain sight: a statistical analysis of violence against children*. New York, 2014.

68 Ver GLOBAL INITIATIVE TO END CORPORAL PUNISHMENT OF CHILDREN. Disponível em: <www.endcorporalpunishment.org> e <<http://unesco.org/images/0023/002321/232107E.pdf>> p7>.

69 UNICEF. *Hidden in plain sight: a statistical analysis of violence against children*. New York, 2014.

70 Ver PARKES, Jane. *Gender-based violence in education*. Paris: UNESCO, 2015. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002323/232399e.pdf>>.

71 Ver YOUNG LIVES. Disponível em: <<http://www.younglives.org.uk>>.

72 UNESCO. *School-related gender-based violence is preventing the achievement of quality education for all*. Paris: UNESCO-GMR, UNGEI, 2015. (Policy paper, 17). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002321/232107E.pdf>>.

73 BURTON; LEOSCHUT (2013) apud UNESCO. *School-related gender-based violence is preventing the achievement of quality education for all*. Paris: UNESCO-GMR, United Nations Girls' Education Initiative (UNGEI), 2015. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002321/232107E.pdf>>.

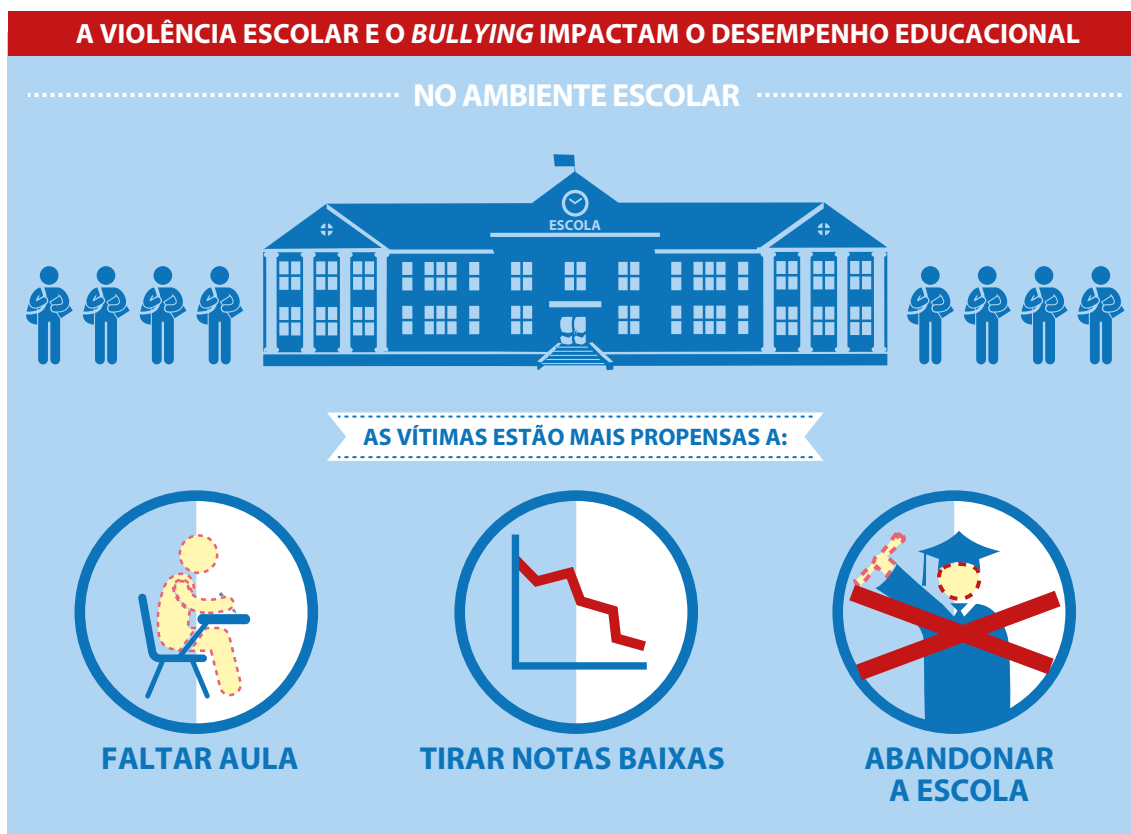
74 NEWEL, Peter. *Learn without fear: the global campaign to end violence in schools*. Paris: UNESCO-UIL, 2008.

75 UNESCO. *School-related gender-based violence is preventing the achievement of quality education for all*. Paris: UNESCO-GMR, UNGEI, 2015. (Policy paper, 17). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002321/232107E.pdf>>.

76 Ver PARKES, Jane. *Gender-based violence in education*. Paris: UNESCO, 2015. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002323/232399e.pdf>>.

- Os casos de violência sexual na escola, a caminho ou na volta da escola também são comuns em vários países. Por exemplo, no Quênia, uma a cada cinco mulheres que foram vítimas da violência sexual antes dos 18 anos relatam que o primeiro incidente ocorreu na escola.⁷⁷

2.3 Impacto da violência escolar e do *bullying*



2.3.1 A violência escolar e o *bullying* tem um impacto negativo na qualidade e no desempenho educacionais

Os efeitos educacionais nas vítimas da violência escolar e do *bullying* são significativos. A violência e o *bullying* cometidos por professores ou outros estudantes podem fazer com que as crianças e adolescentes tenham medo de ir à escola, bem como interferir em sua capacidade de concentração em sala de aula ou na participação de atividades escolares. Seu efeito nas testemunhas pode ser semelhante.

As consequências incluem faltar aulas, evitar atividades escolares, faltar aulas ou abandonar completamente a escola, o que afeta negativamente o desempenho e resultados acadêmicos, bem como futuras possibilidades de emprego. As crianças e adolescentes que são vítimas da violência podem tirar notas baixas e serem menos propensas a alcançar o ensino superior. Análises de avaliações internacionais de aprendizagem salientam o impacto do *bullying* nos resultados de aprendizagem. Elas mostram claramente que o *bullying* reduz o desempenho dos estudantes em matérias essenciais como a matemática, e outros estudos também documentaram um impacto negativo da violência escolar e do *bullying* no rendimento escolar.⁷⁸

As testemunhas e o ambiente escolar como um todo também são afetados pela violência escolar e pelo *bullying*. Ambientes de aprendizagem não seguros criam um clima de medo e insegurança e a percepção de que os professores não têm controle ou não se importam com o bem-estar dos estudantes, o que reduz a qualidade da educação para todos os estudantes.

77 UNICEF. *Hidden in plain sight: a statistical analysis of violence against children*. New York, 2014.

78 Ver USAID. *Literature review on the intersection of safe learning environments and educational achievement*, Oct. 2013. Disponível em: <http://www.ungei.org/Safe_Learning_and_Achievement_FINAL.pdf>; TIMSS. *2011 international results in Mathematics, chapter 6: climate change*. Disponível em: <http://timssandpirls.bc.edu/timss2011/downloads/T11_IR_M_Chapter6.pdf>; USAID; TEXAS A&M UNIVERSITY. *The effects of school-related gender-based violence on academic performance: evidence from Botswana, Ghana & South Africa*, 2016. Disponível em: <<http://condevcenter.org/wp-content/uploads/2016/03/The-Effects-of-School-Related-Gender-Based-Violence-on-Academic-Performance-Evidence-from-Botswana-Ghana-and-South-Africa.pdf>>; DEVRIES, K. et al. School violence, mental health and educational performance in Ugandan primary school children: a cross-sectional survey, *Pediatrics*, n. 133, p. e129–e137, 2014.

- Segundo um estudo realizado em 2010 no Reino Unido⁷⁹, jovens de 16 anos que foram vítimas de *bullying* na escola se mostravam duas vezes mais propensos a não terem educação formal, emprego ou treinamento, e a terem piores salários nas idades de 23 e 33 anos, do que os que não sofreram *bullying*. Por sua vez, jovens do sexo masculino que não estudam ou não têm emprego ou treinamento, são três vezes mais propensos a sofrer de depressão e cinco vezes mais propensos a terem ficha criminal.
- Segundo uma revisão de evidências da UNESCO⁸⁰, na Tailândia, 31% dos estudantes que sofreram provocações ou *bullying* de natureza homofóbica relataram ter se ausentado da escola no último mês; na Argentina, 45% dos estudantes transgêneros abandonaram a escola, e estudantes LGBT da Austrália, Chile, Dinamarca, El Salvador, Itália e Polônia relataram pior desempenho acadêmico do que seus pares heterossexuais.
- Um relatório de 2012 do Representante Especial do Secretário-Geral da ONU sobre a Violência contra Crianças⁸¹ observa que “o ciclo de violência e intimidação resulta em... fraco desempenho escolar tanto para os estudantes que cometem o *bullying* quanto para os que são vítimas”. E conclui que “... crianças que estudam em um ambiente violento obtêm resultados piores do que outras que não se encontram nesse tipo de ambiente, e crianças que são vítimas de *bullying* com frequência exibem uma queda acentuada no rendimento escolar e relutância em participar de atividades escolares. Além disso, seu direito ao lazer, brincadeiras e recreação pode ser comprometido conforme elas se isolam de outras crianças e perdem interesse em *hobbies* e outras atividades extraclasse”.
- O Estudo Global das Nações Unidas sobre a Violência contra as Crianças realizado em 2006, observa que o abuso verbal, o *bullying* e a violência sexual nas escolas são apontados como causa para a falta de motivação, absenteísmo e evasão escolar. Além disso, o castigo físico também é um fator que influencia o abandono da escola em alguns países. Por exemplo, em um estudo no Nepal, 14% da evasão escolar foi atribuída ao castigo físico e ao medo dos professores.
- Os fatores associados à violência que interferem na educação das meninas incluem: coerção sexual e assédio, abandono da escola devido à gravidez indesejada, situações de perigo na ida e volta para a escola e a decisão dos pais de manter as filhas em casa devido ao risco de violência na escola ou em seu entorno.⁸² Um relatório do UNICEF⁸³ menciona uma pesquisa nacional representativa de estudantes do ensino fundamental na Etiópia, segundo a qual a exposição à violência escolar afeta a participação das meninas em sala de aula e seu desempenho escolar, além de aumentar os índices de evasão. Além disso, alguns países contam com políticas de expulsão ou exclusão de meninas grávidas da escola. A permanência das meninas na escola, ou seu retorno após o parto pode instigar o *bullying* ou abuso verbal por parte dos colegas e professores.⁸⁴

“A violência ou ameaça de violência pode chegar a um ponto em que a criança abandona a escola ou é mantida em casa por seus pais, preocupados com sua segurança, comprometendo suas chances de superar a pobreza.”⁸⁵

2.3.2 A violência escolar e o *bullying* afetam a saúde física, mental e emocional de crianças e adolescentes

A violência física pode causar ferimentos fatais ou não fatais, além de outros tipos de danos físicos. A violência sexual traz o risco do HIV, outras infecções sexualmente transmissíveis e gravidez não planejada. Além disso, a exposição precoce à violência e ao *bullying* pode ter consequências a longo prazo para a saúde.

As crianças e adolescentes que sofrem *bullying* são mais propensos a terem dificuldades interpessoais, a se sentirem deprimidos, solitários ou ansiosos, a terem baixa autoestima, pensamentos suicidas ou a tentarem o suicídio. A violência escolar e o *bullying* também afetam a saúde mental e emocional dos agressores e das testemunhas.

79 ELLERY, F.; KASSAM, N.; BAZAN, C. *Prevention pays: the economic benefits of ending violence in schools*. UK: Plan International, 2010.

80 UNESCO. *Jogo aberto: respostas do setor de educação a violência com base na orientação sexual e na identidade/expressão de gênero*. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002446/244652por.pdf>>.

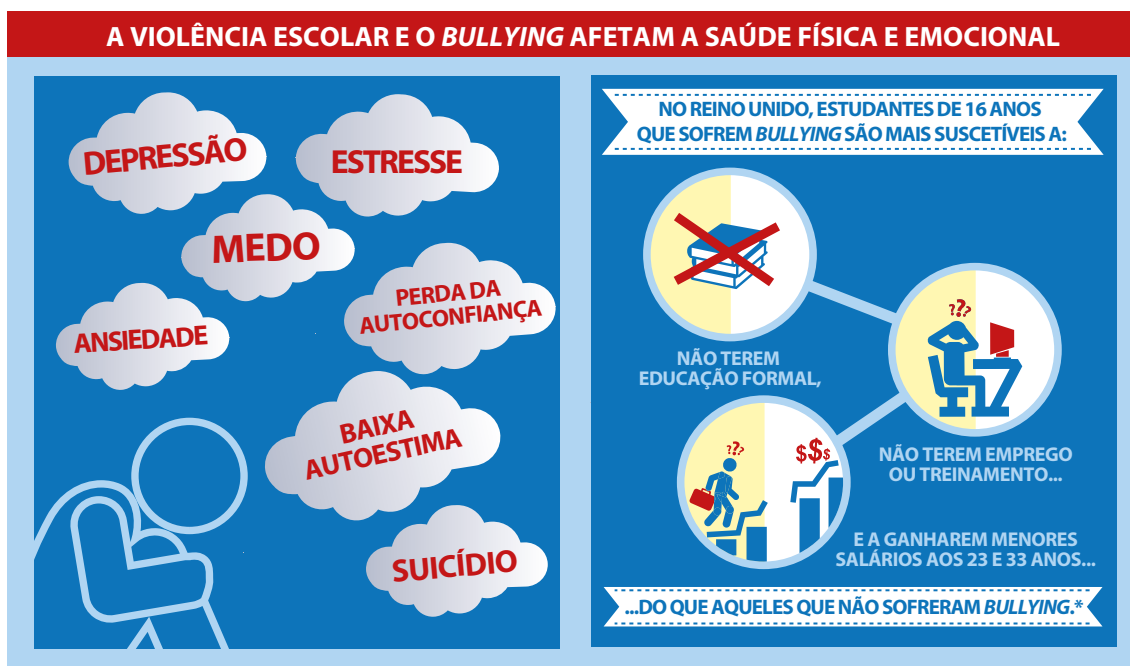
81 OFFICE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Tackling violence in schools: a global perspective bridging the gap between standards and practice*. New York, 2012.

82 Ver OFFICE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Toward a world free from violence: global survey on violence against children*. New York, 2015.

83 UNICEF. *Hidden in plain sight: a statistical analysis of violence against children*. New York, 2014.

84 UNESCO. *Developing an Education Sector response to early and unintended pregnancy: discussion document for a global consultation*, November 2014. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002305/230510E.pdf>>.

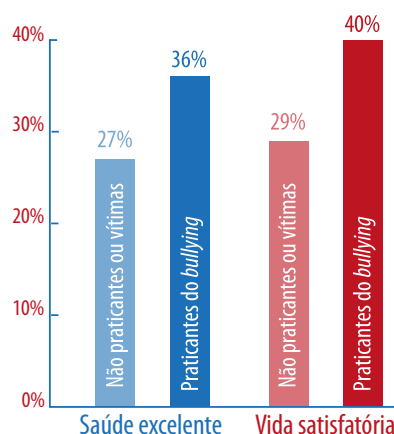
85 OFFICE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Tackling violence in schools: a global perspective bridging the gap between standards and practice*. New York, 2012.



Dados provenientes de ELLERY, F.; KASSAM, N.; BAZAN, C. *Prevention pays: the economic benefits of ending violence in schools*. UK: Plan International, 2010.

- Um relatório de 2016 do Centros de Controle de Doenças dos EUA (*US Centers for Disease Control – CDC*),⁸⁶ enfatizou o impacto da violência escolar na saúde física e mental, e observou que “muitos jovens sofrem danos não fatais. Alguns desses danos são relativamente menores e incluem cortes, hematomas e ossos quebrados. Outros danos, como ferimentos de bala e traumas, são mais sérios e podem levar à deficiência permanente. Nem todos os danos são visíveis. A exposição à violência escolar pode levar a uma série de consequências e comportamentos negativos relacionados à saúde, incluindo abuso de álcool e drogas, bem como ao suicídio. Depressão, ansiedade e vários outros problemas psicológicos, incluindo o medo, podem resultar da violência escolar”.
- Um relatório recente da ONU⁸⁷ observa que “a saúde mental e física de crianças que sofreram *bullying* está sob ameaça: eles podem apresentar sinais de depressão, ter problemas para comer e dormir ou reclamar de sintomas físicos como dores de cabeça ou estômago”. Estudantes que sofrem o *bullying* estão mais sujeitos a terem depressão, se sentirem solitários, ansiosos ou a terem baixa autoestima.^{88 89}
- Diversos estudos mencionados em uma recente revisão de evidências da UNESCO⁹⁰ mostram que crianças e jovens que sofreram o *bullying* homofóbico estão mais sujeitos à ansiedade, depressão, medo, estresse, baixa autoestima, solidão, autoagressão ou pensamentos suicidas.
- O Estudo Global das Nações Unidas sobre a Violência contra as Crianças inclui um estudo sobre o impacto do *bullying* na saúde feito em 28 países europeus. Nele consta os efeitos negativos do *bullying* para a saúde física e psicológica das crianças e adolescentes: quanto mais sofrem o *bullying*, mais sintomas ligados a problemas de saúde elas manifestam. Segundo uma análise de dados de 30 países industrializados e em transição, crianças que sofreram ou praticaram o *bullying* se mostraram menos propensas a dizer que tinham uma saúde excelente (27% contra 36%) e uma vida satisfatória (29% contra 40%).

O IMPACTO DO BULLYING NA SAÚDE



Dados do Estudo Global da ONU sobre a Violência contra as Crianças de 2006

86 CDC. *Understanding school violence*. 2016. Disponível em: <http://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/school_violence_fact_sheet-a.pdf>.

87 UNITED NATIONS. *Protecting children from bullying: report of the Secretary-General*. New York, 2016.

88 OFFICE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Tackling violence in schools: a global perspective bridging the gap between standards and practice*. New York, 2012.

89 HBSC. *Bullying & fighting* (Publications: fact sheets). Disponível em: <<http://www.hbsc.org/publications/factsheets/Bullying-and-fighting-english.pdf>>. Acesso em: 24 Jun. 2015.

90 UNESCO. *Jogo aberto: respostas do setor de educação a violência com base na orientação sexual e na identidade/expressão de gênero*. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002446/244652por.pdf>>.

- Exposição precoce à violência pode comprometer o desenvolvimento cerebral e danificar outras partes do sistema nervoso, endócrino, circulatório, musculoesquelético, reprodutivo, respiratório e imunológico, com consequências para toda a vida.⁹¹
- Uma meta-análise de estudos longitudinais sobre o impacto do *bullying* nos agressores⁹² realizada em 2011 relata que a saúde mental e psicológica daqueles que praticam o *bullying* é afetada, tornando-se mais propensos a ter depressão no futuro. Os praticantes do *bullying* que também são vítimas apresentam os piores níveis de funcionalidade, incluindo depressão e outros problemas de saúde, em comparação com quem é apenas vítima ou praticante do *bullying*.⁹³
- Outros estudos enfatizaram os efeitos negativos na saúde emocional das testemunhas do *bullying*.⁹⁴

2.3.3 A violência escolar e o *bullying* acarretam custos sociais e econômicos significativos

- O Estudo Global da ONU sobre a Violência contra as Crianças de 2006 mostra que as vítimas do castigo físico, na escola e no lar, podem se tornar adultos passivos ou excessivamente cautelosos, ou mesmo agressivos. A participação no *bullying* escolar pode ser um fator de predição de futuro comportamento antissocial ou criminoso. Ser submetido ao *bullying* também está relacionado a um maior risco de distúrbios alimentares e dificuldades sociais e de relacionamento.⁹⁵
- Outros estudos mostraram os efeitos a longo prazo do *bullying* na escola. Por exemplo, em um estudo envolvendo todas as crianças nascidas na Inglaterra, Escócia e País de Gales durante uma semana de 1958, foram analisados os dados de 7.771 crianças que haviam sofrido *bullying* aos 7 e 11 anos de idade. Aos 50 anos, os que haviam sofrido *bullying* na infância se mostraram menos propensos a obter qualificações acadêmicas e a viver com um cônjuge ou parceira, ou a ter apoio social adequado. Também tiveram pontuação inferior em testes de memória projetados para medir o Q. I. cognitivo, mesmo quando sua capacidade intelectual na infância foi levada em consideração, além de relatarem sofrer de problemas de saúde com mais frequência. Os efeitos do *bullying* se prolongaram até quase quatro décadas depois, com consequências sociais e econômicas e efeitos na saúde que persistiram até a idade adulta. Para as crianças “os colegas exercem uma influência muito maior do que se imaginava. É um algo terrível ser excluído pelos colegas.”⁹⁶
- O impacto econômico da violência contra as crianças e adolescentes é substancial.⁹⁷ Estima-se que só no Brasil a violência entre os jovens acarrete o custo de aproximadamente 19 bilhões de dólares por ano, dos quais 943 milhões podem estar associados à violência na escola. Nos EUA, estima-se que os custos associados à violência na escola sejam de 7,9 bilhões de dólares ao ano.⁹⁸
- Um trabalho de análise patrocinado pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) mostra que só a violência escolar e baseada em gênero pode estar associada à perda do primeiro ano escolar, que corresponde ao custo anual de aproximadamente 17 bilhões de dólares nos países de baixa e média renda.⁹⁹
- Na região da Ásia Oriental e Pacífico, estima-se que os custos econômicos de apenas alguns problemas de saúde associados ao maltrato infantil correspondem a algo entre 1,4% a 2,5% do seu PIB anual.
- Na Argentina, as perdas associadas ao abandono precoce da escola para a sociedade equivalem a 11,4% do PIB, e no Egito, cerca de 7% de ganhos em potencial são perdidos em consequência do número de crianças que desiste da escola.
- Um estudo mostrou que os países Camarões, República Democrática do Congo e Nigéria perdem, respectivamente, 974 milhões, 301 milhões e 1,662 bilhão de dólares ao ano, por não serem capazes de oferecer às meninas o mesmo nível de educação oferecido aos meninos, sendo a violência na escola um dos fatores principais que contribuem para a sub-representação das meninas na educação.¹⁰⁰

91 WHO. *Inspire: seven strategies for ending violence against children*. Geneva, 2016.

92 TTOF, M. M. et al. Do the victims of school bullies tend to become depressed later in life? A systematic review and meta-analysis of longitudinal studies. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, v. 3, n. 2, p. 63-73, 2011.

93 VEENSTRA, R. et al. *Bullying and victimization in elementary schools: a comparison of bullies, victims, bully/victims, and uninvolved preadolescents*. *Developmental Psychology*, v. 41, p. 672-682, 2005.

94 Ver UNESCO, *Stopping violence in schools: a guide for teachers*. Paris, 2011. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001841/184162e.pdf>>.

95 UNICEF. *Hidden in plain sight: a statistical analysis of violence against children*. New York, 2014.

96 SMITH, R. (Ed.). Bullying at school affects health 40 years later. *The Telegraph*, 18 Apr. 2014. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/health/children/10772302/Bullying-at-school-affects-health-40-years-later.html>>.

97 WHO. *Inspire: seven strategies for ending violence against children*. Geneva, 2016.

98 OFFICE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Tackling violence in schools: a global perspective bridging the gap between standards and practice*. New York, 2012.

99 RTI INTERNATIONAL. *What is the cost of school-related gender-based violence?* USAID, 2015.

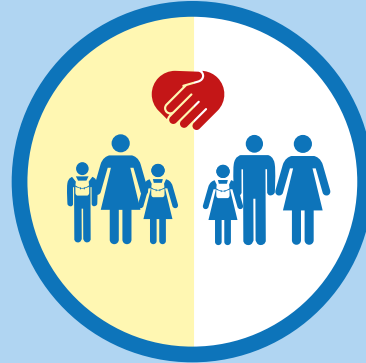
100 PLAN. *Paying the price*. apud ANTONOWICZ, Laetitia. *Too often in silence: a report on school-based violence in West and Central Africa*, 2008.

3. A resposta

A VIOLÊNCIA ESCOLAR E O BULLYING EXIGEM UMA RESPOSTA ABRANGENTE DO SETOR DE EDUCAÇÃO



PROTEÇÃO JURÍDICA



PARCERIAS ENVOLVENDO CRIANÇAS E JOVENS



POLÍTICA, LIDERANÇA E CONSCIENTIZAÇÃO EFETIVAS



MECANISMO DE DENÚNCIA E RECLAMAÇÃO, ALÉM DE SERVIÇOS DE APOIO EFICAZES



DADOS CONFIÁVEIS E MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO RIGOROSOS



CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS, CRIANÇAS E JOVENS

O setor de educação, em seu trabalho conjunto com outros setores e partes interessadas, tem a responsabilidade de proteger as crianças e jovens da violência e oferecer um ambiente de aprendizagem seguro e inclusivo para todos os estudantes. A escola também é um lugar onde o comportamento violento pode ser modificado e o comportamento não violento aprendido; tanto o ambiente de aprendizagem quanto o conteúdo educativo podem transmitir uma compreensão dos direitos humanos, igualdade de gênero, valores de respeito e solidariedade e habilidades para se comunicar, negociar e resolver os problemas pacificamente. Além disso, as escolas sem violência também podem promover a não violência na comunidade em geral.

Esta seção oferece um panorama dos principais elementos que caracterizam uma resposta abrangente do setor de educação à violência escolar e ao *bullying*, e destaca vários exemplos de iniciativas e ações de diversos países para prevenir e combater o problema. As evidências mostram que as respostas com base em uma abordagem que envolve todo o setor (e toda a escola)¹⁰¹, bem como intervenções que previnem e combatem este problema, podem fazer a diferença.¹⁰² Esse tipo de abordagem não apenas reduz a violência escolar e o *bullying*, mas também contribui para reduzir o absenteísmo, promovendo a melhora do desempenho acadêmico e aperfeiçoando as habilidades sociais e bem-estar das crianças. Uma abordagem efetiva e abrangente do setor de educação face à violência escolar e o *bullying* inclui todos os elementos a seguir:

- **Liderança** inclui: desenvolver e colocar em prática leis e políticas nacionais que protejam as crianças e adolescentes da violência escolar e do *bullying* nas escolas; e alocar recursos adequados para combater esse problema.
- **Ambiente escolar** inclui: criar um ambiente de aprendizagem seguro e inclusivo; forte gestão; desenvolver e colocar em prática políticas e códigos de conduta escolares e garantir que os funcionários que os violem sejam penalizados.
- **Capacidade** inclui: treinamento e suporte para professores e outros funcionários, garantindo que tenham o conhecimento e habilidades necessários para colocar em prática programas de prevenção à violência e respondam aos incidentes de violência escolar e ao *bullying*; desenvolver o potencial das crianças e adolescentes; desenvolver conhecimento, atitudes e habilidades apropriados à prevenção da violência entre crianças e adolescentes.
- **Parcerias** inclui: promover a conscientização sobre o impacto negativo da violência escolar e do *bullying*; colaboração com outros setores em âmbito nacional ou local; parcerias com professores e sindicatos de professores, trabalho com famílias e comunidades; participação ativa de crianças e adolescentes.
- **Serviços e apoio** inclui: fornecer mecanismos de denúncia e informação acessíveis, confidenciais e sensíveis às crianças; disponibilizar orientação e apoio; e encaminhamento a serviços de saúde, entre outros.
- **Evidência** inclui: implementação de amplo conjunto de dados; monitoramento e avaliação rigorosos para acompanhar o progresso e os resultados; e pesquisa para estabelecer uma base de informações para a elaboração de programas e intervenções.

A seguir, destacam-se exemplos específicos de ações adotadas em diversos países relativas a uma resposta efetiva e abrangente à violência escolar e ao *bullying*:

101 Abordagens que incluem todo o setor de educação articulam diversos atores, bem como a comunidade e as autoridades locais que atuam em diversas atividades, visando tornar a escola um ambiente mais seguro, amigável às crianças e propício ao seu aprendizado.

102 Ver WHO. *Inspire: seven strategies for ending violence against children*. Geneva, 2016, que reúne evidências baseadas em estratégias para prevenir e combater à violência na infância, incluindo a violência nas escolas.

3.1 Liderança

Uma legislação nacional de proteção é parte essencial de uma resposta abrangente à violência escolar e ao *bullying*. O ambiente jurídico favorável também inclui leis que proíbem o castigo físico nas escolas. As leis ajudam a transmitir uma mensagem clara à sociedade ao condenar a violência, e constituem o fundamento para uma cultura de respeito em prol dos direitos das crianças. Se faz necessário garantir que as leis que protegem as crianças e adolescentes da violência e do *bullying* nas escolas sejam colocadas em prática e traduzidas na forma de políticas. A falta de uma legislação e de políticas para proteger as crianças e adolescentes da violência, ou a aplicação insuficiente das mesmas, constitui um enorme desafio.

EXEMPLOS DE AÇÕES ADOTADAS POR PAÍSES NO COMBATE À VIOLÊNCIA ESCOLAR E AO *BULLYING*

REPÚBLICA DA COREIA



A LEI CONTRA A VIOLÊNCIA E O *BULLYING* NA ESCOLA PROTEGE OS DIREITOS HUMANOS DOS ESTUDANTES

AUSTRÁLIA



A ESTRUTURA NACIONAL PARA A SEGURANÇA NAS ESCOLAS COMBATE O *BULLYING* E A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

FINLÂNDIA



A LEI PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA REFORÇA O DIREITO DE TODO ESTUDANTE DE APRENDER EM UM AMBIENTE SEGURO

JAPÃO



O PROGRAMA DE PREVENÇÃO AO *BULLYING* GARANTE QUE O *BULLYING* JAMAIS PASSE DESPERCEBIDO

CHILE



A CAMPANHA POR UMA COEXISTÊNCIA PACÍFICA PROMOVE A HARMONIA NAS ESCOLAS

ÁFRICA DO SUL



O MINISTERIO DA EDUCAÇÃO DESENVOLVEU DIRETRIZES PARA ORIENTAR OS PROFESSORES SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL NAS ESCOLAS

NORUEGA



A OUVIDORIA EM DEFESA DOS DIREITOS DAS CRIANÇAS PROMOVE RECOMENDAÇÕES DOS JOVENS PARA COMBATER O *BULLYING*

INDONÉSIA



OS JOVENS FORMAM PARCERIA COM GOVERNO EM UMA CAMPANHA ANTI-*BULLYING* NAS REDES SOCIAIS

AFEGANISTÃO



O PROJETO ESCOLAS SEM VIOLÊNCIA ABORDA O CASTIGO FÍSICO, O ABUSO SEXUAL E A DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO

Alguns países contam com uma legislação específica relacionada ou de combate à violência escolar e ao *bullying*.

- Em 2004, a **República da Coreia** estabeleceu uma lei contra a violência e o *bullying* na escola, que fornece medidas de prevenção e combate à violência nas escolas¹⁰³. Desde então, a lei tem sido revisada para que continue adequada ao seu propósito, que é “proteger os direitos fundamentais dos estudantes e educá-los como membros funcionais da sociedade por meio da proteção das vítimas, orientação e educação dos agressores e mediação entre vítimas e agressores”. Ela exige o desenvolvimento de um plano mestre que inclui pesquisa e educação, apoio e reabilitação, parcerias entre agências e instituições educacionais e alocação de conselheiros escolares.
- Nas **Filipinas**, a lei de combate ao *bullying* oferece a estrutura para iniciativas de conscientização nacional e políticas escolares. Ela exige que todas as escolas de ensino fundamental e médio adotem políticas para combater o *bullying*, estabeleçam mecanismos e requisitos de informação relevantes e delinham sanções para o caso de não serem cumpridos.¹⁰⁴
- Na **Austrália**, a Estrutura Nacional para a Segurança nas Escolas (NSSF) foi desenvolvida em 2003 para promover a iniciativa nacional de combate ao *bullying* e à violência nas escolas; a NSSF é regida pela lei de apoio à escola (*Schools Assistance Act*) de 2004.¹⁰⁵
- Na **Finlândia**, a seção 29 da Lei para a Educação Básica declara que todo estudante tem direito a um ambiente escolar seguro.¹⁰⁶ Devido a essa lei, as autoridades escolares são responsáveis em assegurar que os estudantes não sofram violência e *bullying* na escola.
- Igualmente, na **Suécia**, a lei contra discriminação de 2009 e a lei para a educação em 2010 proíbem qualquer forma de discriminação e *bullying* nas escolas e, sob esta última, as escolas são obrigadas a investigar e relatar todos os incidentes de *bullying*, além de ter um plano anual para preveni-lo e combatê-lo. A lei também garante a proibição de reprimendas contra os que denunciam incidentes de *bullying* e o direito à indenização, caso a escola não cumpra com os regulamentos.¹⁰⁷
- No **Canadá**, as cidades de Ontário e Quebec contam com legislações formais relativas ao *bullying* nas escolas.¹⁰⁸ A legislação de Ontário diz respeito a todos os incidentes de *bullying* e determina os direitos e responsabilidades dos ministérios e funcionários escolares, incluindo professores e diretorias.¹⁰⁹ Entretanto, a lei é efetiva somente nas escolas públicas.¹¹⁰ A legislação do Quebec define o *bullying* como “qualquer comportamento indireto ou direto, comentário, ato ou gesto, incluindo os praticados por meio de mídias sociais, com a finalidade de machucar, ferir, oprimir, intimidar ou excluir, e inclui o *cyberbullying*”.¹¹¹ De acordo com a lei, a diretoria, as escolas públicas e privadas e o ministério têm toda responsabilidade de tornar o ambiente de aprendizagem seguro e saudável.
- No **Chile**, a Lei Nº 20.536 sobre violência escolar e a lei geral para a educação foi aprovada em 2011.¹¹²
- No **México**, a lei de Proteção dos Direitos da Criança de 2014 exige que as autoridades estabeleçam estratégias para a identificação, prevenção e eliminação do *bullying*.¹¹³ De acordo com essa lei, os servidores públicos e funcionários escolares devem ser treinados para que saibam lidar com o *bullying*, e devem ser estabelecidos mecanismos que forneçam cuidado, orientação e proteção às crianças que estejam sofrendo assédio ou violência nas escolas.

103 REPÚBLICA DA COREIA. *Legislação*. Disponível em: <www.law.go.kr>.

104 UNITED NATIONS. UNGA A/71/213 *Protecting children from bullying-report of the Secretary-General*. New York, 2016. p. 12 e 17.

105 AUSTRALIA. Department of Education and Training. *Student resilience and wellbeing resources*. Disponível em: <<https://www.education.gov.au/state-and-territory-anti-bullying-policies>>.

106 JIMERSON, S. R. et al. (Eds.). *Handbook of school bullying: an international perspective*. 2009. p. 446.

107 UNESCO. *Jogo aberto: respostas do setor de educação a violência com base na orientação sexual e na identidade/expressão de gênero*. Brasília, 2017. p. 41. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002446/002446244652por.pdf>>; UNITED NATIONS. UNGA A/71/213 *Protecting children from bullying-report of the Secretary-General*. New York, 2016. p. 17.

108 SAINT-CYR, Yosie. New anti-bullying laws across Canada. *Slaw: Canada's Online Legal Magazine*, 16 Feb. 2012. Disponível em: <<http://www.slaw.ca/2012/02/16/new-anti-bullying-laws-across-canada/>>.

109 CANADA. Legislative Assembly of Ontario. *Bill 13, 2012. An Act to amend the Education Act with respect to bullying and other matters*. Disponível em: <http://www.ontla.on.ca/web/bills/bills_detail.do?locale=en&BillID=2549&detailPage=bills_detail_the_bill&Intranet=>>.

110 PREVNET. *Policy & legislation, Ontario: for educators*. Disponível em: <<http://www.prevnet.ca/resources/policy-and-legislation/ontario/for-educators>>.

111 PREVNET. *Policy & legislation, Quebec: for educators*. Disponível em: <<http://www.prevnet.ca/resources/policy-and-legislation/quebec/for-educators>>.

112 PLAN INTERNATIONAL; UNICEF. *Toolkit and analysis of legislation and public policies to protect children and adolescents from all forms of violence in schools*. New York, (s.d.). p. 58. Disponível em: <https://www.unicef.org/lac/Toolkit_violencia_ENGLISH.pdf>.

113 UNITED NATIONS. UNGA A/71/213 *Protecting children from bullying-report of the Secretary-General*. New York, 2016. p.16.

- No **Peru**, uma lei aprovada em 2011 garante um ambiente escolar seguro com mecanismos para a prevenção, identificação, resposta e eliminação do *bullying* e *cyberbullying* nas escolas.¹¹⁴ O Ministério da Educação, diretorias, funcionários e pais são todos responsáveis, e todas as escolas devem indicar um psicólogo para se responsabilizar pela prevenção e combate ao *bullying*. A ouvidoria supervisiona a implementação da lei.

Em vários outros países, não há legislação específica, mas o *bullying* escolar é contemplado por leis relevantes com escopo mais abrangente, como leis contra a discriminação que promovem os direitos humanos e a igualdade.

- No **Reino Unido**, o *bullying* é contemplado pela Lei de Educação e Inspeção de 2006, Regulamento Padrão para as Escolas Independentes de 2010, Lei do Estatuto da Criança e do Adolescente de 1989, Lei contra o Assédio de 1997, Lei contra Comunicações Maliciosas de 1988, Lei sobre Comunicações de 2003 e Lei da Ordem Pública de 1986.¹¹⁵ De acordo com essas leis, as escolas têm a responsabilidade de implementar estratégias efetivas que combatam e protejam que os estudantes sofram *bullying*.
- Na **Irlanda**, as crianças e adolescentes são protegidos do *bullying* pela Lei de Igualdade, Leis de Igualdade de Emprego de 1998-2008, Lei de Segurança, Saúde e Bem-Estar no Trabalho de 2005, Lei do Bem-Estar na Educação de 2000 e Lei da Educação de 1998.¹¹⁶
- Em **Singapura**, a Lei de Proteção contra o Assédio é relevante para prevenir o *bullying* e também “um ato para proteger cidadãos contra o assédio, perseguição ilícita e estabelecer punições e reparações civis relacionadas a tais atos e a declarações falsas”.¹¹⁷
- Nos **Estados Unidos**, embora não haja nenhuma lei federal específica contra o *bullying*, algumas leis, como a Lei de Melhoria das Escolas Americanas e Lei de Segurança e Combate às Drogas nas Escolas e Comunidades¹¹⁸ oferecem suporte. O *bullying* também coincide com assédio discriminatório, protegido por leis de direitos civis federais executadas pelo Departamento de Educação e o Departamento de Justiça. Estados individuais instituíram leis e códigos de educação estaduais para prevenir o *bullying* e proteger as crianças.¹¹⁹

Alguns países ou adotaram legislações específicas com relação ao *cyberbullying*, ou o incluíram em legislações já existentes de combate ao *bullying*.

- Nas **Filipinas**, a Lei de Combate ao *bullying* refere-se explicitamente ao *cyberbullying*.¹²⁰
- Nos **Estados Unidos**, o estado da Califórnia aprovou um projeto de lei em 2011 relativo ao *bullying* praticado em *sites* de redes sociais por meio de telefones celulares e outros serviços de internet, que permite às escolas suspenderem os estudantes que praticam essa forma de *bullying*.¹²¹
- Na **Austrália**, a Lei de Reforço da Segurança *Online* para as Crianças, de 2015, tem a finalidade de combater o *cyberbullying*. Ela criou a função de Comissário para Segurança Virtual das Crianças¹²², responsável em conduzir esforços que incluem estabelecer um sistema de reclamações e a remoção de material prejudicial das mídias sociais.¹²³
- A **Nova Zelândia** adotou uma lei em 2015 que visa impedir e prevenir as comunicações digitais prejudiciais (*Harmful Digital Communications Act*), reduzir seu impacto nas vítimas e estabelecer sistemas para solucionar denúncias rapidamente e remover material *online* prejudicial. Ela oferece diversas medidas que podem ser ordenadas por um tribunal de primeira instância, as quais incluem: a retirada de materiais *online*; publicação de retratação ou desculpas; dar o direito de resposta ao reclamante; ou revelar a identidade da fonte de uma comunicação anônima.

114 UNITED NATIONS. UNGA A/71/213 *Protecting children from bullying-report of the Secretary-General*. New York, 2016. p.17.

115 UNITED KINGDOM. Department for Education. *Preventing and tackling bullying*. London, 2014. p. 4-5.

116 IRELAND. Department of Education and Skills. *Complaints, bullying, child protection, discrimination*. Disponível em: <<http://www.education.ie/en/Parents/Information/Complaints-Bullying-Child-Protection-Discrimination/Complaints-about-schools.html>>; IRELAND. Department of Education and Skills. *Action plan on bullying*. Dublin, 2013. p. 52-56.

117 SINGAPORE. The Law Revision Commission. *The Statutes of the Republic of Singapore: protection from harassment Act (Chapter 256a)*, 2015.

118 PARK, J. H.; CHEONG, J. Y. A comparative study on the legislative system and policy for school violence prevention between Korea and U.S. *The Journal of Elementary Education*, v. 25, n. 4, p. 105-124, 2012.

119 USA. *Stopbullying.gov: laws & policies*. Disponível em: <<https://www.stopbullying.gov/laws/index.html>>.

120 UNESCO. *Jogo aberto: respostas do setor de educação a violência com base na orientação sexual e na identidade/expressão de gênero*. Brasília, 2017. p. 75. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002446/244652por.pdf>>.

121 OFFICE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Tackling violence in schools: a global perspective bridging the gap between standards and practice*. New York, 2012. p. 32.

122 AUSTRALIA. Department of Education and Training. *Student resilience and wellbeing resources*. Disponível em: <<https://www.education.gov.au/state-and-territory-anti-bullying-policies>>.

123 UNITED NATIONS. UNGA A/71/213 *Protecting children from bullying-report of the Secretary-General*. New York, 2016. p. 16.

LEGISLAÇÃO QUE PROÍBE O CASTIGO FÍSICO NAS ESCOLAS

Estudos de observação sugerem que as leis que proíbem o castigo físico nas escolas podem reduzir o uso do castigo violento contra as crianças e modificar atitudes. Por exemplo, uma revisão sistemática mostrou que as restrições ao castigo físico previstas nas legislações de 24 países estavam estreitamente associadas a um menor uso e defesa desta prática como método disciplinar.¹²⁴ O Estudo Global das Nações Unidas sobre a Violência contra as Crianças observou um nítido recuo com relação às práticas de castigo físico nas escolas em todas as regiões, especialmente na Europa. O progresso global é monitorado pela Iniciativa Global pelo Fim do Castigo Físico contra Crianças.¹²⁵ Um número crescente de países tem adotado legislações que proíbem o castigo físico nas escolas, embora alguns deles ainda não contem com uma legislação ou elas não sejam postas em prática.

O desenvolvimento e implementação de políticas nacionais para prevenir e combater a violência escolar e o *bullying* também é um componente crucial de liderança. O Estudo Global sobre a Violência contra as Crianças observa que: “As políticas para combater a violência escolar e o *bullying* devem reconhecer que as escolas são, acima de tudo, lugares de aprendizagem e podem desempenhar um importante papel em estabelecer o equilíbrio de poder e eliminar seus abusos”.

- O Departamento de Educação dos **Estados Unidos** adotou uma série de medidas políticas para combater o *bullying* e o *cyberbullying* que incluem: exigir que as escolas de ensino fundamental e médio reportem os incidentes; ajudar a desenvolver uma definição padrão de *bullying*; organizar conferências sobre prevenção ao *bullying*; criar módulos de treinamento para motoristas de ônibus escolares e professores; desenvolver indicadores sobre crime e segurança escolares; apoiar o *site* Stopbullying.gov; organizar seminários na *web* sobre *cyberbullying*; liderar a *Asian American Pacific Islanders Bullying Prevention Taskforce* (Força Tarefa de Prevenção contra o *Bullying* entre Americanos de origem asiática das Ilhas do Pacífico) para explorar os problemas específicos enfrentados pelos estudantes.¹²⁶
- Também nos **Estados Unidos**, os departamentos de educação dos estados oferecem um modelo de política para que os distritos escolares estabeleçam suas próprias políticas. Por exemplo, o departamento de educação de Ohio conta com um modelo de política contra o assédio, intimidação e *bullying*¹²⁷ que proíbe qualquer prática de *bullying* na sala de aula, no local da escola, na ida e na volta para a escola, no ônibus escolar ou em eventos escolares.
- No **Japão**, o governo metropolitano de Tóquio está implementando o Programa de Prevenção ao *Bullying*, desenvolvido em parceria com o Instituto sem fins lucrativos (*Children's Institute for the Future*) da *Universidade Tokyo Gakugei*, e aborda quatro temas: a criação de um ambiente em que o *bullying* jamais passe despercebido; compreensão das diferenças mútuas; estabelecimento de relações humanas favoráveis; controle das emoções a fim de deter o *bullying*.¹²⁸
- No **Chile**, a campanha *Convivencia escolar*, para a coexistência pacífica nas escolas, foi lançado em 2010 para promover maior harmonia em todas as instituições educacionais chilenas, em reação ao crescimento do *bullying* nas escolas. Fora a campanha, a Política para a Coexistência Pacífica nas Escolas foi finalizado em 2011.¹²⁹



A proibição de castigos corporais em escolas foi uma prioridade na Índia em 2005. Foto tirada em Raxaul, Bihar, Índia. Travel Stock/Shutterstock.com

124 WHO. *Inspire: seven strategies for ending violence against children*. Geneva, 2016.

125 GLOBAL INITIATIVE ON END ALL CORPORAL PUNISHMENT OF CHILDREN. Disponível em: <www.endcorporalpunishment.org>.

126 USA. Department of Education. *New data show a decline in school-based bullying*: archived information. 15 May, 2015. Disponível em: <<http://www.ed.gov/news/press-releases/new-data-show-decline-school-based-bullying>>.

127 OHIO. Department of Education. *Anti-Harassment, Anti-intimidation or Anti-Bullying Model Policy*. 2012.

128 SUGIMORI, Shinkichi. Anatomy of child bullying in Japan 8: Bullying Prevention (5); Bullying Prevention Program by the Tokyo Metropolitan Government, *Child Research Net: Papers and Essays*, 5 Feb. 2016. Disponível em: <http://www.childresearch.net/papers/school/2016_01.html>.

129 CHILE. Gobierno de. *Campaña Convivencia Escolar*. Disponível em: <<http://2010-2014.gob.cl/english/convivencia-escolar-peaceful-coexistence-in-schools-campaign/>>.

- De acordo com a legislação na **Dinamarca**, as escolas devem formular estratégias de combate ao *bullying* a fim de assegurar que o ambiente educativo propicie o bem-estar da criança e o alcance do maior nível possível de desenvolvimento e aprendizado.
- O departamento de educação básica da **África do Sul** desenvolveu uma série de políticas e diretrizes, incluindo orientações para os professores enfatizando a proibição por lei de relações sexuais com estudantes e as consequentes providências cabíveis, bem como o dever dos professores em denunciar os colegas às autoridades educacionais, e caso a criança seja menor de 16 anos, à polícia.
- Na **Índia**, a proibição e eliminação do castigo físico nas escolas foi considerada prioridade no Plano Nacional de Ação para as Crianças de 2005.¹³⁰

A implementação e impacto de políticas, contudo, continua a ser um desafio em muitos contextos, por motivos que incluem: foco nos atos de violência e não em suas causas, falta de apoio aos atores locais responsáveis em colocar as políticas em prática, processos inadequados para garantir a responsabilização de professores que praticam a violência contra as crianças, normas de gênero profundamente enraizadas e aceitação do castigo físico pela sociedade.¹³¹

■ 3.2 Ambiente escolar

A adoção de uma sólida gestão escolar por conselhos de administração escolares e diretores, e de políticas escolares voltadas aos funcionários e estudantes sobre a violência e o *bullying* e seus códigos de conduta¹³² são fundamentais para criar escolas acolhedoras e ambientes de aprendizagem seguros, solidários e inclusivos.

Entidades administrativas e estruturas de gestão escolares têm o dever da proteção e a necessidade de transmitir uma mensagem clara de que a violência e o *bullying* são inaceitáveis. Pesquisas mostram que escolas seguras são caracterizadas por forte gestão e líderes eficientes.¹³³ Segundo um estudo em Botsuana e Gana, a característica mais comum das escolas seguras e bem-sucedidas é a sólida gestão e liderança¹³⁴, enquanto um estudo na Noruega identificou uma correlação entre técnicas eficientes de gestão de sala de aula e a redução da violência entre colegas. Inversamente, estudos mostram uma nítida correlação entre a ausência de uma intervenção rigorosa pelos diretores, professores e outros funcionários e a prevalência da violência entre os estudantes. Os estudantes e funcionários precisam garantir que as transgressões resultem em sanções, daí a necessidade de a gestão escolar assegurar que as políticas escolares e códigos de conduta existam e sejam colocados em prática.

As políticas escolares devem identificar quais são as responsabilidades e ações dos funcionários para que previnam a violência e o *bullying* e interfiram quando necessário. Os códigos de conduta voltados aos professores precisam fazer menção à violência e ao abuso de forma explícita, e assegurar que as penalidades sejam estipuladas claramente e sejam consistentes com as estruturas jurídicas em prol dos direitos e proteção das crianças. No Quênia, por exemplo, há uma série de penalidades à disposição para disciplinar professores que violam a conduta profissional, incluindo a suspensão e a interdição; as novas regulamentações da comissão dos serviços dos professores instituem que um professor condenado por ofensa sexual a um estudante deve perder o registro.¹³⁵ Códigos de conduta, políticas escolares e procedimentos para combater a violência e *bullying* devem, idealmente, ser integrados em lições nas salas de aula.

As escolas que acolhem todos os estudantes e funcionários também são caracterizadas por uma cultura inclusiva e reflexiva, que inclui: uma liderança comprometida com valores inclusivos e um estilo de liderança participativo; um alto nível de colaboração dos funcionários e solução conjunta de problemas; e valores

130 Ver PARKES, Jane. *Gender-based violence in education*. Paris: UNESCO, 2015. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002323/232399e.pdf>>.

131 Ver PARKES, Jane. *Gender-based violence in education*. Paris: UNESCO, 2015. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002323/232399e.pdf>>.

132 Código de conduta é um conjunto de diretrizes sobre modelos de conduta e comportamento considerados aceitáveis. Geralmente, os códigos de conduta são desenvolvidos no âmbito nacional e aplicados por professores e funcionários, mas podem se estender aos estudantes e aos pais.

133 UNICEF. *World report on violence against children*. New York, 2006.

134 DUNNE, M Gender, sexuality and schooling: everyday life in junior secondary schools in Botswana and Ghana. *International Journal of Educational Development*, v. 27, 2007.

135 Ver UNESCO-UIS. *Teaching and learning: Education for All, 2013-14*. Montreal, 2014. Disponível em: <<http://www.uis.unesco.org/Library/Documents/gmr-2013-14-teaching-and-learning-education-for-all-2014-en.pdf>>.

similares compartilhados por estudantes, pais e a comunidade. Pesquisas sugerem que o incentivo a uma cultura inclusiva, da parte de autoridades escolares, depende da promoção de novos sentidos sobre a diversidade, práticas inclusivas nas escolas e a construção de uma ligação entre comunidade e escolas. Em tal ambiente, os estudantes não somente se tornam mais preparados para reconhecer situações de violência ou abuso, mas se sentem mais confortáveis em reportar incidentes de violência ou *bullying* sofridos ou testemunhados na escola para um professor ou outro adulto de confiança.¹³⁶

Os funcionários da escola também precisam estar alertas aos cantos escuros, áreas mal iluminadas, escadarias sem supervisão e banheiros onde as crianças podem sofrer o *bullying* ou sofrer algum tipo de violência. Pesquisas com base em estudos, como aqueles conduzidos pelo Programa de Segurança na Escola (USAID), enfatiza que os banheiros são áreas com alto risco de ocorrência de violência sexual; disponibilizar banheiros separados e trancados pode ajudar a combater o problema. Espaços escolares usados pelas crianças antes, entre e após as aulas também precisam de supervisão.¹³⁷

■ 3.3 Capacitação

Diretores, professores e outros funcionários precisam de treinamento e suporte para ampliar sua compreensão sobre a violência escolar e o *bullying* e suas causas subjacentes, a fim de poderem prevenir, identificar e combater sua ocorrência entre os estudantes. Também precisam estar capacitados para empregar técnicas de gestão positivas e não violentas em sala de aula, bem como abordagens não violentas para o disciplinamento.¹³⁸

Outras estratégias para combater as causas originárias da violência escolar e do *bullying* incluem encorajar meninas e estudantes marginalizados a conquistarem posições de liderança, dividir igualmente as tarefas domésticas entre meninos e meninas, empregar mais professoras qualificadas em escolas onde há falta de profissionais mulheres, e apoio comunitário para meninas e outras crianças que correm o risco de abandonar a escola.

- Com o Manifesto de Combate ao *Bullying* de 2002, na **Noruega**, dois programas receberam apoio das autoridades centrais. Um deles, o programa *Zero*, desenvolvido pela Universidade de Stavanger, foi implementado em mais de 400 escolas da Noruega. O programa *Zero* orienta os funcionários a identificar, solucionar e impedir o *bullying*, além de integrar esforços contra o *bullying* dentro dos trabalhos em sala de aula em geral. O programa envolve os estudantes, que trabalham ativamente em favor de um ambiente livre do *bullying*, e os pais, que apoiam esses esforços.
- O programa *KiVa*, na **Finlândia**, enfatiza o investimento nos professores e no ambiente escolar em geral, destacando a importância de escutar as crianças e assegurar que tenham uma voz. Ele recomenda o treinamento obrigatório dos professores e todos os funcionários para que estejam preparados para prevenir e impedir o *bullying* no ambiente escolar.¹³⁹
- O UNICEF relata uma série de iniciativas de apoio aos professores em diferentes países. Na **Bósnia e Herzegovina**, desenvolveu-se protocolos para os professores sobre como identificar, reportar e se referir a incidentes de violência. Na **Jordânia**, mais de 4.000 professores e conselheiros receberam treinamento em técnicas de gestão de sala de aula e disciplina positiva. Na **Argentina e Chile**, os esforços se concentraram no treinamento de professores, oficinas para estudantes e orientação para os pais, bem como em cuidados clínicos às vítimas e praticantes do *bullying*, a fim de evitar futuros incidentes. No **Líbano**, foi dada ênfase ao treinamento de professores sobre segurança *online*, prevenção e denúncia do *cyberbullying*.
- Na **África do Sul**, o Sistema Nacional de Segurança nas Escolas, de 2015, inclui recursos sobre a prevenção e gestão do *bullying* e *cyberbullying*, *bullying* homofóbico e violência baseada em gênero. As medidas de implementação incluem manuais de treinamento e diretrizes de segurança *online*, a promoção de uma

136 UNESCO-IBE. *Curriculum development*. Geneva, 2015. Disponível em: <www.ibe.unesco.org>.

137 Ver UNESCO, *Stopping violence in schools: a guide for teachers*. Paris, 2011. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001841/184162e.pdf>>.

138 O foco da disciplina positiva se concentra no fortalecimento do comportamento positivo em vez de punir o comportamento negativo. Os professores recompensam o comportamento positivo com atenção e trabalham com os estudantes para definir as regras e as expectativas positivas, além disso, as sanções para o comportamento negativo são aplicadas para ajudar as crianças e os adolescentes a aprenderem. Ver ROGERS, B. *Classroom behaviour: a practical guide to effective teaching, behaviour management and colleague support*. London: Sage, 2009.

139 KIVA INTERNATIONAL. Disponível em: <<http://www.kivaprogram.net>>.

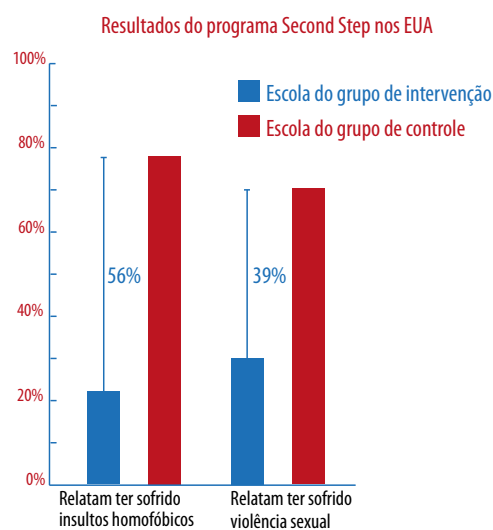
campanha nacional de combate ao *bullying* e mudança de comportamento, a indicação de conselheiros que forneçam apoio psicossocial nas escolas e de vigilância para fornecer segurança na escola e em seu entorno, assim como medidas que assegurem a identificação precoce dos agressores do *bullying*, abordagens de reparação e apoio às vítimas.

- Recursos para os métodos inclusivos em sala de aula estão disponíveis no Conselho da Europa, UNESCO e *Save the Children*, entre outros. Um desses recursos, produzido pelo *Save the Children* da **Suécia, Sudeste da Ásia e Pacífico**, intitula-se “Positive discipline: what it is and how to do it”.¹⁴⁰ A publicação identifica sete características essenciais da disciplina positiva: ela é não violenta e respeita a criança como estudante; identifica soluções a longo prazo que desenvolvem a autodisciplina da criança; deixa claro qual é a expectativa, regras e limites estipulados pelos pais; constrói uma relação de respeito mútuo entre os pais e criança; ensina habilidades a longo prazo às crianças, aumenta a competência e confiança das crianças em lidar com situações desafiadoras; ensina cortesia, não violência, empatia, direitos humanos, autorrespeito e respeito pelos outros.
- Na **França**, desde 2010, todos os professores novos recebem treinamento na gestão da violência. Também há recursos disponíveis aos professores, incluindo DVDs e *sites* elaborados para reforçar o treinamento, além de um *kit* para instruir os pais sobre a gestão da violência.

A educação desempenha um papel vital na prevenção da violência, dentro das escolas e na comunidade em geral, ao transmitir valores de cuidado pelo outro, respeito pelos direitos humanos e uma cultura de paz e não violência. O currículo escolar e métodos de aprendizagem podem ensinar e reforçar os princípios de não violência, promover atitudes, comportamentos e relações positivas entre colegas, e munir as crianças e adolescentes com as habilidades necessárias para uma comunicação respeitável, tanto pessoalmente quanto no ambiente virtual, e capacidade de negociação e resolução não violenta de problemas. Idealmente, as escolas devem começar a tratar das questões relativas à violência e ao *bullying* nos programas escolares desde a infância. A própria educação e o ambiente escolar podem ajudar a desenvolver fatores protetores, como autoestima, otimismo, aspirações, capacidade de resolver problemas e habilidade de buscar relações com adultos que possam servir de tutores, reduzindo o risco de se tornarem vítimas.

Certas abordagens programáticas podem encorajar as crianças e adolescentes a questionar, negociar e desafiar a violência e o *bullying*, garantindo que saibam reconhecer as características da violência e do abuso. Em alguns contextos são utilizados programas específicos, em outros, questões como a violência e a desigualdade de gênero são abordadas como complemento interdisciplinar em matérias já existentes. Os programas incluem tópicos como educação cívica, competências para a vida e educação em sexualidade. A educação para desenvolver competências para a vida pode desempenhar um papel particularmente valioso na formação de habilidades sociais e emocionais de crianças e adolescentes, de modo a se tornarem capazes de evitar o *bullying* e outros tipos de violência, a desenvolver autonomia, de interferir de forma construtiva, em vez de simplesmente brigar, e de refletir sobre questões sob outras perspectivas. O foco de alguns programas, como o *Promundo* e o *ReproSalud*, da América Latina, é fazer com que os meninos diminuam a violência física e sexual; outros implementaram uma educação direcionada à paz e resolução de conflitos, por exemplo, nas escolas de campos de refugiados.

O treinamento dos professores deve muni-los com as habilidades necessárias para que desenvolvam abordagens programáticas que encorajem o conhecimento, atitudes e habilidades necessárias às crianças e adolescentes para combater a violência escolar e o *bullying*. O treinamento deve ser reforçado com recursos apropriadas de programas, manuais e outros materiais de aprendizagem que incentivem os relacionamentos seguros, saudáveis e não violentos, e que não reforcem normas sociais e de gênero pouco construtivas.



Dados provenientes de ESPELAGE, D. et al. Bullying perpetration and subsequent sexual violence perpetration among middle school students. *Journal of Adolescent Health*, v. 50, n. 1, p. 60-65, 2012.

140 DURRANT, J. *Positive discipline: what it is and how to do it*. Sweden South East Asia and the Pacific: Save the Children, University of Manitoba, (s.d.).

- O programa *Second Step* foi usado com mais de 8 milhões de estudantes em mais de 32.000 escolas nos **EUA**. O programa ensina competências para a vida como habilidades de comunicação, resiliência e tomada de decisões que ajudam os jovens a lidar com a pressão dos colegas, abuso de drogas e *bullying* cometido pessoalmente ou *online*. Um estudo clínico randomizado feito com grupos durante dois anos foi conduzido pelo *Second Step* com mais de 3.600 estudantes com idade de 11 a 13 anos, em 36 escolas de ensino médio, em Illinois e no Kansas. Segundo o estudo, ao final do programa, os estudantes das escolas dos grupos de intervenção apresentaram uma probabilidade 56% menor de relatarem ter sofrido insultos homofóbicos e 39% a menos de chance de relatarem terem sofrido violência sexual, do que os estudantes nas escolas dos grupos de controle.¹⁴¹
- Em um relatório de 2014 sobre prevenção de violência,¹⁴² os países descreveram sua experiência com programas que ajudam as crianças a lidarem com a raiva, a resolverem conflitos de uma maneira não violenta e a desenvolver habilidades para a resolução de problemas sociais. Quase metade desses países introduziram programas específicos de prevenção ao *bullying*, os quais, segundo sugerem as evidências, incluindo as intervenções feitas pelos colegas, ensinam habilidades básicas de escuta ativa, empatia e apoio, e podem ajudar a reduzir a incidência geral de *bullying* e opressão.
- Na **Espanha**, o projeto *SAVE*, que está sendo implementado nas escolas de Sevilha, aborda o *bullying* nos planos político, programático e interpessoal. No plano interpessoal, ele foca no trabalho com estudantes com problemas sociais, incluindo *bullying* e violência interpessoal.¹⁴³
- Uma análise de estudos¹⁴⁴ de competências para a vida e programas de treinamento socioemocionais com base na escola mostrou que esses programas reduzem as brigas, agressões físicas, *bullying* e conflito verbal em 25% quando aplicados a todos os estudantes, e em 33% quando aplicados a determinados grupos de estudantes de alto risco. De acordo com a Força Tarefa em Serviços Comunitários Preventivos, nos **Estados Unidos**, os programas de desenvolvimento de competências para a vida com base na escola diminuíram a violência entre as crianças em 15%, em todas as faixas etárias. Um estudo randomizado controlado de grupos destacou que, após três anos, os estudantes que participaram de um programa semelhante, apresentaram uma redução de 36% no comportamento violento e 41% na prática do *bullying*.

Abordagens com ênfase nas testemunhas envolvem o aprendizado e a prática de habilidades apropriadas e seguras, como identificar, denunciar ou ajudar outros a combaterem a violência. A maior parte das intervenções envolvendo testemunhas mantém o foco na mudança do comportamento individual e nas atitudes dos colegas.

- O projeto *PATHS*, um programa de desenvolvimento juvenil para estudantes do Ensino médio em **Hong Kong**, tem o foco em ajudar os estudantes a desenvolver competências para a vida necessárias para se tornarem testemunhas prestativas e proativas ao se deparar com o *bullying*. O programa proporciona a conscientização geral sobre o *bullying*, espaço para reflexão e oportunidades para exercer o novo comportamento. Os estudantes começam a aprender como o *bullying* prejudica a eles e aos outros, e aprendem habilidades que os ajudam a se proteger. Também aprendem sobre o papel desempenhado pelas testemunhas e desenvolvem habilidades para serem testemunhas responsáveis diante do *bullying* escolar e do *cyberbullying*.¹⁴⁵

É igualmente importante assegurar que as crianças e jovens aprendam como proteger a si próprios e sua privacidade *online*, investindo em sua capacidade de desenvolver estratégias que ajudem a lidar com o *cyberbullying*, como bloquear contatos, não expor informações pessoais, encontrar dicas de segurança *online*, bloquear *spam*, modificar configurações de segurança e uso seletivo de *sites*.¹⁴⁶

141 ESPELAGE, D. et al. Bullying perpetration and subsequent sexual violence perpetration among middle school students. *Journal of Adolescent Health*, v. 50, n. 1, p. 60-65, 2012.

142 WHO; UNODC; UNDP. *Global status report on violence prevention*, Geneva, 2014, table 5.

143 OECD. *Taking fear out of schools: a report of an International Policy and Research Conference on School Bullying and Violence*. Paris, 2004. p. 5.

144 WHO. *Inspire: seven strategies for ending violence against children*. Geneva, 2016.

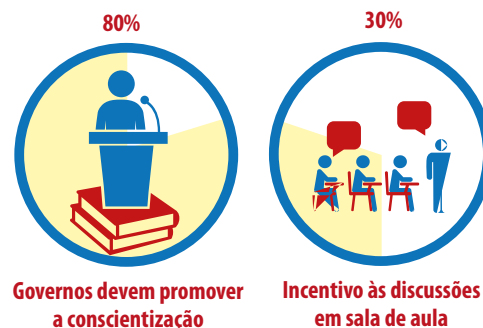
145 TSANG, S. et al. Bystander position taking in school bullying: the role of positive identity, self-efficacy and self-determination. *Scientific World Journal*, v. 11, p. 2.278-2.286, 2011.

146 Ver OFFICE OF THE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Releasing children's potential and minimizing risks: ICTs, the Internet and violence against children*. New York, 2014.

3.4 Parcerias

Conscientizar é o primeiro passo essencial para construir parcerias e alianças para combater a violência escolar e o *bullying*, visto que muitos adultos não estão cientes da amplitude do problema e seu impacto negativo no bem-estar das crianças e adolescentes. A violência escolar e o *bullying*, em particular o *cyberbullying*, com frequência é invisível ou ignorado por professores e parentes. Em alguns contextos, os adultos enxergam a violência, incluindo a punição física, brigas e *bullying*, como uma parte normal da disciplina ou processo de crescimento, e não reconhecem seus danos. É importante conscientizar as crianças e adolescentes sobre a violência escolar e o *bullying* e seus riscos e consequências. Por exemplo, com frequência eles sabem como diminuir os riscos *online* provenientes de estranhos, mas estão menos preparados para reconhecer os riscos representados pelos colegas.

Resultado da pesquisa de opinião U-Report/SRSG-VAC do UNICEF, de 2016: Quais medidas são necessárias para prevenir e combater o *bullying*?



Dados de OFFICE OF THE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Ending the torment: tackling bullying from the schoolyard to cyberspace*. New York, 2016.

- Na pesquisa de opinião do *U-Report/SRSG-VAC* do UNICEF em 2016, ao qual responderam 100 mil jovens em 18 países, os participantes tiveram a oportunidade de compartilhar sua visão sobre quais medidas são necessárias para prevenir e combater o *bullying*. Mais de 80% disseram que os governos deveriam promover a conscientização para acabar com o *bullying* nas escolas, e cerca de 30% disseram que discussões em sala de aula deveriam ser encorajadas.
- No **Canadá**, iniciativas para promover a conscientização da questão do *bullying* incluem a *Concerned Children's Advertisers*, uma iniciativa plurianual para desenvolver anúncios de interesse público sobre o tema do *bullying*,¹⁴⁷ e *National Pink Shirt Day*,¹⁴⁸ um dia dedicado à conscientização sobre o *bullying* nas escolas e comunidades.
- Em 2013, o UNICEF lançou sua iniciativa #ENDviolence para aumentar a visibilidade da violência contra as crianças, incluindo o *bullying* e o *cyberbullying*. A iniciativa alia a comunicação em escala global com a ação em cada país por meio do UNICEF, do governo local e dos parceiros da sociedade civil. Ela ajudou a atrair a atenção à prevalência e impacto do *bullying* e o *cyberbullying* em países como **Albânia, Bulgária, Malásia, Nova Zelândia, Vanuatu e África do Sul**, bem como a incentivar a ação de governos, sociedade civil e setores privados, além de identificar as principais áreas para futuras iniciativas e pesquisa.
- A campanha *Basta de Bullying: No te quedes callado* é uma iniciativa de destaque para a prevenção do *bullying* patrocinada desde 2012 pela *Cartoon Network* da **América Latina**¹⁴⁹ em cooperação com o *Plan Internacional* e o *World Vision*, a qual chegou a 60 milhões de lares na região. A iniciativa também organiza oficinas para capacitar as crianças, educadores e pais a lidarem com o *bullying* e a combaterem a discriminação e as relações de poder e de gênero que, com frequência, subjazem o comportamento violento.
- No **México**, o foco de uma campanha nacional de combate ao *bullying* foi a conscientização no plano local, fornecendo aos pais informações e apoio e os ajudando a identificar e lidar com as mudanças de comportamento que ocorrem nas crianças em função do *cyberbullying*. Em 2014, o Ministério de Educação iniciou a campanha *Campaña social: Convivencia sin violencia* para chamar a atenção de todo o país ao *bullying* nas escolas e a promover uma interação social pacífica. A campanha incluiu a iniciativa de combate ao *bullying*, *Proyecto a Favor de la Convivencia Escolar*, pela qual a comunidade educacional, incluindo os pais, estudantes e parceiros



Kuala Lumpur, Malásia – Crianças e adolescentes devem ser envolvidos no planejamento de respostas à violência escolar. udeyismail/Shutterstock.com

147 CANADA. Public Safety. Bullying prevention in schools. Disponível em: <<https://www.publicsafety.gc.ca/cnt/rsrscs/pblctns/blng-prvntn-schls/index-eng.aspx>>.

148 CANADA. Government of. Minister Blaney Highlights Pink Shirt Day. *News*. Ottawa, 24 Feb. 2015. Disponível em: <<http://news.gc.ca/web/article-en.do?nid=1035729>>.

149 CARTOON NETWORK. *Basta de bullying*. Disponível em: <<http://bastadebullying.com>>; CARTOON NETWORK. *Chega de bullying*. Disponível em: <<http://www.chegadebullying.com.br>>.

da sociedade civil, receberam informações e recursos sobre como melhorar o ambiente escolar, bem como recomendações sobre como apoiar e proteger as crianças e jovens dentro e fora da escola.¹⁵⁰

- Nos **Estados Unidos**, campanhas como a *Take a Stand: Stop Bullying Now*¹⁵¹ e a *National Bullying Prevention Awareness Month* promovem a conscientização.¹⁵² Foi criado um *site* completo que oferece informações sobre a natureza do *bullying* e do *cyberbullying*, quem corre maiores riscos e como o *bullying* pode ser prevenido e combatido. Ele inclui conselhos para pais e crianças e informações sobre como, quando e onde denunciar casos de *cyberbullying*.¹⁵³
- Nas **Filipinas**, a Lei de Combate ao *Bullying* oferece a estrutura para promover a conscientização nacional e iniciativas de capacitação, que incluem sessões para fornecer informações aos pais e a família e orientação para grupos profissionais e líderes comunitários.
- Na **França**, os estudantes, os pais e o público podem acessar informações por meio de um *site* dedicado a esse tema,¹⁵⁴ que inclui políticas e programas nacionais de combate ao *bullying*.
- Na **República Tcheca**, um centro dedicado ao tema fornece informações sobre as ameaças *online*, incluindo o *bullying*, aliciamento e perseguição virtuais, bem como o compartilhamento de informações por meio de redes sociais e outros meios de comunicação potencialmente arriscados.
- Na **Austrália**, *Bullying No Way!* procura prevenir e reduzir o *cyberbullying* por meio de um *site* educacional destinado às comunidades escolares australianas e ao público em geral. A campanha oferece programas *online* e outros recursos para apoiar as escolas com trabalhos de prevenção ao *bullying* e recursos de segurança *online* e informações para crianças, pais e professores.¹⁵⁵
- Na **Nova Zelândia**, o *NetSafe* oferece informações e recursos sobre o *cyberbullying*, e o *Bullying-free NZ*, uma iniciativa do Grupo de Consultoria de Prevenção ao *Bullying* (*Bullying Prevention Advisory Group*) formado por 17 agências, é dedicado a promover a conscientização e apoiar as escolas a fornecer orientação ao combater o *bullying* e o *cyberbullying*.¹⁵⁶

Formuladores de políticas, professores, pais e outros membros da comunidade participam e ajudam na criação das normas e dinâmicas sociais e comunitárias que estão entre as causas originárias da violência escolar e do *bullying*. A mudança dessas normas e dinâmica exige esforços coordenados em todos os níveis da sociedade e em todos os setores.

Soluções abrangentes para a violência escolar e o *bullying* devem, portanto, envolver parcerias entre o setor educativo e outros setores, organizações da sociedade civil, professores e sindicatos de professores, a imprensa, pais, famílias e a comunidade em geral. O trabalho com os pais e a comunidade é particularmente importante para reduzir o risco da violência e do *bullying* a caminho e na volta da escola, assim como para reforçar o incentivo à não violência nas escolas.

- Desde 2013, o Ministério da Educação no **Peru** coordena um plano nacional de educação contra a violência escolar e a política *Escuela Amiga* é implementada em vários ministérios.
- O Manifesto de Combate ao *Bullying* na **Noruega** identifica medidas a serem tomadas pelas autoridades locais que envolvem a inclusão de intervenções de combate ao *bullying* nas escolas. O manifesto identifica os setores interessados em prevenir o *bullying*, incluindo o governo nacional, associações de autoridades locais e regionais, sindicatos, sindicatos de educadores e comitês nacionais de pais para o ensino fundamental e médio, e reforça o trabalho conjunto desses setores para garantir que as disposições legais sejam implementadas.
- No **Japão**, a Lei de Incentivo a Medidas de Prevenção contra o *Bullying* exige que as escolas estabeleçam grupos de professores, funcionários e especialistas da área da psicologia, bem-estar infantil e áreas afins para implementar medidas de prevenção ao *bullying*.¹⁵⁷ As escolas também são obrigadas a fortalecer sua capacidade de orientação e consulta junto a crianças e jovens.

150 Ver <<http://basica.sep.gob.mx/convivencia/index/html>>.

151 OECD. *Taking fear out of schools: a report of an International Policy and Research Conference on School Bullying and Violence*. Paris, 2004. p. 5.

152 USA. *Stopbullying.gov*. Disponível em: <<https://www.stopbullying.gov/>>.

153 USA. *Stopbullying.gov*. Disponível em: <<http://www.stopbullying.gov>>.

154 FRANCE. *Education.gouv.fr.Agir contre le harcèlement à l'École*. Disponível em: <<http://www.education.gouv.fr/cid86060/agir-contre-le-harcelement-a-l-ecole.html>>.

155 AUSTRALIA. *Bullying no way: safe Australian schools together*. Disponível em: <<https://bullyingnoway.gov.au/>>.

156 NEW ZEALAND. *Bullyingfreez*. Disponível em: <<https://www.bullyingfreez.nz/who-are-we/>>.

157 PLISCHEWSKI, H.; TVEITEREID, K. *Policy overview of school bullying and violence among 8 members of the SBV network...*, 2008. p. 23-24.

- Nos **Países Baixos**, a lei de combate ao *bullying* de 2015 enfatiza o envolvimento das autoridades escolares e comunidade. De acordo com a lei, as escolas são responsáveis em criar um ambiente de aprendizagem seguro, garantir o monitoramento reforçado das estratégias de implementação e escalar um coordenador em todas as escolas para atuar como mediador entre as crianças e os pais.
- Na **Costa Rica**¹⁵⁸ e na **República Dominicana**,¹⁵⁹ o programa *Convivencia Escolar* visa reforçar as relações pacíficas e amistosas no ambiente escolar com base no respeito mútuo, inclusão social, segurança e solidariedade com o engajamento dos estudantes, professores e funcionários, pais e autoridades locais. O programa ajudou na identificação precoce de tensões e conflitos e sua solução eficaz, bem como na promoção de soluções pacíficas por meio do diálogo, mediação e abordagens reparadoras.
- Em **Gana**, o *bullying* é identificado como um fator que compromete a segurança das crianças na escola. Para combatê-lo, foram oferecidos orientação aos professores, desenvolvido um conjunto de ferramentas para as famílias e comunidades e a participação das crianças foi incentivada.
- Na **República Democrática do Congo**, foram estabelecidos comitês de vigilância nas escolas- alvo como parte do projeto de Comunicação para Mudança da USAID, na província de Catanga. Os comitês são formados por professores, pais, estudantes e gestores, e seu papel é garantir que os códigos escolares de conduta sejam aplicados e as vítimas da violência encaminhadas ao serviço de proteção à criança, clínica médica ou orientação, bem como a professores recrutados dentro das escolas-alvo para atuarem como socorristas.¹⁶⁰
- A Educação Internacional está trabalhando com sindicatos de professores para combater a violência nas escolas. Seguindo sua resolução de 2015 relativa à violência escolar baseada em gênero, a Educação Internacional está trabalhando com a UNGEI para capacitar sete sindicatos africanos de professores a adotar um método ativo de aprendizagem para acabar com a violência escolar baseada em gênero.
- O projeto Boas Ferramentas para a Escola (*Good Schools Toolkit*), desenvolvido pela organização não governamental *Raising Voices*, em **Uganda**, empregado em 600 escolas, tem o objeto de: desenvolver uma visão coletiva para a escola; criar um ambiente de aprendizagem construtivo; implementar uma metodologia mais progressiva de aprendizagem; fortalecer a gestão escolar. A implementação envolve os professores, estudantes, oficiais da educação e a comunidade a fim de moldar a cultura escolar.¹⁶¹
- O projeto da *Action Aid* Pelo fim da Violência contra as Meninas (*Stop Violence against Girls*), na **África Oriental**, salientou a importância de parcerias com comunidades e, em particular, o valor do trabalho em conjunto com grupos locais de mulheres já estabelecidos e organizações de direitos das crianças, que podem ajudar a assegurar o apoio comunitário, reforçar os efeitos das intervenções e aumentar sua sustentabilidade. Segundo o projeto, esses relacionamentos podem ser especialmente relevantes para a discussão de questões importantes, como o castigo físico. Incentivar a participação de líderes tradicionais e religiosos também se revelou uma estratégia efetiva para assegurar a adesão e o apoio a promover a igualdade de gênero e combater a violência.¹⁶²
- O UNICEF relata que o **Iraque** tem usado 'ônibus humanos' para garantir a segurança das meninas a caminho e na volta da escola. As crianças são escoltadas por um trajeto aprovado até a escola, com até dois adultos que atuam como 'motorista' e 'condutor'. Os adultos são os pais, membros da família ou voluntários da comunidade em quem os familiares confiam. Há evidências de que esses ônibus humanos apresentam uma correlação positiva nos índices de presença das meninas nas escolas.
- Na **Mauritânia**, o UNICEF trabalhou com a coalisão de Imams e Ulemas para os Direitos das Mulheres e Crianças e outras redes de Imams para promover a conscientização sobre o castigo físico das crianças



No Gana, considera-se que o *bullying* compromete a segurança dos alunos na escola. Foto tirada em Accra, Gana.

Anton_Ivanov/Shutterstock.com

158 Ver COSTA RICA. Ministerio de Educación Pública. *Programa Convivir*. Disponível em: <<http://www.mep.go.cr/sites/default/files/recursos/archivo/convivir.pdf>>.

159 Ver REPÚBLICA DOMINICANA. Educando. *Normas de convivencia*. Disponível em: <http://www.educando.edu.do/files/5914/1200/1735/Normas_de_convivencia_16-0_-014.pdf>.

160 C-CHANGE. *C-Change final report*. Washington DC, 2013. (C-Change/FHI 360).

161 RAISING VOICES. Disponível em: <<http://raisingvoices.org/good-school/>>.

162 Ver UNGEI. *Stop violence against girls in schools: a cross-country analysis of change in Ghana, Kenya and Mozambique*. ActionAid International, 2013. Disponível em: <http://www.ungei.org/files/Actionaid_Stop_Violence_Against_at_school_project-endline_full_report_Oct_2013-LOW.pdf>.

nas escolas. Um estudo nacional foi conduzido para esclarecer a posição do Islam em face ao castigo físico, que concluiu que a lei islâmica protege a integridade física das crianças e fornece a base para uma decisão (*fatwa*) que proíbe a violência verbal e física no sistema educacional. Foram realizadas sessões para a conscientização e divulgação da *fatwa*, com oficinas por toda Maurítânia, com difusão em mais 2.000 escolas e centros religiosos.¹⁶³

- Alguns países também estão trabalhando com o setor privado, incluindo a indústria ICT, para combater o *cyberbullying*. Por exemplo, o Facebook está trabalhando com especialistas do Centro de Inteligência Emocional Yale na plataforma de prevenção ao *bullying*, *Put a Stop to Bullying*, em prol de adolescentes, pais e educadores, a qual envolve informações práticas de como bloquear e delatar o *bullying online*, e como pedir para que uma postagem que tenha gerado desconforto e ansiedade seja removida, bem como medidas para gerenciar as configurações de privacidade.¹⁶⁴

O Comitê dos Direitos da Criança enfatizou a importância da participação das crianças na vida escolar, da criação de escolas comunitárias e conselhos estudantis e o envolvimento das crianças em procedimentos disciplinares escolares.

A experiência mostra que intervenções para prevenir a violência escolar e o *bullying* e para tornar as escolas locais mais seguros são mais efetivas quando há a participação de crianças e adolescentes no seu planejamento e implementação. O envolvimento dos estudantes como parceiros pode ajudar a promover as mensagens de combate ao *bullying* e à violência de um modo mais significativo e aproveitar a pressão positiva dos colegas para tornar a violência e o *bullying* inaceitáveis. Em uma revisão da UNESCO sobre práticas promissoras para combater a violência escolar, um estudo feito em diversos países do Ministério Britânico para o Desenvolvimento Internacional mostrou que os ambientes escolares que priorizam as crianças, de forma que suas preocupações e necessidades são ouvidas pelos professores, são mais propensos a combater a violência do que outras escolas.

Crianças e adolescentes têm a habilidade de proteger a si próprios e a outros, caso recebam apoio apropriado e exista uma forte parceria entre estudante e professor. Por exemplo, professores e estudantes podem trabalhar juntos para identificar os lugares e horários que apresentam o maior risco e elaborar estratégias para reduzi-lo. Pesquisas feitas nos EUA sugerem que as melhores iniciativas são aquelas onde estudantes e professores trabalham juntos para desenvolver e implementar estratégias para tornar a escola segura, pois as crianças podem fornecer informações sobre o que está acontecendo e normalmente compreendem melhor a situação.

Os estudantes que são incumbidos da responsabilidade de manter seu ambiente educacional seguro também se sentem mais aceitos dentro da escola, vivenciam menos problemas de comportamento e têm melhores resultados acadêmicos. Abordagens bem-sucedidas de combate ao *bullying* na escola se baseiam na noção de que este tipo de comportamento pode ser identificado e redirecionado de forma mais positiva.¹⁶⁵

- O governo da **Indonésia**, em colaboração com diversos setores interessados, incluindo associações de pais e redes de adolescentes, lançou uma campanha nas redes sociais para acabar com todas as formas de violência na infância. A campanha inclui iniciativas empreendidas por jovens para promover a conscientização sobre o *bullying* e oferecer apoio às vítimas, as quais incluem o manual "End bullying" para empoderar as crianças e promover o apoio dos pares.
- Na **Noruega**, o Gabinete do Representante das Crianças Norueguesas promove e dissemina "recomendações feitas por jovens" sobre como combater o *bullying*¹⁶⁶, que incluem: os estudantes devem ser informados sobre seus direitos; a escola deve contratar psicólogos; os professores devem ouvir mais os estudantes; a escola deve empregar "avaliações de estudantes" regularmente, por meio da qual as crianças podem denunciar o *bullying*; professores devem trabalhar em casos de *bullying* até que sejam resolvidos e serem reconhecidos por seu trabalho.
- Na **Irlanda**, o Plano de Ação Nacional contra o *Bullying* de 2013 promove o desenvolvimento de políticas escolares, incluindo estratégias para combater o *bullying* homofóbico, e inclui as responsabilidades das escolas e serviços de educação.¹⁶⁷ O Plano incorporou as sugestões feitas por crianças e adolescentes, que deram especial ênfase na prevenção, incluindo as seguintes exigências: que todos os membros

163 ANTONOWICZ, L. *Addressing violence in schools: selected initiatives from West and Central Africa*. SC, ActionAid, Plan, UNICEF, 2010.

164 Ver *Ponha um ponto final no bullying*. Disponível em: <<http://www.facebook.com/safety/bullying>>.

165 CANADA. Public Safety. *Bullying prevention: nature and extent of bullying in Canada*. Disponível em: <<https://www.publicsafety.gc.ca/cnt/rsrscs/pblctns/bllngprvntn/index-en.aspx#a06>>.

166 OFFICE SRSO ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Background paper on protecting children from bullying and cyberbullying*. New York, 2016. p.16.

167 IRELAND. Department of Education and Skills. *Action plan on bullying*. Dublin, 2013. p. 108-112.

de escolas comunitárias, incluindo as crianças, entendam as diversas manifestações e consequências do *bullying*; que as escolas combatam as causas subjacentes do *bullying*, incentivando uma cultura de respeito pela dignidade de cada pessoa; e que crianças e adolescentes aprendam sobre a diversidade e a valorizem. O Plano reivindica: novos procedimentos de combate ao *bullying* para as escolas; apoio ao treinamento e desenvolvimento de recursos para a gestão escolar e para os pais; estruturas de inspeção escolares adaptadas para colher mais informações sobre como criar uma cultura escolar positiva e combater o *bullying*. A criação de novos *sites* nacionais de combate ao *bullying*; apoio para as campanhas de conscientização; e pesquisa sobre a prevalência e impacto do *bullying* associado às mídias sociais, à saúde mental e comportamento suicida entre os jovens e sobre o apoio efetivo a crianças com necessidades educativas especiais.

- O projeto Escolas sem Violência do *Save the Children*, no **Afganistão**, enfatiza o envolvimento das crianças, especialmente por meio da participação efetiva nas estruturas escolares. O projeto se concentra no desenvolvimento e implementação de sistemas escolares que protegem as crianças da violência e abuso, incluindo castigo físico e psicológico, e na prevenção do abuso sexual e discriminação de gênero. Um dos elementos essenciais é o estabelecimento de três comitês distintos em cada escola: um comitê de proteção à criança para lidar com problemas específicos que surgem na escola; uma associação de pais, professores ou estudantes para facilitar o diálogo entre estes grupos e com a comunidade; e um conselho estudantil para promover a comunicação entre os estudantes, ajudá-los a se organizarem e a lidar com os problemas que os afetam.
- Em junho de 2015, a campanha #PurpleMySchool foi lançada pela UNESCO, PNUD e *Being LGBTI* na **Ásia**, com o objetivo de assegurar que os ambientes educacionais estejam livres do *bullying* e da discriminação com base na orientação sexual e identidade ou expressão de gênero. A campanha encoraja os colegas, professores e pais a se tornarem aliados dos estudantes LGBTI. Simpatizantes foram encorajados a usar, desenhar ou criar qualquer coisa na cor roxa e enviar fotos para o *site* da campanha ou compartilhar a campanha nas redes sociais usando a *hashtag* #PurpleMySchool. As escolas e universidades também apoiaram a campanha por meio dos esportes, jogos, uso de roupas roxas, compartilhamento de adesivos, velas, panfletos e balões, bem como organizando visitas de famosos ativistas e celebridades LGBTI.¹⁶⁸

■ 3.5 Serviços e apoio

Mecanismos de denúncia efetivos, acessíveis, confidenciais e amigáveis às crianças, sua idade e gênero, e o conhecimento de que serão tomadas medidas de modo a não os expor a um risco maior, são essenciais para as vítimas e testemunhas do *bullying*. Mecanismos de denúncia e reclamação devem ser um componente central de um robusto sistema nacional de proteção à criança, atuando como um recurso para crianças e adolescentes e também como um sistema de encaminhamento para os que precisarem de conselho e assistência.

Exemplos de mecanismos de denúncia utilizados incluem o serviço de assistência telefônico, salas de bate-papo e denúncias *online*, caixinhas de 'felicidade ou tristeza' e os pontos de contato da escola, como os professores. Em alguns contextos, clubes de meninas têm sido usados como lugares seguros para que as meninas levantem questões sobre a violência sexual e as relatem. Os mecanismos devem ser acessíveis para todas as crianças e adolescentes e devem levar em consideração as barreiras que alguns deles enfrentam ao denunciarem a violência escolar e o *bullying*.

- Na Província de Ontário, no **Canadá**, o Plano de Ação Abrangente para as Escolas Receptivas exige que cada escola tenha uma equipe confiável e receptiva e um plano de prevenção e intervenção ao *bullying* já pronto. Também foram desenvolvidos diversos recursos de apoio, incluindo o *Kids Help Phone* para fornecer orientação e informações de encaminhamento sobre o *bullying* e segurança *online*, um guia para apoiar os pais em seu entendimento sobre *bullying* e o *cyberbullying* e os mecanismos para reforçar a segurança *online* da criança e a cidadania digital.
- Junto com o Plano de Ação de 2011, o Conselho Maior para Infância, no **Líbano**, introduziu um serviço de assistência telefônica para as crianças com suporte técnico oferecido pela empresa italiana *Telefono Azzurro*, que ajuda as crianças a entrarem rapidamente em contato com uma equipe de profissionais. Ela consiste em um mecanismo de denúncia e reclamação, suporte técnico *online*, bem como encaminhamento e orientação.

¹⁶⁸ Ver a campanha *Purple My School*, disponível em: <https://medium.com/being-lgbti-in-asia/purplemyschool-campaign-making-educationsafer-for-lgbtistudents-9060a05413f4>.

- O Plano **Quênia** e o *Childline Kenya* disponibilizaram um serviço de assistência telefônica 24 horas para as crianças. Lançado em março de 2008, o serviço oferece assistência preventiva e de amparo por meio de encaminhamentos e estruturas de apoio na escola. O Departamento de Assistência Infantil dispõe de funcionários para operações de resgate, procedimentos jurídicos e preparação dos processos das crianças. O número de três dígitos associado ao serviço é fácil de memorizar e gratuito para todos os tipos de tecnologia telefônica.¹⁶⁹
- Nos **Países Baixos**, o *Kindertelefoon* é um serviço de assistência anônimo para crianças menores de 18 anos discutirem uma série de questões, incluindo o *bullying* na escola. No *site*, crianças também podem entrar no *chat* de bate-papo para conversar com um voluntário treinado em sessões que duram até 30 minutos. Um estudo comparativo sobre os efeitos de entrar em contato com a organização por telefone ou pelo serviço confidencial *online* mostrou que crianças que contataram o *Kindertelefoon* pelos dois métodos sentiram um maior bem-estar e uma redução da severidade de seus problemas.
- Como parte do projeto do Aprenda sem Medo, na **Malawi**, caixinhas de ‘felicidade e tristeza’ foram introduzidas para incentivar a denúncia da violência e abuso na escola por crianças e adolescentes. Algumas questões enfatizadas por meio das caixas incluíram o *bullying*, castigo físico e privação de comida e trabalho na casa dos professores. Uma avaliação feita em 2010 mostrou que as caixas foram uma iniciativa inovadora e bem-sucedida. De todos os projetos de atividades, as caixas foram as que receberam a melhor avaliação pelos participantes e tanto os professores quanto os estudantes as consideraram uma medida efetiva para denúncia e proteção das crianças.
- Como parte do projeto da USAID Comunicação para Mudança da **República Democrática do Congo**, professoras que haviam trabalhado previamente como mentoras no projeto USAID foram cuidadosamente selecionadas e treinadas como ponto de contato para os estudantes relatarem a violência escolar baseada em gênero. Após os meninos reclamarem que eles se sentiam desconfortáveis em relatar suas experiências com a violência para professoras do sexo feminino, o projeto incluiu um professor e uma professora em cada escola para atuarem como ‘professores de contato’.
- Em **Butão**, o UNICEF estabeleceu um sistema de proteção à criança em colaboração com os mosteiros budistas. Mais de 4.000 crianças vivem e estudam em mosteiros, com frequência enviadas por pais que não podem arcar com os custos das escolas. O novo sistema de proteção à criança oferece às ordens monásticas acesso à polícia e a serviços públicos de amparo à criança. Ele oferece à criança uma alternativa para denunciar a violência, negligência, maus tratos ou abuso. São organizadas oficinas de direitos das crianças para os estudantes, professores e monges superiores, e um oficial responsável pela proteção da criança fica hospedado permanentemente nos mosteiros.

As vítimas, testemunhas e praticantes da violência e do *bullying* também devem ter à sua disposição um sistema de orientação e apoio seguro, facilmente acessível, amigável às crianças, confidencial e independente; no caso dos praticantes, tal suporte deverá ajudá-los com os problemas que estimulam esse tipo de comportamento.

As estratégias utilizadas incluem treinar professores para que se tornem os pontos de contato principais e, como “guardiões” ou “mentores”, forneçam orientação; recrutar especialistas, como conselheiros ou assistentes sociais, para que lidem diretamente com os estudantes envolvidos; e ajudar voluntários e colegas da comunidade. Em alguns contextos, as escolas têm estabelecido sistemas de encaminhamento para tornar os serviços de saúde, entre outros, acessíveis às crianças e adolescentes.¹⁷⁰ O sistema de apoio também deve estar disponível aos professores e outros funcionários expostos à violência ou ao *bullying* por seus colegas ou estudantes.

- A **República da Coreia** instituiu um centro de apoio no hospital geral local, que fornece suporte médico, jurídico e orientação.¹⁷¹ Estabelecido inicialmente para as mulheres vítimas de crimes sexuais, os serviços dos centros, desde então, foram ampliados para incluir vítimas da violência doméstica e escolar. Também há uma rede nacional de orientação e proteção juvenil e outros serviços para os jovens.¹⁷²
- Na **Jamaica**, os orientadores escolares são treinados para aconselhar os estudantes que enfrentam problemas, incluindo a violência. Além disso, acumulam outras responsabilidades com relação à orientação acadêmica e a carreira profissional dos estudantes, sendo que um relatório do programa *Jamaica Safe Schools* observou que os orientadores estavam sobrecarregados. Aperfeiçoamentos recentes incluem o desenvolvimento e estabelecimento de certificado de acreditação e um código de ética internacionalmente reconhecido para os conselheiros de orientação.

169 PLAN INTERNATIONAL. *Learn without Fear Campaign: campaign progress report*. 2010.

170 Ver WHO. *Preventing youth violence: an overview of the evidence*. Geneva, 2015.

171 REPÚBLICA DA COREIA. Centro de apoio ONE-STOP para vítimas de violência sexual. *História da Polícia de Seul: Notícias de Segurança*, 04 jul. 2014. Disponível em: <<http://smartsmpa.tistory.com/1306>>.

172 REPÚBLICA DA COREIA. *Policy guide*. Disponível em: <http://www.mogef.go.kr/korea/view/policyGuide/policyGuide07_03_01.jsp>.

- Nos **Estados Unidos**, foi introduzida uma estratégia nas escolas para se trabalhar com crianças problemáticas e violentas chamada Soluções Colaborativas e Proativas. Os resultados iniciais foram muito promissores: as escolas reportaram 80% de reduções em suspensões, encaminhamentos disciplinares e incidentes de agressão pelos colegas. A estratégia prevê a alocação de orientadores para trabalharem próximos às crianças mais problemáticas e agressivas na escola, desenvolvendo estratégias que funcionam melhor que as punições tradicionais ao atenderem suas necessidades e mudarem seu comportamento.
- Em **Gana** e no **Malawi**, voluntários de confiança da comunidade foram treinados para trabalharem como orientadores para o programa *Safe Schools*, da USAID, cujo foco é violência escolar baseada em gênero. Entre os voluntários estão líderes de vilarejos, funcionários e participantes de associações de pais e professores ou comitês comunitários. Todos foram treinados em habilidades básicas como aprender a ouvir, direitos e deveres das crianças e métodos para prevenir, combater e denunciar os incidentes de violência. Também foram treinados para fornecer apoio confidencial e amigável aos estudantes, bem como encaminhá-los aos profissionais adequados. Durante a avaliação final, os estudantes, principalmente meninas, relataram que os serviços de orientação foram úteis. Os oficiais de educação e gestores também observaram que os orientadores não estavam apenas salvando as vítimas, mas também lidando com problemas como conflitos e controle da raiva.
- No **Japão**, o apoio e orientação de colegas é tido como uma maneira especialmente eficaz de lidar com o *ijime*, um tipo de *bullying* que envolve a exclusão social dos estudantes. Várias formas de apoio dos colegas têm sido usadas, incluindo o treinamento de estudantes mais velhos para que ajudem os mais jovens, particularmente aqueles que estão passando do ensino fundamental para o médio, e formas anônimas de apoio de colegas, que inclui um sistema de envio de *e-mails*. Algumas escolas também usam o Método de Pergunta e Resposta, onde os estudantes submetem problemas de forma anônima em uma caixa e colegas apoiadores dão possíveis soluções por meio de um folheto ou informativo escrito, disponibilizado para todas as crianças.¹⁷³



No Japão, o apoio e a orientação entre colegas é uma maneira eficiente de lidar com o *bullying*. Foto tirada no Japão. KPG_Payless/Shutterstock.com.

MEDIDAS REPARADORAS

Processos reparadores incluem: um conjunto de princípios ou valores que definem o papel que tais processos terão na comunidade; treinamento de pessoal fundamental utilizando uma abordagem reparadora; fortes estratégias de comunicação; discussões em grupos que ofereçam um fórum para construir confiança e comprometimento para a ação; e presença voluntária em encontros para reunir todos os grupos, enfatizando uma abordagem que envolva toda a escola e toda a comunidade, a fim de obter consenso.

Em alguns contextos, as escolas usam abordagens reparadoras como uma alternativa às medidas disciplinares tradicionais, como a suspensão e expulsão, para ajudar a reintegrar os agressores de volta à comunidade escolar em vez de agravar o risco do isolamento e reincidência.¹⁷⁴ Tais práticas incluem a mediação entre vítima e agressor, conferência de grupo e círculos apaziguadores e reparadores. Elas podem envolver a resolução de estilos de ensino conflitantes, treinar os estudantes mediadores para resolverem conflitos entre seus colegas e estabelecer associações de pais e professores para desempenharem um papel de apoio no processo de mediação.¹⁷⁵ Evidências disponíveis sugerem que tais práticas podem ter efeitos positivos, que incluem: melhora da frequência, ambiente e cultura; maior engajamento da comunidade e pais; diminuição do uso de disciplinas exclusivas; maior coesão entre estudantes; menores níveis de brigas e de *bullying*.

173 JAMES, A. *The use and impact of peer support schemes in schools in the UK and a comparison with use in Japan and South Korea*. 2011. (Doctoral Thesis) – Goldsmiths, University of London.

174 MORRISON, B. School bullying and restorative justice: Towards a theoretical understanding of the role of respect, pride and shame. *Journal of Social Issues*, v. 62, n. 2, p. 371-392, 2006.

175 Ver, por exemplo, o Programa de Coexistência Nacional em Centros Educativos na Costa Rica, disponível em: <<http://www.mep.go.cr/sites/default/files/recursos/archivo/convivir.pdf>>.

3.6 Dados, monitoramento e avaliação

São necessários dados exatos, confiáveis e abrangentes sobre a prevalência, natureza e causas da violência escolar e do *bullying* que estabeleça uma base de informações para a elaboração de políticas, planejamento e orçamento. Os dados também são essenciais para quantificar os custos da violência e do *bullying* e o retorno do investimento na prevenção. O monitoramento e a avaliação são fundamentais para entender o que funciona em diferentes contextos e fortalecer a base de evidências para realizar intervenções efetivas que previnam e combatam a violência escolar e o *bullying*. Entretanto, há falhas significativas nos dados e evidências disponíveis, o que gera diversos desafios:

- Falta de definição de padrões globais, por exemplo, em que consiste o *bullying*.
- Dados sobre a violência escolar e o *bullying* recebem baixa prioridade, especialmente em países com recursos limitados para o setor de educação, e alguns tipos de violência são melhores rastreados do que outros.
- Com frequência, o número de casos relatados de violência escolar e de *bullying* não corresponde à sua ocorrência real, portanto informações disponíveis sobre o tema são limitadas e incompletas.
- Falta de dados comparáveis, por exemplo, as pesquisas existentes cobrem diferentes grupos etários e medem diferentes comportamentos e períodos, *e.g.* ter sofrido *bullying* no ano interior, nos últimos 2 meses e nos 30 últimos dias.
- Falta de dados discriminados por gênero, idade, deficiência e outras características.
- Ausência de avaliações das intervenções para que se determine sua efetividade, bem como as mudanças necessárias para melhorá-la.

Esses desafios dificultam a formulação de estimativas sobre tendências ou prevalências globais, ou avaliações que sejam precisas, consistentes e representativas. Alguns esforços têm sido feitos para superar estes desafios. Por exemplo, o UNICEF, a partir de seis programas de pesquisa que cobrem 145 países, está divulgando uma base de dados mundial sobre o *bullying* usando dados recentes sobre sua prevalência entre jovens de 11 a 15 anos.¹⁷⁶ A base de dados irá possibilitar uma análise da prevalência do *bullying* por idade e sexo, mostrar como os índices de prevalência são afetados por diferentes definições utilizadas por programas de pesquisa,¹⁷⁷ e contribuir ao processo de desenvolvimento de indicadores internacionalmente aceitos para medir o *bullying* e o *cyberbullying*. Entretanto, há uma necessidade urgente por indicadores padronizados e aceitos, bem como mecanismos e ferramentas efetivas para melhorar a medição e monitoramento da violência escolar e do *bullying* e suas futuras respostas.

3.7 Exemplos de programas

Na **Finlândia**, a *KiVa* é um programa nacional de combate ao *bullying* desenvolvido para as escolas finlandesas. Trata-se de um programa de pesquisa desenvolvido pela Universidade de Turku com o incentivo do Ministério Finlandês da Educação e Cultura.¹⁷⁸ O programa, que iniciou em 2009, e conta com três elementos principais – prevenção do *bullying*, atenção aos casos individuais, monitoramento da mudanças e retorno às escolas – está sendo implementado em 90% das escolas do país.¹⁷⁹ Os resultados do programa, avaliados em uma série de estudos¹⁸⁰, mostram que os índices nacionais de *bullying* e vitimização diminuiram desde a sua introdução.

Na **Noruega**, o Programa *Olweus* de prevenção ao *bullying* é um modelo de abordagem para reduzir e prevenir o *bullying*. Ele forneceu a fundamentação para a adoção de uma legislação de combate ao

176 WHO, *Health behaviour in school-aged children*. Geneva, 2015; WHO. *Global School-based Student Health Surveys: trends in mathematics and science study; children's world report*. Geneva, 2015; GEM. *Second Latin American Laboratory for Assessment of the Quality of Education*, 2008. (Assessment Gems Series). GEM. *Third Latin American Laboratory for Assessment of the Quality of Education*, 2015. (Assessment Gems Series). Regional Comparative and Explanatory Studies.

177 Ver RICHARDSON, Dominic; CHII Fen Hiu. *Developing a global indicator on bullying of school-aged children*. New York: UNICEF, Office of Research, Innocenti Research Centre, Apr. 2016.

178 KIVA INTERNATIONAL. Disponível em: <<http://www.kivaprogram.net/program/>>.

179 WELIVESECURITY. Disponível em: <<http://www.welivesecurity.com/2016/07/26/cyberbullying-fnland-kiva/>>.

180 Na Finlândia, em 2011, o KiVa foi bastante avaliado, inclusive por um estudo clínico randomizado controlado que envolve 117 escolas no grupo de intervenção e 117 escolas no grupo de controle.

bullying para proteger as crianças em idade escolar na Noruega e Suécia.¹⁸¹ Com base nisso, o governo norueguês adotou um Manifesto contra o *Bullying*, convocando a ação colaborativa de diversos setores interessados e contando com objetivos concretos para promover e monitorar o progresso. O programa foi implementado em larga escala nas escolas primárias e secundárias na Noruega desde 2001¹⁸² e também tem sido implementado em outros países, incluindo Canadá, Croácia, Inglaterra, Alemanha, Islândia, Suécia e Estados Unidos. O programa funciona no âmbito escolar, de sala de aula e individual, e inclui métodos que envolvem e garantem o apoio dos pais e da comunidade. Ele enfatiza a responsabilidade de adultos e tutores para assegurar a participação das crianças nas decisões, para que adquiram as habilidades necessárias para prevenir o *bullying* e ajam como bons modelos de conduta.¹⁸³ Administradores escolares, professores e outros funcionários são os principais responsáveis por implementar o programa, porém ele também ressalta a participação de todos os estudantes, de modo que aqueles que sofrem e praticam o *bullying* possam receber intervenções individualizadas adicionais. O objetivo central é melhorar as relações entre os colegas e tornar as escolas um lugar mais seguro e positivo para que os estudantes aprendam e se desenvolvam.¹⁸⁴ Foi provado que o programa reduziu o *bullying* entre os estudantes, melhorou o ambiente social das salas de aula e reduziu os comportamentos antissociais entre os subgrupos de gênero e ano escolar.

O programa *Safe and Enabling School Environment*, na **Croácia**, foi implementado pelo UNICEF em parceria com o Ministério da Ciência, Educação e Esporte e a agência de educação e treinamento de professores para proteger as crianças da violência escolar e do *bullying*. Ela consiste de duas partes – uma campanha pública chamada “Pelo Fim da Violência contra as Crianças” para conscientizar sobre a agressão e o *bullying* nas escolas e promover mudança social, bem como intervenções nas escolas para prevenir e combater a violência e tornar as escolas seguras, incluindo o envolvimento de crianças na elaboração de políticas escolares e ações para reduzir a violência. Mais de 4.500 professores foram treinados e 301 escolas implementaram o programa entre 2003 e 2011, especialmente escolas de ensino fundamental. Uma avaliação em 2008 mostrou uma redução da incidência frequente do *bullying* de 10% para 5% e uma redução no número de crianças que praticam *bullying* com outras de 13% para 3%. Crianças e professores também se tornaram mais capazes de reconhecer o *bullying* e mais bem preparados para impedi-lo, e mais de 80% dos estudantes sabiam a quem recorrer em caso de ajuda. Programas similares foram lançados posteriormente na Sérvia, Bulgária, Montenegro, Eslovênia e Cazaquistão.

Uma prioridade crucial da política *Family Promotion* lançada em 2014 pelo governo de **Ruanda** é o desenvolvimento e implementação de um sistema nacional de proteção infantil em Ruanda. O sistema adota uma abordagem multisectorial na prevenção e combate à violência, negligência e exploração das crianças. No plano nacional, as autoridades responsáveis pela proteção das crianças estão trabalhando junto ao Ministério da Educação para fortalecer as parcerias nos seguintes setores de atuação: revisar o código de conduta de professores e assegurar que cada professor tenha um código de conduta; promover educação entre pares por meio dos clubes infantis *Speak Out*; fortalecer os sistemas de orientação nas escolas; desenvolver meios de encaminhamento práticos para a denúncia de alegações e incidentes de violência, abuso, negligência e exploração nas escolas; promover as escolas não violentas.

O modelo de programa *Safe School*, da USAID, testado em **Gana** e no **Malawi** de 2003 a 2008, tinha por objetivo a redução da violência baseada em gênero na escola e em seu entorno, por meio de um conjunto de intervenções integradas nos planos nacional, institucional e local, o qual incluíam: atividades nacionais conscientizadoras junto aos diversos setores interessados; revisões no Código de Conduta dos Professores; treinamento para os professores sobre como reconhecer, prevenir e combater a violência baseada em gênero; e conscientização da comunidade. Os resultados incluem: uma mudança nas atitudes dos professores com relação à tolerância ao castigo físico nos meninos; maior conscientização dos professores sobre o assédio sexual sofrido por meninas e meninos na escola; e maior conscientização dos estudantes sobre seu direito de não serem feridos ou maltratados. No Malawi, o número de professores que alegaram saber como denunciar a violação do Código de Conduta aumentou mais de 30%, e virtualmente todos eles se mostraram cientes sobre sua responsabilidade em relatar a violação. O relatório final recomendou que futuros programas encorajem a realização de mudanças sustentáveis e a longo prazo por meio de uma abordagem de gênero que envolva toda a escola, redefina a disciplina em sala de aula com professores e

181 VIOLENCE PREVENTION WORKS. Disponível em: <<http://www.violencepreventionworks.org/public/index.page>>.

182 VIOLENCE PREVENTION WORKS. *A brief history of the Olweus Bullying Prevention Program*. Disponível em: <http://www.violencepreventionworks.org/public/olweus_history.page>.

183 OFFICE SRSQ ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Tackling violence in schools: a global perspective bridging the gap between standards and practice*. New York, 2012.

184 CECIL, Heather; MOLNAR-MAIN, Stacie. *Journal of School Violence*, v. 14, n. 4, p. 335-362, 2015.

país e ressalte os direitos e responsabilidades das crianças. O teste tem sido implementado na República Dominicana, Senegal, Iêmen, Tajiquistão e República Democrática do Congo.¹⁸⁵

A campanha Aprenda sem Medo, do *Plan Internacional*, um esforço global para acabar com a violência contra as crianças nas escolas, foi lançado em 2008. A campanha abordou uma série de questões sobre a violência, incluindo o abuso sexual, negligência, abuso verbal e emocional, castigo físico, *bullying*, violência entre colegas, gangues de jovens, assédio a caminho e na volta da escola, e o uso de armas na escola e em seu entorno. Seu objetivo era difundir essas questões entre o público e persuadir os governos, escolas e outros atores essenciais sobre a necessidade de agir. A abordagem tem como base um plano com sete requisitos:

- Trabalhar junto aos governos para desenvolver leis contra a violência escolar e colocá-las em práticas.
- Trabalhar com parceiros para desenvolver mecanismos de denúncia e encaminhamento para crianças afetadas pela violência escolar e lutar pelo estabelecimento ou expansão dos serviços de assistência telefônica voltados às crianças.
- Reconhecer as crianças e adolescentes como parceiros relevantes no desenvolvimento de estratégias e soluções para combater a violência nas escolas.
- Trabalhar junto aos governos para estabelecer sistemas de coleta de dados e conduzir pesquisas para determinar a amplitude da gravidade da violência nas escolas.
- Garantir que os governos e organizações internacionais reservem recursos suficientes para lidar com a violência nas escolas.
- Atuar junto a agências da ONU, doadores multilaterais, bancos de desenvolvimento e ONGs internacionais para aumentar o apoio aos governos no combate à violência nas escolas.
- Trabalhar junto aos estudantes, pais, funcionários, autoridades educacionais e a comunidade para eliminar a violência das escolas.

Em 2010, a campanha Aprenda sem Medo atuava em 44 países. Ela contribuiu para realizar mudanças na legislação, criação de escolas e comunidades mais seguras e para aumentar a conscientização sobre o problema da violência nas escolas. Em dois anos, as mensagens da campanha contra a violência alcançaram 94 milhões de adultos e crianças por meio de programas de rádios e de televisão, panfletos, sessões de treinamento e oficinas. As crianças participaram de todos os aspectos da campanha, desde o seu planejamento no Malawi e no Egito, até programas de rádio no Senegal e colaborações artísticas regionais na Ásia. No mesmo período, a campanha treinou mais de 19.000 professores em métodos de ensino não violentos. Como resultado, 3 dos 44 países relataram aumentos das práticas de não violência entre educadores. A campanha também contribuiu para melhorar os mecanismos que dão às crianças a oportunidade de relatar incidentes de violência nas escolas em 27 dos 44 países; além disso, 336 países forneceram acesso a suporte médico para ferimentos associados à violência escolar, e 28 forneceram serviços de orientação para as crianças afetadas.

Outros projetos, previamente mencionados nesta seção, que tiveram um impacto significativo, incluem o projeto Pelo Fim da Violência contra as Meninas, do *Action Aid*, na **África Oriental**,¹⁸⁶ que reduziu a violência baseada em gênero, e o projeto *Good School Toolkit* em **Uganda**, que reduz a violência e o castigo físico nas escolas.¹⁸⁷

185 Ver USAID; DEVTECH. Safe schools project final report. 2008. In: UNESCO-UIS. *Data for Sustainable Development Goals*. Disponível em: <<http://www.uis.unesco.org/Library/Documents/gmr-2013-14-teaching-and-learning-education-for-all-2014-en.pdf>>.

186 Ver UNGEI. *Stop violence against girls in schools: a cross-country analysis of change in Ghana, Kenya and Mozambique*. ActionAid International, 2013. Disponível em: <http://www.ungei.org/files/Actionaid_Stop_Violence_Against_at_school_project-endline_full_report_Oct_2013-LOW.pdf>.

187 Ver RAISING VOICES. Disponível em: <<http://raisingvoices.org/good-school/>>.

4. Ações prioritárias

SEIS AÇÕES PRIORITÁRIAS PARA COMBATER A VIOLÊNCIA ESCOLAR E O BULLYING



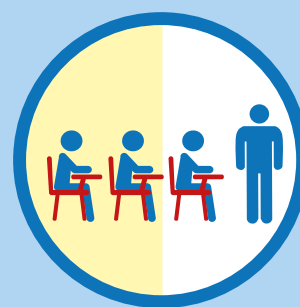
**FORTALECER
A LIDERANÇA**



**PROMOVER A CONSCIENTIZAÇÃO
SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR
E O BULLYING**



**ESTABELECE PARCERIAS E
PROMOVER A PARTICIPAÇÃO
DE CRIANÇAS E JOVENS**



**CAPACITAR A EQUIPE
DE FUNCIONÁRIOS
E ESTUDANTES**



**ESTABELECE SISTEMAS
DE DENÚNCIA**



**REFORÇAR OS DADOS
E AS EVIDÊNCIAS**

Esta seção resume as ações prioritárias necessárias para superar os principais desafios e combater a violência escolar e o bullying, de forma que todas as crianças e adolescentes tenham acesso a ambientes de aprendizagem seguros e inclusivos.¹⁸⁸ Essas ações prioritárias também são essenciais para realizar a Agenda 2030, em particular o ODS 4 e o ODS 16, e os objetivos do programa Parcerias Globais para o Fim da Violência contra as Crianças¹⁸⁹, criado recentemente.

1. Fortalecer a liderança e compromisso para eliminar a violência escolar e o bullying.

Especificamente:

- Implementar e colocar em prática uma legislação nacional abrangente para proteger as crianças e adolescentes da violência escolar e do *bullying*, incluindo leis que proibam o castigo físico nas escolas.
- Alocar recursos humanos e financeiros adequados para a implementação efetiva em todos os níveis e suporte para todos os responsáveis pela implementação de leis e políticas, tais as autoridades educativas e funcionários locais.
- Desenvolver e implementar políticas e códigos de conduta para funcionários de escola e estudantes para prevenir e combater a violência escolar e o *bullying* nos âmbitos local, nacional e escolar.

2. Promover a conscientização sobre a violência contra as crianças, os benefícios das escolas sem violência e o impacto prejudicial da violência escolar e do bullying.

Especificamente:

- Promover a conscientização entre formuladores de políticas, profissionais da educação e outros funcionários, pais, crianças e adolescentes sobre a violência contra as crianças e o impacto negativo da violência escolar e do *bullying*.
- Promover abordagens não violentas para a gestão e disciplina de sala de aula.
- Implementar intervenções para mudar as atitudes e normas sociais que condenam ou perpetuam a violência contra as crianças e adolescentes.
- Educar os formuladores de política, professores, pais, crianças e adolescentes sobre o *cyberbullying* e as medidas que podem ser adotadas para preveni-lo e combatê-lo.

3. Estabelecer parcerias, incluindo a participação de crianças e adolescentes para combater a violência escolar e o bullying.

Especificamente:

- Estabelecer colaborações interdisciplinares para prevenir e combater a violência escolar e o *bullying*.
- Desenvolver e implementar programas nacionais que identificam os papéis de todos os setores interessados, em todos os níveis.
- Trabalhar com crianças e adolescentes como parceiros iguais no planejamento e implementação de ações para reduzir a violência escolar e o *bullying*, também por meio da capacitação e estabelecimento de estruturas apropriadas para facilitar sua participação formal na gestão escolar.

188 WHO. *Inspire: seven strategies for ending violence against children*. Geneva, 2016.

189 Ver END VIOLENCE AGAINST CHILDREN: THE GLOBAL PARTNERSHIP. Disponível em: <www.end-violence.org>.

- Trabalhar em parcerias com pais e comunidades para garantir seu apoio a medidas que previnam e combatam a violência escolar e o *bullying*.

4. Capacitar a equipe educacional e os estudantes a prevenir e combater a violência escolar e o *bullying*.

Especificamente:

- Fornecer treinamento e apoio aos gestores e comitês de gestão escolar, diretores, professores e outros funcionários, para que possam prevenir, identificar e combater a violência escolar e o *bullying*.
- Garantir que o treinamento dos professores inclua abordagens positivas, não violentas e que aborde gênero desde a gestão e a disciplina em sala de aula.
- Identificar oportunidades para lidar com a questão da violência e do *bullying*, promover a não violência e desenvolver conhecimento, atitudes e habilidades relativas a isso dentro do currículo escolar e fornecer aos professores acesso à informação, recursos e materiais de apoio.
- Construir a capacidade de crianças e adolescentes de reconhecer, prevenir e responder à violência e ao *bullying*, incluindo a construção de conhecimento, valores e habilidades necessárias.

5. Estabelecer sistemas para denunciar a violência escolar e o *bullying* e fornecer suporte e serviços.

Especificamente:

- Estabelecer mecanismos de denúncia e reclamação seguros, confidenciais, amigável às crianças e que levem em consideração o gênero, de forma a possibilitar que vítimas e testemunhas denunciem a violência e o *bullying* de forma segura e sem medo de repressão, e assegurar que todas as crianças e adolescentes saibam da existência desses mecanismos.
- Fornecer orientação segura, confidencial, amigável às crianças e que leve em conta o gênero e outros serviços de apoio para as vítimas, agressores e testemunhas.

6. Melhorar os dados e evidências sobre as causas, natureza, extensão e impacto da violência escolar e do *bullying* e suas respostas efetivas.

Especificamente:

- Chegar a um consenso com relação a um conjunto considerável e válido de indicadores e metodologias sólidas de dados que possibilitem relatórios consistentes e garantam estimativas sobre a prevalência da violência escolar e do *bullying* sejam confiáveis e internacionalmente comparáveis.
- Fortalecer a pesquisa sobre a natureza e causas da violência e do *bullying*.
- Fortalecer o monitoramento do *bullying* em países onde ele tem sido menos vigiado até a presente data.
- Investir em monitoramento e avaliação da efetividade, eficiência e impacto das intervenções.

Bibliografia

- OFFICE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Annual report to the Human Rights Council A/31/20*. New York, 2016. Disponível em: <http://srsg.violenceagainstchildren.org/sites/default/files/documents/docs/a_HRC_31_20_EN.pdf>.
- OFFICE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Background paper on protecting children from bullying and cyberbullying*. New York, 2016.
- OFFICE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Ending the torment: tackling bullying from the schoolyard to cyberspace*. New York, 2016.
- OFFICE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Information and communication technologies: maximising children's potential and protecting children from online violence, including sexual exploitation*. New York, 2012.
- OFFICE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Releasing children's potential and minimizing risks: ICTs, the Internet and violence against children*. New York, 2014.
- OFFICE SRSG ON VIOLENCE AGAINST CHILDREN. *Tackling violence in schools: a global perspective bridging the gap between standards and practice*. New York, 2012.
- UNESCO. *Jogo aberto: respostas do setor de educação a violência com base na orientação sexual e na identidade/expressão de gênero*. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002446/244652por.pdf>>.
- UNESCO. *Stopping violence in schools: a guide for teachers*. Paris, 2011. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001841/184162e.pdf>>.
- UNESCO; UN WOMEN. *Global guidance on addressing school-related gender-based violence*. Paris, 2016.
- UNICEF. *Hidden in plain sight: a statistical analysis of violence against children*. New York, 2014.
- UNICEF. *World report on violence against children*. New York, 2006.
- UNITED NATIONS. *Protecting children from bullying: report of the Secretary-General*. New York, 2016.
- WHO. *Inspire: seven strategies for ending violence against children*. Geneva, 2016.



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Representação no Brasil

A violência escolar e o *bullying* ocorrem em todo o mundo e afetam uma proporção significativa de crianças e adolescentes. Ambos têm impacto negativo nos resultados educacionais das crianças e prejudicam sua saúde física e seu bem-estar emocional.

Este relatório visa a fornecer uma visão geral dos dados mais atuais disponíveis sobre a natureza, a extensão e o impacto da violência escolar e do *bullying*, bem como dos esforços para lidar com o problema. O relatório foi preparado pela UNESCO e o *Institute of School Violence and Prevention na Ewha Womans University* para o Simpósio Internacional sobre Violência Escolar e *Bullying: das Evidências à Ação*, Seul, República da Coreia, de 17 a 19 de janeiro de 2017.

Em cooperação



INSTITUTE OF
SCHOOL VIOLENCE PREVENTION
EWHA WOMANS UNIVERSITY

